

alter

ibi





alter

ibi

REVISTA ALTER IBI, volume 1, n. 1
2014, ISSN 2183-2927

Centro de Investigação e de Estudos
em Belas-Artes da Faculdade de Belas-Artes
da Universidade de Lisboa

Arqueologia e Arte em Prol do Desenvolvimento
Humano (ARCHEART), Brasil

Unidade de Arqueologia do Departamento
de Geologia da Universidade de Trás-os-Montes
e Alto Douro (UTAD), Portugal

Periodicidade: Bi-anual

Edição: Luís Jorge Gonçalves,

Cristiane Buco, Mila Simões de Abreu

Relações públicas: Teresa Sabido

Logística: Lurdes Santos

Gestão financeira: Cristina Fernandes,

Isabel Pereira, Andreia Tavares

Propriedade e serviços

administrativos:

Faculdade de Belas-Artes

da Universidade de Lisboa / Centro

de Investigação e de Estudos

em Belas-Artes — Largo da Academia

Nacional de Belas-Artes, 1249-058

Lisboa, Portugal

T: 213 252 108 F: 213 470 689

Projeto gráfico: Tomás Gouveia

Imagens da capa: Seixos de um ribeiro

da Serra da Capivara e pinturas rupestres

da Serra Branca (Serra da Capivara)

Impressão: Editorial Min. da Educação

Tiragem: 350 exemplares

Depósito legal: 377265/14

PVP: 10€

ISSN: 2183-2927

ISBN: 978-989-8300-97-3

Aquisição de exemplares,

assinaturas e permutas:

Revista ALTER IBI

Faculdade de Belas-Artes

da Universidade de Lisboa / Centro

de Investigação e de Estudos

em Belas-Artes — Largo da Academia

Nacional de Belas-Artes, 1249-058

Lisboa, Portugal

T: 213 252 108 F: 213 470 689

U
LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



CIE
B.F.



I CONGRESSO INTERNACIONAL DE “GESTÃO DO PATRIMÓNIO GLOBAL”

A ARTE RUPESTRE E OS PROBLEMAS DA SUA
GESTÃO E CONSERVAÇÃO NO PRESENTE

AUDITÓRIO DO IFPI

— SÃO RAIMUNDO NONATO, PI

24-25 FEVEREIRO 2014

ORGANIZAÇÃO

Faculdade de Belas-Artes da

Universidade de Lisboa (FBAUL),

Portugal; Arqueologia e Arte em Prol do

Desenvolvimento Humano (ARCHEART),

Brasil; Unidade de Arqueologia

do Departamento de Geologia da

Universidade de Trás-os-Montes

e Alto Douro (UTAD), Portugal

EM PARCERIA

— Instituto Federal de Educação, Ciência

e Tecnologia do Piauí, Campus São

Raimundo Nonato (IFPI), Brasil

— Instituto Chico Mendes da Conservação

da Biodiversidade (ICMBIO), Brasil

— Instituto do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional (IPHAN), Brasil

— Cambridge Serra da Capivara Society

(CSCA), Cambridge, Reino Unido

— Projeto 4 Dimensões (P4D), Coronel

José Dias, Piauí, Brasil

— Società Cooperativa Archeologica

«Le Orme dell'Uomo» (SCALOU),

Valcamónica, Itália

— Federação Internacional das

Organizações de Arte Rupestre (IFRAO)

LOCAL

Auditório do IFPI

— São Raimundo Nonato, PI

PROGRAMA DO CONGRESSO

COMUNICAÇÕES E MESAS-REDONDA

SOBRE AS TEMÁTICAS

— Gestão e infra-estrutura

— Turismo e divulgação

— Património e comunidade

CONFERÊNCIAS

COM CONVIDADOS DE HONRA

Professora Doutora Niède Guidon,

FUMDHAM, São Raimundo Nonato, PI

Professora Doutora Mila Simões de Abreu,

Unidade de Arqueologia, Universidade de

Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real,

Portugal

Professor Doutor Luis Jorge Gonçalves,

Faculdade de Belas Artes, Universidade

de Lisboa, Lisboa, Portugal

PROGRAMAÇÃO DO SEMINÁRIO

DIA 21:

Visita ao Desfiladeiro da Capivara,

a Cerâmica Serra da Capivara e a região

da Pedra Furada

DIA 22:

Visita a região da Serra Branca,

Assentamento Zabelê e Baixão

das Andorinhas

DIA 23:

Visita ao Museu do Homem Americano

e laboratórios da FUMDHAM. Churrasco

de convívio “Casa dos Micos” —

Coronel José Dias

COMISSÃO CIENTÍFICA

Mila Simões de Abreu,

Cris Buco, Luis Jorge Gonçalves,

Ana Stela de Negreiros Oliveira,

Fernando Tizianel

com o apoio



Introdução
8-9

1. Conferências

Contar história é preciso
Luís Jorge Gonçalves
13-18

Património Mundial,
Património Global
Mila Simões de Abreu
19-33

O caso da Serra da Capivara,
vinte anos de socialização
do conhecimento através
da arte-educação
Cristiane de Andrade Buco
34-45

Gestão para Proteção
do Patrimônio Ambiental
e Cultural do Parque Nacional
da Serra da Capivara-PI
Fernando A. Tambelini Tizianel
46-52

2. Comunicações

Povos Indígenas em Quadrinhos:
narrativas visuais do artista
brasileiro Sérgio Macedo,
em defesa da preservação
do Patrimônio Cultural Indígena
Cláudia Matos Pereira
54-61

São Luís e os Paradigmas
do Patrimônio cultural
Cíntia dos Santos M. Bispo
62-69

Diagnóstico da conservação
do património Histórico-
-arquitectônico de S. Raimundo
Nonato
Vanessa da Silva Belarmino
& Washington Ramos
dos Santos Junior
70-80

A gestão do património
arqueológico no Estado
de Roraima
Roberto Costa de Oliveira
81-87

O Parque mais próximo
da comunidade
Maria Aparecida Pereira,
Auremília Costa Silva, Eliete
Sousa Silva & Iderlan de Souza
88-94

A arqueologia e a arquitetura
nos projetos de restauração de
imóveis remanescentes da malha
ferroviária piauiense
Ana Camila Moura dos Santos
95-104

Uma rua quase (?) esquecida:
memórias da “Rua de Baixo”,
São Raimundo Nonato — PI
Augusto Moutinho Miranda,
Bruno Vitor de Farias
Vieira, Rafaela Fonseca
de Oliveira, Regiana Coelho
de Souza, Tamires Daniele
de Jesus & Selma Passos
105-111

Trilha Caminhos
dos Maniçobeiros: Memória,
Turismo e Patrimônio Cultural
Ana Stela Oliveira, Joseane
Landin, Rosa Gonçalves &
Elizabeth Buco
112-119

“A Serra Branca tem muita
história para contar”: Memória
e Patrimônio dos Maniçobeiros
do Sudeste do Piauí
Joseane Landin, Ana Stela
Oliveira & Luciano Teixeira
120-127

Gestão e socialização de sítios
arqueológicos de arte rupestre
Getúlio Alípio X. de J. Santos
128-136

Uma análise reflexiva sobre
a educação do Brasil Colonial
Adriano Araújo Lima & Maria
das Graças Tavares Silva
137-142

Behind a ‘NoSQL’ approach in
the development of a
bibliography ‘captabase’ for
rupestrian imagery
Ludwig Jaffe, Mila Simões
de Abreu, Cris Buco
& Maxim Jaffe
143-150

Comunidade e Patrimônio
Natural: algumas experiências
do Quênia
Maxim Simões de Abreu Jaffe
& Mila Simões de Abreu
151-158

Um parque para todos ?
Acessibilidade inclusiva
Tamyris Rocha Santana Jaffe,
Mila Simões de Abreu
& Tiziana Cittadini
159-169

3. Posters

Arqueologia Rupestre, um
contributo ao estudo da Arte
Rupestre Brasileira. O caso do
Testa Branca II, Estreito MA-BR
Ariana Silva Braga
171-178

A utilização dos SIGs como
ferramenta de apoio a análise do
ambiente e gestão do património
arqueológico: um estudo de caso
no semiárido brasileiro
Luana Campos & José
Martinho Lourenço
179-191

Os Remanescentes de Quilombo
como Territórios Criativos:
A Gestão Construtivista
da Memória e da História
Comunitária como fio condutor
para a Gestão de um Patrimônio
Vivo de Interesse Global
Jefferson Crescencio Neri
192-195

Resumos
198

Lista de participantes
210

Gestão do património global e arte rupestre

O património natural e cultural são a nossa herança colectiva que conceptualmente temos vindo a alargar desde que o Homem de Neandertal colecionou os primeiros fósseis. O Homo Sapiens iniciou o processo de produzir o próprio património artístico, que se manifesta na arte rupestre e na arte móvel. No século XV as grandes obras artísticas continuaram a predominar na concepção de património cultural, o século XIX trouxe o património natural, com Yellowstone, mas o século XX alargou os conceitos de património, acompanhado da criação de instituições públicas e privadas e numerosas convenções internacionais e abundante legislação de salvaguarda do património.

No século XXI coloca-se de forma categórica a questão da sua gestão e, conseqüentemente, do estudo e da criação de narrativas em torno do património cultural e natural. Hoje os cursos pré-universitários e universitários da área das ciências do património estão em expansão, dando resposta a exigências sociais que as comunidades têm acentuado nos últimos anos. A área dos estudos de património é ainda um território de transdisciplinaridade entre as artes, as ciências sociais e humanas e as ciências naturais. Para o seu estudo e gestão contribuem os historiadores, os biólogos, os geólogos, os arqueólogos, os artistas plásticos, os designers, os arquitectos, os antropólogos, os conservadores e restauradores, os gestores e economistas, enfim uma vasta gama de profissionais que trabalham nas diversas áreas desta cadeia operatória, que procura preservar e investigar o património cultural e natural e contar histórias.

Neste sentido a museologia, como área da comunicação, tem um papel central, porque é a mediação entre públicos e o património cultural e natural. Na definição do ICOMO, em 2001, um museu é «uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade». Cada espaço de memória, institucionalizado por uma organização local, regional ou nacional, é um espaço museológico, onde o mais importante é dar aos públicos a sua integração na cultura em que vive ou visita. A museologia é a nossa ferramenta de trabalho, porque o museu está presente onde conseguirmos contar uma boa história.

Hoje a gestão do património é também uma preocupação, porque tem um grande potencial na criação de riqueza, nas sociedades onde se insere. As discussões sobre este tema são cada vez mais prementes e foram um incentivo à organização deste I Congresso Internacional de “Gestão do Património Global” que decorreu entre 24 e 25 de Fevereiro de 2014, na Serra da Capivara, um património mundial, onde o património cultural e natural se associa e onde

GONÇALVES, Luís Jorge; BUÇO, Cristiane & ABREU, Mila Simões de (2014) “Gestão do património global e arte rupestre.”

património cultural material e imaterial têm também uma forte presença. Quantas histórias não estão escondidas, por detrás de cada imagem arte rupestre?

Estar na Serra da Capivara é uma presença para o mundo. É discutir a partir do local o global. É debater o actual e os seus problemas, com o passado sempre presente.

O I Congresso Internacional de “Gestão do Património Global” reuniu-se em S. Raimundo Nonato, cidade do interior do Piauí, que é exemplo de como o património global, o Parque Nacional de Serra da Capivara, pode influenciar o desenvolvimento local e neste sentido o encontro procurou reunir experiências, partilhar ideias de vários continentes. A todos os que participaram o nosso obrigado.

Para além do encontro temos a publicação, que será a memória deste encontro, na revista *Alter Ibi*, ou seja, nas línguas latim e tupi a “outra terra”. Será um espaço de encontro entre diferentes terras e diferentes experiências.

Os organizadores,

Luís Jorge Gonçalves
Cristiane Buço
Mila Simões de Abreu

1. Conferências

Contar história é preciso

Luís Jorge Gonçalves

Universidade de Lisboa (ULisboa), Faculdade
de Belas-Artes, Centro de Investigação
e Estudos em Belas-Artes

E-mail:
luisjrg@gmail.com

Resumo: A narrativa é um dos pilares da humanidade. As histórias ligam os grupos, mas reflectem as preocupações do seu quotidiano. A arte rupestre é o reflexo de narrativas que nos escapam, mas que um trabalho etno-arqueológico pode permitir alguma luz. Por outro lado a museologia deve também ser um processo de fazer chegar essas histórias, utilizando suportes visuais que permitam contar boas histórias.

Palavras chave: Narrativa Arte Rupestre
Museologia Ilustração

Abstract: The narrative is one of the pillars of humanity. The stories connect groups, but, also, reflect the concerns of their everyday lives. The rock-art is the reflection of narratives that escape us, but that an ethno-archaeological work may allow some light. In other hand, museology should also be a process to reach these stories, using visual supports that allow to tell good stories.

Keywords: Narrative Rock-Art Museology
Illustration

1. A fogueira e as narrativas

O que distinguiu a espécie *Homo Sapiens* dos outros seres do género *homo* é a nossa capacidade de contar histórias. A fogueira pode ter funcionado como elemento catalisador (Wrangham 2010). Agrupados nas noites frias em torno de uma fogueira um membro predominante do grupo, pela idade, pela sua valentia como caçador, como xamã, contava histórias de outros tempos, de caçadas bem-sucedidas, de outros mundos, para lá do perceptível e se começaram a desenvolver. As histórias uniam os grupos. Davam-lhe a coesão social necessária à sobrevivência colectiva. Cada homem e mulher participava de um grupo. Não era somente a necessidade de sobrevivência quotidiana que unia os *homo sapiens*. O nosso cérebro permitia uma linguagem, a imaginação, ou seja, a capacidade de criar realidades para além da observável.

A expressão das histórias manifestou-se nas danças, nas canções, na música e nas representações plásticas. As comunidades criaram rituais, que hoje designamos de performativos, onde diferentes “manifestações artísticas” contribuíram para narrativas que hoje nos escapam (Lewis-Willians 2002). Ficaram imagens da arte rupestre e da arte móvel, restos de instrumentos musicais, como flautas, vestígios de rituais, como ossadas de animais, pegadas humanas, entre outras, e pouco mais. Faltam-nos as narrativas contadas (Taborin 2004). Em alguns casos podemos ter acesso a essas narrativas, através de velhas histórias que ainda circulam em povos cuja ligação ao passado é mais directa, devido a continuidades muito longas de ocupação dos seus territórios. É o caso dos aborígenes da Austrália, ou dos povos indígenas do Brasil. Estudos como de Cláudia Borges fazem essa associação, por exemplo, entre arte rupestre e práticas rituais de povos indígenas do Xingu (Borges 2008). Também a associação entre pinturas corporais (Vidal 1998) e arte da cestaria de comunidades indígenas, leva-nos a olhar de outro modo para a arte rupestre. As narrativas estão encerradas por detrás das imagens que hoje observamos (Velthem 2003). Essas histórias longínquas chegam-nos de forma fragmentada, mas são importantes para iniciarmos a construção de narrativas.

São histórias que parecem responder a problemas concretos das comunidades, a questão da morte (Lewis-Willians 2002), da continuidade e da sobrevivência do grupo, de grandes caçadas, histórias das origens, rituais de passagem, estavam entre as narrativas mais populares, cujos xamãs deviam, em muitos casos, serem os veículos da mensagem (Fausto 2001).

Como se começou por afirmar no início deste texto, foi em torno das fogueiras que nos tornamos humanos. As “fogueiras” foram-se transformando, bem como os processos de registo (Gonçalves 2013a). A escrita permitiu fixar histórias e hoje temos narrativas, desde a mais distante antiguidade com

escrita, no início da civilização da mesopotâmia, com a *Epopéia de Gilgamesh*, datada de cerca de 2750 a.C. Como refere o próprio texto no seu início:

Proclamarei ao mundo os feitos de Gilgamesh. Eis o homem para quem todas as coisas eram conhecidas; eis o rei que percorreu as nações do mundo. Ele era sábio, ele viu coisas misteriosas e conheceu segredos. Ele nos trouxe uma história dos dias que antecederam o dilúvio. Partiu numa longa jornada, cansou-se, exauriu-se em trabalhos e, ao retornar, descansou e gravou na pedra toda a sua história. (*Epopéia de Gilgamesh*, Prólogo).

É significativa esta última frase porque nos remete para a necessidade registar as narrativas. Logo na primeira história escrita, uma das fontes da *Bíblia*, que lida como fonte histórica, nos conduz a muitas das histórias da alta antiguidade. A essência desta narrativa está na principal preocupação da humanidade que é a questão da morte. *Gilgamesh* vai ao mundo dos mortos e regressa.

Os mitos da antiguidade clássica são particularmente ricos nesta questão da morte, sendo uma das narrativas mais significativas a de Dionísio/Baco, pela sua ligação a uma planta: a vinha. Esta planta passa por dois estádios. No inverno hiberna, apresentando-se como um cepo morto e na primavera, do nada, renasce, produzindo uma abundante folhagem e o seu fruto, no final do verão, atinge a maturação. A sua associação a Dionísio/Baco remete-nos para a morte e o renascer da natureza, todos os anos na primavera (Gonçalves 2013b). Também a Páscoa significa isso, a Morte e Ressureição de Cristo.

No Piauí uma lenda indígena revela muitos segredos. Basicamente a lenda conta a história de *Miridan*, uma bela jovem da tribo dos Acaroas, que habitava as margens do rio *Paraim*. Foi escolhida dos deuses, pelo que *Miridan* nunca poderia casar-se. Somente o velho pajé *Piauíguara* sabia que, caso *Miridan* conhecesse o amor, teria um *membira* (filho, na língua Tupi) que não poderia sobreviver. Foi o que ocorreu e não sabia como ocultar o filho e com pavor que fosse imolado, *Miridan* pousou-o num cesto e largou a criança no rio *Paraim*. A natureza não gostou, o céu escureceu fazendo descer um raio que trespassou na terra abrindo uma fenda, por onde brotou água, até se formar uma grande lagoa, hoje designada de *Parnaguá*. Então *Miridan*, com saudades do filho, atirou-se à água para ficar com ele. Segundo a lenda, o *membira* vivia no fundo da lagoa, protegido pelas *iaras*. Somente sai nas tardes de março, para anunciar o inverno no *Parnaguá*. Conta ainda a lenda que, no dia em que falar, será enviado de *Tupã* para prever o fim do mundo (Britto 1960).

Esta narrativa, sendo triste, contém muitos elementos significativos. A escolha de *Miridan* para servir os deuses e ficar virgem. O ter um filho ilegal, que a condenava. O deitar o filho às águas num cesto. O desespero da mãe em perder

o filho. Unem a outras histórias de outros lugares, bem longínquos desde logo as histórias de Moisés e de Rómulo e Remo, fazendo trespassar a ideia de uma humanidade com rituais semelhantes, mas com as mesmas preocupações.

2. Espaços museológicos: novas fogueiras de encontro para ouvirmos histórias

Os museus são espaços de memória, onde se contam histórias. Neste processo a palavra, o texto, o objecto, a imagem são elementos para a construção de histórias, das nossas memórias. Vou aqui abordar a importância das imagens que reconstróem ambientes perdidos, particularmente importantes para contextos arqueológicos e sobretudo pré-históricos, os mais longínquos, em termos temporais. A arte rupestre que hoje observamos leva-nos a sociedades cujo mundo imaterial nos escapa e do mundo material os vestígios são escassos. Mas há que ter a capacidade de introduzir narrativas que contextualizem o observado, em contextos naturais. A palavra e as imagens são centrais. A palavra nas visitas guiadas. As imagens em contexto de museu, mas também podem ser utilizadas no contexto de visita guiada. No processo de construção de imagens de reconstituição de ambientes é essencial uma complementaridade entre especialistas e artistas (Gonçalves e Castro 2008).

Dá-se aqui como exemplo o trabalho realizado na cidade Évora e na vila de Sesimbra (Portugal). A primeira cidade tem, na sua região, um grande conjunto megalítico, com monumentos muito significativos para este período: Conhecemos os monumentos, mas pouco se sabe sobre as pessoas que os construíram. As investigações levadas a cabo por Manuel Calado têm permitido nos últimos anos um conhecimento mais profundo sobre a relação entre habitat e monumentos. Isso tornou possível construir uma exposição denominada *Megalithica Ebora*, onde foi possível através de maquetas, ilustrações e realidade virtual reconstituir acampamentos, aldeias, monumentos e ambientes quotidianos das populações que ergueram esses grandes monumentos.

Outro caso, em Sesimbra, no castelo medieval realizou-se também o mesmo. Trata-se de um castelo, cujo contexto urbano se perdeu. Construído no século XIII, no século XVI foi quase abandonado, a favor da povoação junto do mar. Com maquetas e ilustrações foi possível traçar o seu aspecto medieval e assim devolver aos públicos a imagem que teve nesses tempos áureos.

Estes processos são importantes para nos ajudar a contar histórias. A museologia é uma contadora de histórias onde os objectos, os monumentos são parte da narrativa. Há outros processos, além da exposição, continuando a ser museológicos, como o filme ou a banda desenhada. Veja-se a este propósito

como exemplo o trabalho do artista plástico Sérgio Macedo sobre os povos indígenas do Brasil, onde a ilustração permite contextualizar povos e as suas lendas através da banda desenhada. Trata-se de um trabalho artístico, com um olhar etnográfico (Macedo 2012 e Pereira 2014).

Contar histórias é preciso, para que o património seja de novo vivido. A nossa função é integrar os públicos nos contextos dos períodos em que o património foi edificado.

Referências

- ANÓNIMO (1972). *A epopeia de Gilgamesh* (versão de Pedro Tamen). Lisboa: Edições António Ramos.
- BARANDIARÁN, Ignacio (2006). *Imágenes y adornos en el arte portátil paleolítico*. Barcelona: Ariel.
- BORGES, Cláudia Cristina do Lago (2008). *Uma narrativa pré-histórica. o cotidiano de antigos grupos humanos no Sertão do Seridó/RN*. Tese de doutoramento UNESP de Assis, S. Paulo, Brasil.
- BRITTO, Bugyja (1960). *Miridan (lenda piauiense)*. Rio de Janeiro.
- BUCO, Cristiane de Andrade (2012). *Arqueologia do Movimento — relações entre arte rupestre, arqueologia e meio ambiente, da Pré-História aos dias actuais, no vale da Serra Branca, Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí, Brasil*. Tese de doutoramento defendida em 2012 na UTAD, Vila Real, Portugal.
- FAUSTO, Carlos (2001). *Inimigos fiés: história. Guerra e xanamanismo na Amazônia*. São Paulo: Edusp.
- GONÇALVES, Luís (2013a). “O processo criativo e a humanidade”. In: José Cirillo e Ângela Grandó (ed.). *O Sabor da sua saliva é sonoro: reflexões sobre o processo de criação nas artes*. Vitória: Intermeios, pp. 8-15.
- GONÇALVES, Luís (2013b). “A vinha rugosa de Dionísio/Baco, sem vida, no inverno... desperta na primavera! A propósito dos sarcófagos com Eroses a Vindimar e das Quatro Estações”. In: *VII Reunión sobre Escultura Romana en Hispania*. Santiago de Compostela.
- GONÇALVES, Luís & CASTRO, Rita (2008). “Ilustração em Arqueologia: um apoio à Museologia”. *Praxis Arqueologica*. [Consult. 2014-04-30] Disponível em <URL:http://www.aparqueologos.org/images/PDF/praxis3/2008_117129.pdf>
- LEWIS-WILLIAMS, David (2002). *The Mind in the Cave. Consciousness and the Origins of Art*. London: Thames and Hudson.
- MACEDO, Sérgio (2012). *Povos indígenas em quadrinhos*. Campinas: Zarabatana.
- PEREIRA, Cláudia (2014). “Povos indígenas em quadrinhos: o olhar etnográfico-semiótico do artista brasileiro Sérgio Macedo”. In: *Estúdio 9*, Lisboa: Faculdade de Belas-Artes, pp. 79-84.
- RENFREW, Colin & BAHN, Paul (1991). *Archeology. Theories, Methods and Practice*. London: Thames and Hudson.
- TABORIN, Yvette (2004). *Langage sans parole: la parure aux temps*

préhistoriques. Paris: La maison des roches.
WRANGHAM, Richard (2010). *Pegando fogo. Porque cozinhar nos tornou humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
VELTHEM, Lúcia Hussak van (2003). *O belo é a fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Assírio e Alvim.
VIDAL, Lux (1998). *Grafismo indígena*. São Paulo: Fapesp.
RENFREW, Colin / Bahn, Paul (1991). *Archeology. Theories, Methods and Practice*. London: Thames and Hudson.

TABORIN, Yvette (2004). *Langage sans parole: la parure aux temps préhistoriques*. Paris: La maison des roches.
WRANGHAM, Richard (2010). *Pegando fogo. Porque cozinhar nos tornou humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
VELTHEM, Lúcia Hussak van (2003). *O belo é a fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Assírio e Alvim.
VIDAL, Lux (1998). *Grafismo indígena*. S. Paulo: Fapesp.

Património Mundial, Património Global

Mila Simões de Abreu

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Departamento de Geologia, Unidade de Arqueologia e Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento

E-mail: msabreu@utad.pt

Resumo: Alguns apontamentos históricos sobre a lista de “sítios maiores” de arte rupestre publicada em 1984. Os sítios com pinturas e gravuras que fazem parte da lista de Património Mundial da UNESCO, quais são e onde se localizam. Para além do património mundial em defesa de uma visão global da arte rupestre.

Abstract: Some historical notes about the list of “major sites” of rock art published in 1984. Places with paintings and engravings on UNESCO World Heritage Sites list. Beyond the global heritage in defence of a global vision of rock-art.

Keywords: Rock-Art Heritage UNESCO Managing Cultural Policy

Palavras chave: Arte Rupestre Património UNESCO Gestão Política cultural

Introdução

No início dos anos oitenta, do século passado, participei na equipe, que no *Centro Camuno di Studi Preistorici* (CCSP), em Capo di Ponte, Valcamónica (Itália), elaborou para a UNESCO a primeira lista dos chamados “*Major sites*” (MS) de arte rupestre. A ideia era então produzir uma lista de sítios com pinturas e gravuras que, quer pela quantidade, qualidade, singularidade e cronologia, se destacassem no panorama da arte rupestre mundial. Essa escolha teve que ser forçosamente feita com base no que nós, como equipe conhecíamos, quer directamente ou através da literatura. Por outras palavras, foram incluídas localidades ou áreas que conhecíamos porque nelas fazíamos investigação, as tínhamos visitado ou porque outros colegas tinham escrito sobre ela tanto no passado como na actualidade.

O CCSP era o local ideal para fazer essa pesquisa. O seu director, o Professor Emmanuel Anati, já nessa época, tinha pesquisado ou visitado muitas zonas com arte rupestre, desde as mais conhecidas com as dos Alpes e a Península Ibérica até às menos estudadas como aquelas no Negev, na Arábia Saudita ou Austrália. O Centro de Capo di Ponte tinha outra grande vantagem, possuía já então uma das melhores bibliotecas especializadas no tema, para além de um amplo arquivo fotográfico. Essa enorme quantidade de material era fruto de aquisição e recolha directa de informações mas também fruto de permutas e doações de colegas de todo o mundo. A própria equipa era também constituída por elementos com diferentes *backgrounds* e múltiplas experiências em todo o mundo. Eu conhecia bastante bem a realidade de Portugal, assim como, de outros países de expressão portuguesa, de Angola a Timor e sabendo português e podendo ler espanhol tinha acesso aos textos publicados no Brasil e na América Latina, em geral.

Tinha sito decido fazer um esforço para tentar uma visão geograficamente o mais ampla possível e não nos limitarmos a sítios que eram mais conhecidos. Embora os critérios da escolha fossem, digamos, bastante flexíveis, procurou-se incluir também o maior número possível de países, os sítios conhecidos com um número elevado de figuras (mais de 5000/10.000) e outros locais com estudos que permitiam ter informações fidedignas quando ao seu verdadeiro valor do ponto de vista arqueológico. É sabido que, principalmente, nalgumas agências governativas existe uma tendência para adjectivar e, por diversos motivos entre os quais a falta de conhecimentos, exagerar na sua importância. Assim muitas vezes lemos que a localidade \times é a “a maior”, “a mais antiga” ou a “mais importante do mundo”. Tendo cuidado com isso, também levamos em conta outras singularidade e características como a técnicas. Já no que diz respeito à cronologia a lista incluía tanto estações de época Paleolítica, como as grutas franco-cantábricas, como locais onde a arte teria sido executada à

poucas centenas de anos, como é o caso de algumas imagens no Parque Nacional do Kakadu, nos territórios do norte na Austrália.

Em 1984 foi publicado o relatório com a lista e um mapa com a localização dos 148 sítios e entregue à UNESCO (Anati 1984: 15-17, figura 1).

Curiosamente a presença de arte rupestre no Brasil já estava amplamente assinalada nesse texto. Assim o nº 14 corresponde aos locais estudados Denis Vialou e Águeda Vilhena, no Mato Grosso (Vialou 1979; 1983-1984; Vialou & Vilhena 1984); o nº 15 representa os abrigos pintados de São Raimundo Nonato e Várzea Grande, como eram então conhecidos alguns dos sítios do Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí (Guidon 1975); o nº 16 é a chamada Pedra Ingá, no estado Paraíba, no Nordeste brasileiro (Martin 1975); o nº 17 inclui os locais pesquisados por André Prous em Minas Gerais (Prous 1980; 1982) ; o nº 18 refere-se à arte rupestre estudada no Brasil central (Goiás, Bahia e hoje Tocantins) e mais tarde publicada pelo Padre Pedro Ignácio Schmitz (Schmitz et al. 1984; 1986; 1997a; 1997b) e finalmente nº 19 são as diversas localidades com as gravuras presentes no Estado Santa Catarina, especial em Florianópolis, estudadas por Pedro Augusto Mentz Ribeiro e João Alfredo Rohr (Ribeiro 1973, 1974, 1978; Rohr 1969, 1971, 1976).

Pouco tempo depois da publicação do relatório dos *Major Sites* chegou ao CCSP uma mensagem do Instituto Central da Nacionalidade de Pequim lamentando o facto de no mapa a área correspondente à República Popular Chinesa aparecer vazia. De facto o país apresentava-se totalmente em branco pois nenhuma informação tinha sido recolhida. Na verdade o obstáculo vinha não somente da falta de conhecimentos linguísticos, mas também da completa ausência de imagens de um único sítio chinês. Essa lacuna teve um resultado positivo pois o maior especialista chinês de arte rupestre, o Professor Chen Zhao Fu, deslocou-se à Europa tendo permanecido um ano no *Centro Camuno*. A estadia resultou um interessante e muito bem ilustrado livro em italiano intitulado a “*Cina. L’Arte Rupestre Preistorica*” (Chen 1988) e a uma série de artigos em inglês e italiano (Chen 1991). Ficou demonstrada assim documentada no ocidente a presença de numerosas localidade com arte rupestre em território chinês e até na pequena Macau (Chen 1994).

Em 1985, a equipe do CCSP elaborou e editou o primeiro *Who’s Who on rock art* (Anati, A. 1985) e nele foram também publicados dois curiosos mapas. O primeiro desses mapas mostrava a distribuição dos especialistas de arte de rupestre de acordo com a sua residência (fig. 2 — Abreu 1985: 160). Não é de espantar que então a maioria dos investigadores estivessem na zona “E”, ou seja na Europa, mas existia já então um grupo consistente nos Estados Unidos, principalmente na Califórnia, e outro à volta de Sidney, na Austrália. O segundo desses mapas era dedicado aos projectos em curso (fig. 2 — Abreu

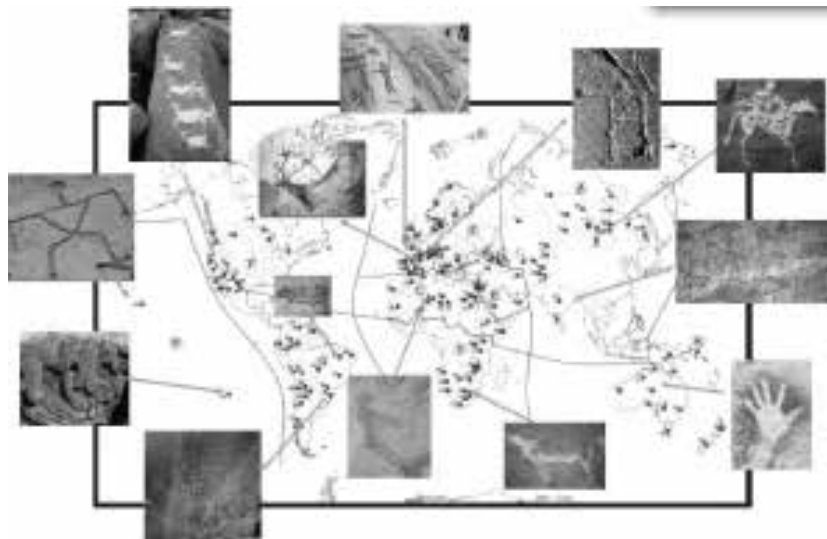


Fig. 1 O mapa dos “Major sites” publicado por Emmanuel Anati (1984) modificado com fotografias de diversos (MSA)

ABREU, Milia Simões de (2014) “Património Mundial, Património Global”

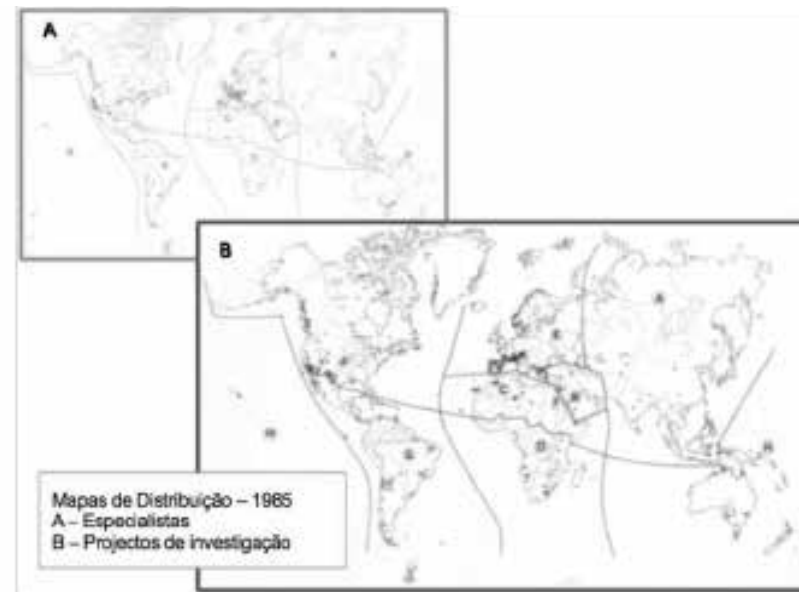


Fig. 2 Mapas de distribuição, adaptados de Abreu 1985

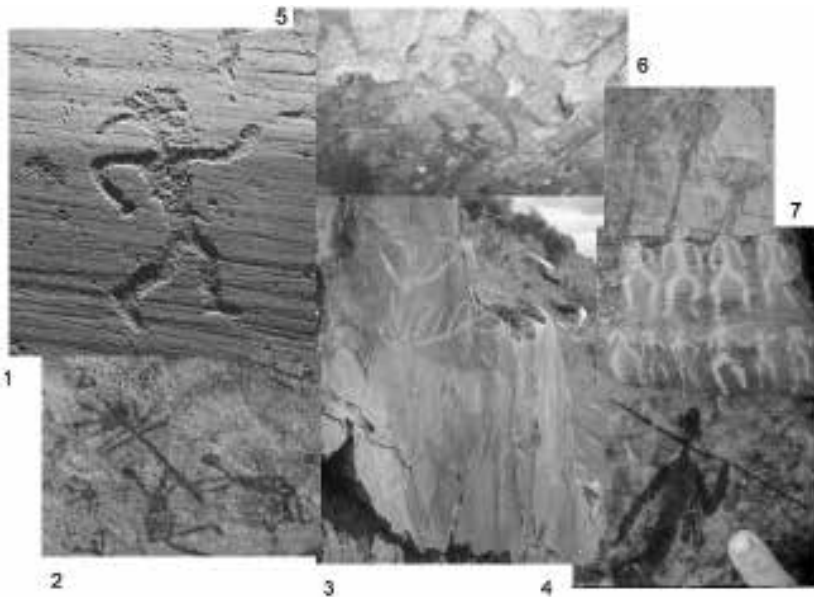


Fig. 3 1. Valcamónica (Itália); 2. Serra da Capivara (Brasil); 3. Vale do Côa (Portugal); 4. Maloti-Drakensberg (África do Sul / Lesoto); 5. Baixa Califórnia (México); 6. Kondoia (Tânzania); 7. Gobustan (Azerbaijão). (Fontes — Fotos Arquivo Mila Simões de Abreu / Ludwig Jaffe Foto; 6-7 WHS)

ABREU, Mila Simões de (2014) "Património Mundial, Património Global"

Revista ALTER IBI | ISSN 2183-2927, Vol. 1 (1): 19-33.

1985: 161). Aí os pontinhos estavam mais distribuídos por todo o globo embora, mais uma vez, a Europa estivesse à frente, notava-se já a presença de um grupo muito consistente de trabalhos levados a cabo em zonas como o norte da Argentina, a área das montanhas Drakensberg. África do Sul / Lesoto e um pouco por todo o lado, na Austrália.

À distância de trinta anos a lista e os mapas são mais do que só episódio na história da investigação da arte rupestre. Actualmente fazer um mapa semelhante, seria muito mais difícil porque, felizmente, a investigação fez-nos progredir tanto que arriscávamos a ter todos os continentes repletos de pontos negros. O número de investigadores conta hoje milhares pessoas e é um prazer ver que muitos deles são agora residentes nos próprios países onde se localiza a arte rupestre.

Cursos como o mestrado *Erasmus-Mundus* "Arqueologia Pré-histórica e Arte Rupestre" (UTAD/IPT) e doutoramento "Quaternário Materiais e Culturas" (UTAD), tem contribuído para criar aquilo a quem muitos chamam "quadros" ou, como prefiro dizer, formar e criar laços com a nova geração de investigadores para que sejam eles a estudar, proteger e promover, em conjunto com as populações, a arte rupestre.

1. Lista do Património Mundial da UNESCO e a arte rupestre

Quando foi criada a Lista do Património Mundial (World Heritage List — WHL), existia já na UNESCO a consciencialização da importância da arte rupestre. Zonas famosas como a das grutas paleolíticas do Vale Vézère, na Dordogna (França), foram incluídos logo em 1979. Nesse mesmo ano é também classificada a Valcamónica, localizada nos Alpes centrais italianos, a área tem 300.000 gravuras rupestres e é a maior concentração de tal tipo na Europa. O cuidado processo de candidatura torna-a, surpreendente, o primeiro monumento da Itália a ser incluído na Lista. É exactamente na Valcamónica que a UNESCO promove depois em 1981 o "*International Seminar and Consultation of Specialists on the Study, Documentation and Conservation of Rock art*" — Seminário Internacional e Consulta de Especialistas sobre o Estudo, Documentação -e conservação de Arte Rupestre — (Anati 1983), no qual representantes de 25 países trocam experiências e preparam novas estratégias para os anos seguinte. Apesar desse interesse por parte do organismo internacional nos anos que se seguiram são poucas as áreas serão classificadas.

É verdade que por serem os próprios países a ter que propor os sítios para a Lista do Património Mundial e por necessitarem depois dos votos de outros

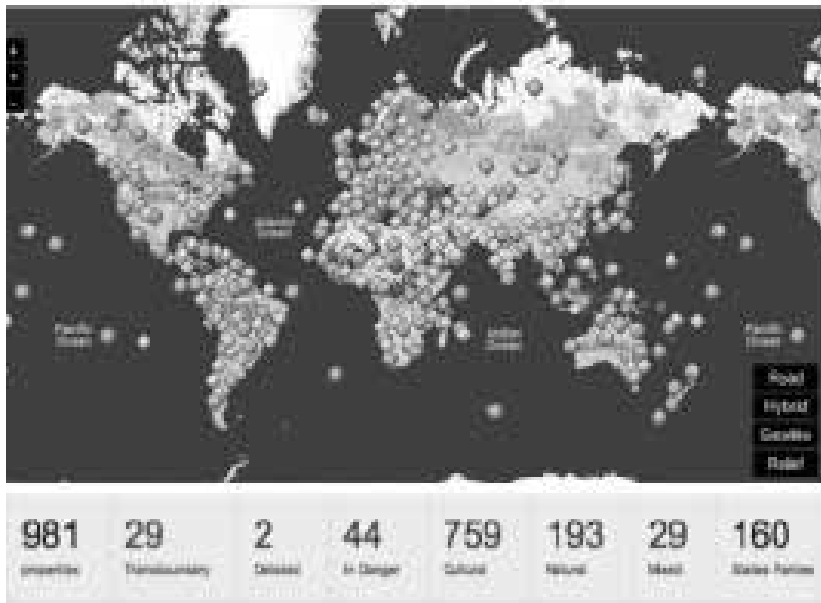


Fig. 4 Mapa dos sítios património
(fonte: UNESCO — WHS)

governos a lista tem um quê de político. Factores de ordem interna dos países e de geo-política internacional acabam por ter mais relevo. Áreas que mereciam ser inseridas ficam, por essas circunstâncias, muito provavelmente irremediavelmente colocadas de parte.

Nos últimos anos a própria política interna da UNESCO e da WHL mudou e passou a privilegiar-se mais áreas do que localidades singulares. Os *dossiers* de candidatura são hoje muito volumosos com vastos estudos de área. Consciente do valor económico e do impacto no que diz, por exemplo, respeito ao turismo, a candidatura a WHL requer hoje planos de manejo com centenas de páginas onde todos os detalhes são estudados. O título de sítio património é hoje ambicionado tanto por governos com entidades locais que não hesitam em gastar somas elevadas para o conseguir e que, portanto, colocam áreas e países mais pobre em posição de uma certa inferioridade.

Para os investigadores a pertença de um sítio na lista garantia da sua preservação pois "os olhos do mundo" passavam a debruçar-se a estar sobre ela. Infelizmente está certeza tem sido abalada por circunstâncias ligadas a situações de violência e de guerra. Recentemente, por exemplo, algumas das rochas da zona do Tadrat Acacus, na Líbia (na lista desde 1985) parecem ter sido danificadas durante o conflito que tem tido lugar nesse país nos últimos anos. A absoluta certeza de perpétua classificação e, portanto, preservação ainda foi mais abalada quando em 2007 o Sultanato de Omã reduziu em 90% a área do santuário do Órix-da-Arábia, que tinha sido classificada em 1994, o que levou o *World Heritage Committee* retirar o sítio da lista. Em 2009, e talvez ainda mais grave, dá-se um caso de desclassificação. Desta vez foi a Alemanha que pediu que o vale Dresden Elbe Valley, que tinha sido inscrito apenas em 2004, fosse cancelado da lista, coisa foi feita na 33ª reunião da organização realizada em Sevilha. Muitos de nós vemos com grande preocupação a retirada destes dois sítios da lista pois sem dúvida abre precedentes muito perigosos. Os governos sem esse tipo de "travões" ético-políticos podem-se sentir mais à vontade para pedir este tipo de desclassificações. Tal seria desastroso principalmente em áreas em que outros interesses como, por exemplo, agro-alimentares, minerários, energéticos ou outros, se podem levantar.

O facto dos sítios da WHL terem que ser preparados e abertos para a visita do grande público é essencialmente um facto muito positivo. Sabemos, porém, que para importantes casos de arte rupestre isso será sempre praticamente impossível. A gruta Cosquer, localizada em França, na costa mediterrânea próximo da cidade de Marselha mas a mais de 37 metros de profundidade e só acessível a mergulhadores experientes percorrendo um estreito corredor de 175 metros estará sempre reservada a poucos. Uma alteração ao acesso punha muito portavelmente em perigo a própria arte e assim a gruta permanecerá isolada do mundo e nunca por si só será "património da humanidade" como

poderia justamente podia ser. A maioria das numerosas e extraordinárias gravuras de Coso Range, na Califórnia (Garfinkel 2007), ficam localizadas no interior da enorme base militar de *Station China Lake*, no deserto Mojave e esse facto exclui *a priori* a visita dos grupos de turistas e, assim, embora seja uma das zonas de arte rupestre mais importantes dos Estados Unidos da América tem praticamente zero possibilidades de ser alguma vez candidata.

Em muitas localidades na verdade a presença de pessoas pode por em perigo a própria conservação do sítio. Assim as grutas de Lascaux e Altamira há muito que se encontram fechada ao público. No primeiro caso, a gruta faz parte na WHL mas incluída no sítio de vale de Vézeré, um grupo de 147 locais e cavidades, entre as quais 25 grutas decoradas, com relevância para o estudo do Paleolítico, onde de forma controlada algumas estão abertas ao turismo e entre as quais se contam a gruta de Rouffignac ou abrigo de La Madeleine. Já em Altamira foi necessário fazer numa “adenta” em 2008 e juntar outras 16 grutas decoradas do Paleolítico que actualmente ainda podem ser visitadas, entre as quais estão El Castillo, Las Monedas e Tito Bustillo.

É justo dizer que a UNESCO através da WHL tem tentado vencer as barreiras nacionalistas. Na verdade muitas das fronteiras actuais não fazem mais do que separar áreas com características semelhantes ou mesmo pertencentes ao mesmo grupo ou entidade cultural. Dos 981 sítios actualmente (2014) presentes na WHL, 29 são transfronteiriços (“*Transboundary*”) e desses, dois, são de arte rupestre. Assim, aos sítios de arte rupestre pré-históricos do Vale do Côa, em Portugal, já classificado em 1998, juntaram-se em 2010 as rochas gravadas na zona espanhola de Siega Verde, do outro lado da fronteira. Em 2013, o mesmo passou-se com a área do Parque Nacional de Sehlathebe, no Reino do Lesotho e do vizinho Parque de uKhahlamba (2000), na África do Sul, dando origem ao sítio transnacional de Maloti-Drakensberg.

A maioria dos sítios com arte rupestre da Lista do Património Mundial foram classificados pela relevância cultural das pinturas ou gravuras, tal é o caso dos já citados Vale de Vézeré, na Dordonha, Altamira e grutas nos seus arredores da zona Cantábrica e a zona Italiana de Valcamónica, na Lombardia.

Fazem parte do grupo dos sítios classificados pela arte rupestre ainda: Tanum, na Suécia (1994), Alta, na Noruega (1985) ambos na Europa; Matobo Hills no Zimbabué (2003), Kondoa, na Tanzânia (2006), Chongoni no Malawi (2006), Twyfelfontein ou /U-//aes, na Namíbia (2007), em África; Gobustan, no Azerbaijão (2007), Tamglay, no Cazaquistão (2004), Bhimbekta na Índia (2003) e Altai na Mongólia (2011).

Existem depois exemplos de arte rupestre que se encontram em sítios da lista que foram classificados por outras razões culturais. Tal é caso de monumentos universalmente conhecidos como Stonehenge, no sul de Inglaterra

(1986) e no Parque Nacional Rapa Nui (1995) na ilha de Páscoa, onde existem diversas gravuras e de Uluru-Kata Tjuta, também conhecido como Ayers rock (1994), onde existem numerosos abrigos com pinturas.

Lista dos Sítios do Património Mundial com Arte Rupestre

Nº	Nome Oficial	País	Data
1	Sítios Pré-históricos e grutas decoradas do Vale de Vézeré	França	1979
2	Desenhos rupestres em <u>Valcamónica</u>	Itália	1979
3	Parque Nacional <u>Kakadu</u>	Austrália	1981
4	Tassili'n'Ajjer	Argélia	1982
5	Gruta de <u>Altamira</u> / Arte das grutas Paleolíticas do norte da Espanha	Espanha	1985 + 2008
6	Sítios de arte rupestre de <u>Tadrat Acacus</u>	Libia	1985
7	Arte rupestre de <u>Alta</u>	Noruega	1985
8	<u>Stonehenge</u> , Avebury e sítios associados	Reino Unido	1986
9	<u>Uluru-Kata Tjuta</u> conhecido Ayers Rock e Olgas	Austrália	1987
10	Parque Nacional da <u>Sierra da Capivara</u>	Brasil	1991
11	Pinturas rupestres da <u>Sierra de San Francisco</u>	México	1993
12	Gravuras rupestres em <u>Tanum</u>	Suécia	1994
13	Parque Nacional de Rapa Nui — <u>Ilha de Páscoa</u>	Chile	1995
14	Sítios de arte rupestre Pré-histórica do <u>Vale do Côa</u> + <u>Siega Verde</u>	Portugal Espanha	1998 + 2010
15	Arte rupestre da bacia Mediterrânea na Península Ibérica	Espanha	1998
16	<u>Cueva de la Manos</u> , Rio das Pinturas	Argentina	1999
17	Parque <u>Drakensberg-Maloti</u> = Parque Nacional Drakensberg e Parque Nacional Sehlathebe	África do Sul Lesoto	2000 + 2013
18	Área das <u>Blue Mountain</u> (Montanhas Azuis)	Austrália	2000
19	<u>Tsodilo</u>	Botsuana	2001
20	Abrigos de <u>Bhimbetka</u>	Índia	2003
21	<u>Matobo Hills</u>	Zimbabué	2003
22	Petróglifos na paisagem arqueológica de <u>Tamgaly</u>	Cazaquistão	2004
23	Área de arte rupestre de <u>Chongoni</u>	Malawi	2006
24	Área de arte rupestre de <u>Kondoa</u>	Tanzânia	2006
25	Ecosistema e paisagem reliquia de <u>Lopé-Okanda</u>	Gabão	2007
26	Paisagem cultural de arte rupestre do <u>Gobustan</u>	Azerbaijão	2007
27	<u>Twyfelfontein</u> ou /U-//aes	Namíbia	2007
28	Área protegida de <u>Wadi Rum</u>	Jordão	2011
29	Complexo de petróglifos de <u>Altai</u> da Mongólia	Mongólia	2011

TABELA 1
Foram incluídos nesta lista todos os sítios com arte rupestre. Em sublinhado o nome porque é normalmente conhecido o sítio (MSA)

Outros são ainda os casos de áreas que foram classificadas pela beleza e importância paisagística e em cujo no interior encontram-se pinturas e gravuras como as Montanhas Azuis, na Austrália (2000), a zona de Lopé-Okanda (2007) no Gabão, Wadi Rum, na Jordânia (2011).

Existe por vezes uma certa confusão do que deve ser classificado como arte rupestre. Assim na própria página oficial da WHS aparecem quando fazendo parte dessa categoria diversos locais que segundo a classificação proposta pela IFRAO (Bednarik 2007) tal não podem ser considerados. Assim os pagodes do santuário de Mogao e esculturas dos templos Dazu Mogao, na China ou os altos-relevos de Hattusha, a antiga capital Hittita, na Turquia são monumentos que não podem ser considerados sítios de arte rupestre.

Olhando para o mapa dos sítios património mundial actual não deixa de ser surpreendente o facto das Américas terem apenas três sítios, nomeadamente, o Parque Nacional da Serra da Capivara (Brasil — 1991), a cueva de las Manos, no Rio Pinturas (Argentina — 1999) e as pinturas da Sierra de San Francisco, Baja California, México (1993). Não existindo, portanto, um só sítio nos Estados Unidos e no Canadá, no norte da América e a apenas dois para toda a América do Sul.

Nos últimos anos, felizmente, numerosas localidades do hemisfério sul principalmente na parte mais a sul de África juntaram-se às áreas sariananas do Tassili'N'Ajjer, no sul da Argélia (1982) e do Tadrat Acacus, Líbia (1985). Assim, em 2001 foi classificado Tsodillo, o chamado “Louvre do deserto” (Botsuana), em 2006 as colinas graníticas de Chongoni, no Malavi; a zona de Twyfelfontein ou /Ui-//aes, na Namíbia (2007); Maloti-Drakensberg (2000-2013) e Matobo Hills, Zimbabué (2003).

Só um país consegue faz a proeza de ter mais do que um sítio exclusivamente de arte rupestre a fazer parte da lista — a Espanha — colocando no prestigiado elenco respectivamente, Altamira e as outras grutas da zona Cantabrica; Siega Verde e a arte rupestre bacia mediterrânea da península Ibérica.

A Austrália possui também localidades com arte rupestre em três propriedades classificadas, nomeadamente: Kakadu, nos Territórios do Norte, Uluru-Kata Tjuta, no deserto central e Montanhas Azuis, na Nova Gales do Sul.

Se hoje há quase trinta sítios do património mundial com arte rupestre e a crescente presença na lista só pode ser vista com regozijo no entanto o número de locais de valor excepcional para além dos classificados é muito mais vasto. Seria muito útil ter uma visão mais precisa dos sítios que hoje são conhecidos e que correspondem aos critérios aplicados na lista de 1984. Espero que em breve seja possível fazer uma lista nova lista de dos sítios “maiores”.

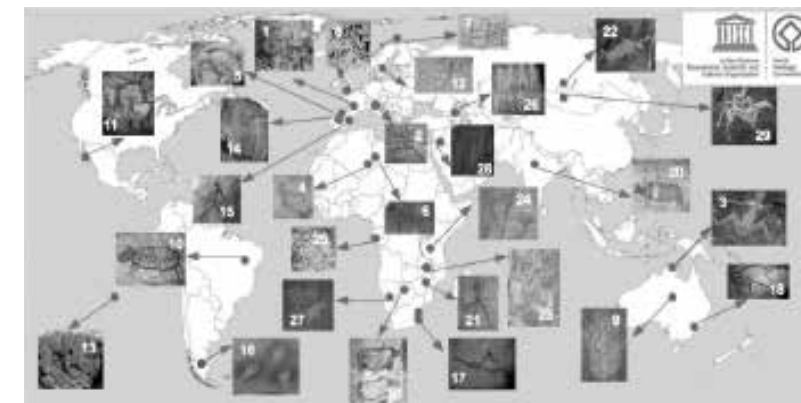
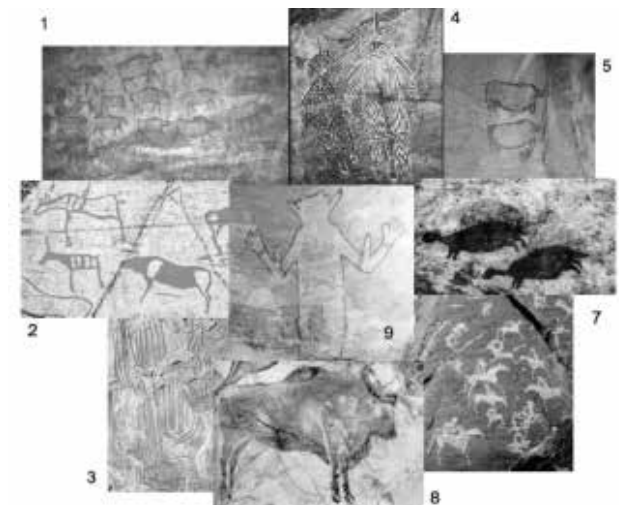


Fig. 5 1. Bhimbekta (India); 2. Alta (Noruega); 3. Chongoni (Malavi); 4. Kakadu (Austrália); 5. Tsodilo (Botsuana); 6. Matobo Hil (Zimbabué) 7. Altai (Mongólia); 8. Altamira (Spain) 9. Tassili'N'Ajjer (Argélia). (Fonte — fotos 1, 2, 3 e 5, 6, 7 e 8 World Heritage Sites HS; 4 e 9 Arquivo Mila Simões de Abreu / Ludwig Jaffe)

Fig. 6 O mapa dos sítios património mundial com arte rupestre. Os números correspondem aqueles apresentados na tabela 1. (Fonte da autora)

2. Património Global

Quando falamos então da importância e valor de sítios de arte rupestre, temos que ter em conta dois aspectos fundamentais e diferentes. Primeiro, muitos locais apesar da sua relevância não vão nunca ser parte de uma lista “mundial” da UNESCO. Segundo, as pinturas e as gravuras rupestres tanto no que diz respeito ao seu estudo como a sua promoção e divulgação, devem ser vistas numa visão “global”, ou seja, no todo. Esse “todo” será tanto a relação desse património com o ambiente e a comunidade, tanto no presente como no passado, como também com localidades semelhantes, ou não, na própria zona ou num contexto mais alargado. Muitas vezes os sítios permanecem “isolados” do ponto de vista local ou regional, como nacional e continental. Actualmente graças ao esforço dos pesquisadores, das unidades de investigação, a novas tecnologias e também, por vezes, ao importante apoio das autoridades temos uma “visão” muito diferente da arte rupestre a nível mundial. Dos desertos às margens dos rios, dos abrigos às grutas profundas, nas altas montanhas ou em ilhas isoladas, sabemos que pinturas ou gravuras foram feitas por nossos antepassados de épocas mais remotas ou de períodos mais recentes. Assim será interessante pensar em produzir listas, mapas e se possível “corpus” da arte rupestre e fazer análises de áreas ou zonas para além das barreiras de carácter regionais, estaduais ou nacionais. Tentei eu própria contribuir para isso com a realização do “*Corpus da arte rupestre portuguesa*” (ABREU 2012).

Por fim, como dizia Voltaire “o óptimo é inimigo do bom” e assim, mesmo correndo risco de fazer erros ou ter lacunas era agora essencial pensar “global”.

Referências

ABREU, Mila Simões de (1985). Who's Who in rock art: Map. World Distribution of listed specialists 1985 & Research Projects in progress. IN ANATI, Ariela Fradkin (edited by). *Who's Who in Rock Art*: 158 & 159 (contracapa). Capo di Ponte: Edizioni del Centro.

ABREU, Mila Simões de (2012). *Rock-art in Portugal. History Methodology and Traditions*. Vol. 1 e Vol. 2. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

ANATI, Ariela Fradkin (edited by). 1985. *Who's Who in Rock Art*. 158p. Capo di Ponte: Edizioni del Centro.

ANATI, Emmanuel (1983). *Preservation and presentation of rock art 1981-1983*. 135p. Paris / Capo di Ponte: Unesco / Edizioni del Centro.

ANATI, Emmanuel (1984). The State of Research in Rock Art. A world report presented to UNESCO. *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, 21: 13-56.

BEDNARIK, Robert G. 2007. *Rock Art Science. The scientific Study of Palaeoart*. 220p. New Delhi: Aryan Book International.

CHEN, Zhau Fu (1988). *China. L'arte Rupestre*. 221p. Milano: Jaca Book.

CHEN, Zhau Fu (1991). In search of rock art in China. *Natura. Rivista di Scienze Naturali*. 82(4): 1-31.

CHEN, Zhau Fu (1994). *Rock engravings in Macau and in the Southeast coast of China*. 20p. Macau: Fundação Oriente.

CLOTTE, Jean (2002). *World rock Art. (Conservation and cultural heritage)*. 140p. Los Angeles: Getty Conservation Institute.

GARFINKEL, Alan P. (2007). *Archaeology and Rock Art of the Eastern Sierra and Great Basin Frontier*. Maturango Museum Publication Number 22. Maturango Museum, Ridgecrest, California

GUIDON, Niède (1975). *Peintures Rupestre de Várzea Grande, Piauí, Brésil*. (Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud, 3). 174p. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales.

PROUS, André (1980). Estilística e cronologia na Arte rupestre de Minas Gerais. *Pesquisas*, 31: 121-146.

PROUS, André (1982). L'art rupestre dans les régions explorées par Lund (Centre de Minas Gerais, Brasil) *Arquivos do Museu de Historia Natural*, 4-5: 311-335.

MARTIN, Gabriela (1975). Estudos para uma desmistificação dos petróglifos brasileiros — 1. A Pedra Lavrada de Ingá (Paraíba). *Revista de História -USP*, 102 (abr./jun.): 509-37.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz (1970). Inscrições rupestres no Vale do Rio Cai, RS, Brasil. *Anales de Arqueologia y Etnologia*, 24-25: 113-129.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz (1972). Petroglifos do Sítio RS-T-14: Morro do Sobrado, Montenegro, RS, Brasil. *Iheringia*, 2: 3-13.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz (1974). Os petróglifos de Cerro Alegre, Santa Cruz do Sul, RS. *Revista do CEPA*, 1:2-15.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz (1978). A arte rupestre no sul do Brasil. CEPA (Faculdade de Ciências de Letras de Santa Cruz do Sul) 7: 1-27.

ROHR, João Alberto (1969). Petrografos da ilha de Santa Catarina e ilhas adjacentes. *Pesquisas*, 19: 1-30.

ROHR, João Alberto (1971). Desvendando o Mistério das Galerias Subterrâneas. *Livro da Família*: 24-27.

ROHR, João Alberto (1976). Artistas? Ou selvagens? Notícias para os nossos amigos e Benfeitores. 130 (Julho) : 24-27.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. & J. P BROCHADO. (1982). *Petroglifos do Estilo Pisadas no centro do Rio Grande do Sul. Abrigos de Canhembora, Lajeado dos Dourados, Linha Sétima e Pedra Grande*. *Pesquisas — Antropologia*, 34. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; Altair Sales BARBOSA; Maira Barberi RIBEIRO & Ivone VERARDI (1984). *Arte Rupestre no Centro do Brasil. Pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia*. 81p. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas.

VIALOU Denis (1979). Gruta dos Milagres Estado de Gois, Brasil. Note préliminaire. *Revista de Museu Paulista*, N. S. 26: 247-251.

VIALOU Denis (1983-1984). Un nouveau site rupestre au Mato Grosso, l'abri Ferraz Egreja. *Revista do Museu Paulista*, nova série, 39: 39-53, 7 fig., USP.

VIALOU, Denis & Agueda VILHENA (1984). Un nouveau site préhistorique brésilien daté: l'abri à peintures et gravures Ferraz Egreja (Mato Grosso). *L'Anthropologie*, 88(1): 125-127.

O caso da Serra da Capivara, vinte anos de socialização do conhecimento através da arte-educação

Cristiane de Andrade Buco

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do Ceará. Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM). Unidade de Arqueologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)

E-mail:
archeocris@gmail.com

Resumo: Desde os anos 90 a FUMDHAM desenvolve projetos sociais associados com a pesquisa interdisciplinar sobre o Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno. Inicialmente foram criados os NACs (Núcleos de Apoio a Comunidade) nas comunidades do entorno aonde eram oferecidas, além da educação básica, atividades extra-curriculares em arte e meio ambiente. Com a mudança das políticas governamentais eles deixaram de existir no início do século XXI. Investiu-se paralelamente na formação de técnicos em arqueologia e guias do parque e foi elaborado um novo projeto social, o Pro-arte FUMDHAM que funcionou por 10 anos. Ele foi considerado o melhor projeto educacional de grande porte do Brasil pela UNICEF — UNESCO em 2006. Nesta comunicação apresentaremos a importância do papel da arte-educação nesses 20 anos de socialização do conhecimento cultural e o papel dela na efetivação de uma arqueologia pública.

Palavras chave: arte-educação Serra da Capivara socialização do conhecimento arqueologia arte rupestre

Abstract: Since the 90s the FUMDHAM develops social projects associated with interdisciplinary research on the National Park Serra da Capivara and its surroundings. Were initially created NACs (Centers Support Community) in the surrounding communities where they were offered, in addition to basic education, extra-curriculares activities in art and the environment. With the change of government policy they have ceased to exist at the beginning of the XXI century. Been invested in parallel in training technicians in archeology and park guides and a new social project was designed, the Pro-Art FUMDHAM which ran for 10 years. He was considered the best educational large project in Brazil by UNICEF — UNESCO in 2006. In this communication we present the importance of the role of art education in these 20 years of socialization of cultural knowledge and its role in the realization of a public archeology.

Keywords: art education Serra da Capivara socialization of knowledge archeology rock-art

1. O Parque Nacional Serra da Capivara

O Parque Nacional Serra da Capivara se localiza no Nordeste do Brasil, na região Sudeste do Estado do Piauí. Sua superfície é de 130.000 ha, com 214 km de perímetro. Sua gestão é realizada em regime de cooperação entre o Instituto Chico Mendes para a Conservação da Biodiversidade (ICMBio), do Ministério do Meio Ambiente e pela Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), uma organização da sociedade civil, declarada de interesse público e sediada em São Raimundo Nonato. Uma parceria entre a FUMDHAM e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) rege os trabalhos de conservação e defesa dos sítios arqueológicos da região.

O parque foi criado em 1979, a pedido da equipe de cooperação científica franco-brasileira, chefiada pela arqueóloga Niéde Guidon, que realizava pesquisas na área desde o início dos anos 70. Solicitava-se ao governo federal a criação de uma unidade de conservação, visando garantir a preservação do bioma da caatinga e os sítios arqueológicos. Da preocupação com a presença de posseiros, dos incêndios que destruíram vários sítios com pinturas rupestres, da caça ilegal e do desmatamento descontrolado de espécies nobres nasceu a Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) em 1986.

No Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno, há uma concentração de sítios arqueológicos, mais de mil, sendo a maioria com arte rupestre (pinturas). Mais de 100 sítios estão preparados para visitação, sendo que, dezesseis deles foram adaptados para portadores de deficiências em uma parceria entre a FUMDHAM e o IPHAN. Devido à sua importância pela antiguidade da presença humana nas Américas e rico acervo de sítios arqueológicos com arte rupestre, o parque foi inscrito pela UNESCO, na Lista do Patrimônio Mundial a título cultural em 1991 e, foi tombado como Patrimônio Nacional pelo Iphan em 1993, com registro no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

2. Preservação Patrimonial

Com a criação do parque, surgiu também a necessidade da implantação de um sistema intensivo de preservação patrimonial, no qual os cuidados com o meio ambiente e o desenvolvimento de uma política auto-sustentável, visando o desenvolvimento econômico e social da comunidade, foram de extrema importância para o resultado que temos hoje. A infraestrutura interna do Parque compreende trilhas e estradas de acesso aos sítios arqueológicos, sinalizações, guaritas, bases de apoio, centro de visitantes, passarelas para permitir o acesso



Fig. 1 Foto parcial de um painel de Arte Rupestre. Toca do Estevo III. Parque Nacional Serra da Capivara. Fonte: FUMDHAM, 2008

de visitantes aos sítios arqueológicos, áreas de descanso e piquenique, reservatórios de água e o anfiteatro ao ar livre da Pedra Furada, com capacidade para 1.300 pessoas.

Cinco escolas foram construídas na área do entorno originando um projeto de educação integral, que foi premiado, em 1995, pela UNICEF, como uma das quinze melhores experiências na área pedagógica. Atualmente, as escolas não mais funcionam por falta de recursos (Ilustração 2).

A Fundação até 2012 manteve um centro de artes conhecido como Pró-arte FUMDHAM, premiado pelo Instituto Ayrton Senna em Arte-Educação em 2001, escolhido como um dos finalistas do prêmio Cultura Viva em tecnologia social em 2006, prêmio Criança-Esperança e prêmio Itaú.-Unicef regional e nacional em 2007.

A sede da FUMDHAM está centralizada na cidade de São Raimundo Nonato e compreende: o Centro Cultural Sérgio Motta, onde estão localizadas as reservas técnicas, biblioteca especializada, laboratórios, escritórios e depósitos, e o Museu do Homem Americano, com um teatro de arena, auditório, exposição permanente do acervo arqueológico e um conjunto de salas que abrigou inicialmente o Curso de Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale de São Francisco UNIVASF, que hoje tem sede próprio em terreno ao lado. Pesquisa e preservação patrimonial caminham lado a lado há mais de 40 anos nesta região, engendrando um notável desenvolvimento científico, cultural, econômico e social.

3. O Desenvolvimento Regional **— educação mudando mentalidades**

Como objeto principal de desenvolvimento existe, desde o início, um projeto interdisciplinar intitulado "A interação do Homem ao seu meio, da Pré-história aos dias atuais, na região do Parque Nacional Serra da Capivara no qual diversas Instituições Nacionais e Internacionais participam contribuindo nas mais diversas áreas para o avanço da Ciência.

Dada a carência de quase tudo, principalmente de água na região percebeu-se desde o início a necessidade de construir uma estrutura auto-sustentável, e, com o auxílio do Banco Interamericano de Desenvolvimento e dos governos da França e da Itália, foram feitos estudos para definir quais as atividades economicamente rentáveis. Os técnicos chegaram à conclusão de que o turismo era a única alternativa que permitiria um desenvolvimento mais amplo, regional, no qual preservação patrimonial e desenvolvimento da comunidade fossem concomitantes.

Sabia-se que, para chegar a ser um polo turístico, precisávamos investir na formação do pessoal, incluindo a formação básica, praticamente inexistente nos povoados dos arredores do Parque e na infraestrutura de acesso e hotelaria. Nos primeiros anos, a dedicação foi total na pesquisa e na formação básica; cinco escolas, os NACs foram construídas na área do entorno, recebendo mais de mil crianças. Em regime integral, os alunos entravam às 7 horas da manhã e saíam às 17 horas. Pela manhã assistiam às aulas, e à tarde realizavam atividades artísticas e esportivas. Todas as escolas tinham um Posto de Saúde, com o atendimento médico realizado pela FIOCRUZ, que capacitou enfermeiros locais para o trabalho preventivo de saúde. Nos povoados onde funcionavam essas escolas a mortalidade infantil desceu a zero.

Nos anos 1990, em uma parceria com o Instituto de Artes de São Paulo (IA), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), investimos na capacitação dos professores locais que educavam utilizando uma metodologia contextualizada, e educação pela arte: meio ambiente, valorização cultural e disciplinas básicas se entrelaçavam ludicamente para que houvesse um maior envolvimento dos educandos com o conteúdo programático. Um programa excepcional que deixou de existir quando o Ministério da Educação, em 2000, decidiu que não mais repassaria os recursos necessários para manter essas escolas diretamente à FUMDHAM, repassando-os às três prefeituras dos municípios onde estavam localizadas as escolas. Segundo o Ministério, tudo estava montado e as prefeituras manteriam as escolas. Imediatamente, as professoras devidamente capacitadas foram substituídas e as escolas passaram a ter, como todas as escolas públicas da região, 2 a 3 horas de aula por dia. As crianças não recebiam mais alimentos, os postos de saúde desapareceram e, finalmente, tudo se transformou em escola pública. A FUMDHAM recuperou então os prédios, cujas instalações e equipamentos estavam em péssimo estado. Das 5 escolas, 4 estão fechadas, e em uma delas, no Barreirinho, funciona um albergue e a Fábrica de Cerâmica Serra da Capivara, construída, com financiamento do Banco Interamericano, no início dos anos 1990, essa cerâmica produz peças, principalmente utilitárias, com representações das diferentes figuras rupestres dos sítios arqueológicos, um sucesso entre os turistas. Essa cerâmica já está sendo exportada e criou mais de 40 empregos no povoado, sendo que a grande maioria desses funcionários foram alunos dos NACs.

No início de 2000 surgiu então o Pró-Arte FUMDHAM, que proporcionava atividades de Arte-Educação e reforço escolar para as crianças de 6 a 12 anos; um coral, uma banda e um grupo de teatro com os jovens e aulas de artes visuais, capoeira e instrumentos musicais para os adolescentes. Nesse espaço, havia um Cine Clube, conhecido como Cine Art7, gerido pelos jovens da própria comunidade.



Fig. 2 Fotos do Núcleo de Apoio a Comunidade do Sítio do Mocó, Coronel José Dias. Fonte: FUMDHAM, década de 90



BUCO, Cristiane de Andrade (2014) "O caso da Serra da Capivara, vinte anos de socialização do conhecimento através da arte-educação."

Fig. 3 Fotos do Projeto Pro-arte FUMDHAM. Fonte: FUMDHAM, 2005

Percebemos também que precisávamos voltar a fazer o que o homem da Pré-História fazia. Conviver em harmonia com a natureza, respeitando a biodiversidade, garantindo assim a continuidade dos recursos naturais, fonte necessária de nossa sobrevivência. Nós não concebemos a preservação ambiental separada da preservação cultural, elas são indissociáveis. Se ainda há caçadores na região do Parque Nacional Serra da Capivara é principalmente porque há compradores, e, para eles não há penalidades. A FUMDHAM também atua no manejo ambiental do Parque. Hoje, é comum vermos animais, a vegetação se refez em zonas que haviam sido incendiadas e em zonas com processos de erosão, do tipo voçorocas.

Para os trabalhos de construção da infraestrutura do Parque, para sua manutenção, sempre empregamos pessoas das comunidades mais próximas. Das 28 guaritas e bases de apoio hoje somente 12 estão abertas, as outras foram fechadas por falta de recursos. Nelas trabalham 47 mulheres, assegurando o controle das entradas no Parque. Somos considerados o Parque Nacional com a melhor infraestrutura da América do Sul, como também a melhor infraestrutura de um parque arqueológico das Américas. Em 2008, a revista Quatro Rodas deu à Serra da Capivara o prêmio do mais belo parque do Brasil.

Os técnicos de conservação de arte rupestre, de escavação, topografia, informática e dos laboratórios arqueológicos e paleontológicos foram treinados por nós e pelas instituições parceiras. São jovens, senhoras e senhores que não precisam migrar para garantir o sustento de sua família. Temos a certeza de que não há desenvolvimento regional sem educação de qualidade, desenvolvimento humano e sem criação de postos de trabalho.

Para ensinar basta saber e querer, para aprender tem que se ter a oportunidade. Quantos hoje, na "Ciência da Arqueologia", independente da corrente teórica, se preocupam em oferecer oportunidades para as pessoas "comuns" conhecerem efetivamente a arqueologia, compreendendo para respeitar?

O trabalho social que a FUMDHAM realizou é reconhecido e efetivo, porém parece aos olhos de muitos observadores um projeto que não pertence as categorias de Educação Patrimonial ou de Arqueologia Pública. Mas afinal o que realmente importa nessas duas categorias?

Escrever que fazem Educação Patrimonial e Arqueologia Pública em belíssimos relatórios que ficarão armazenados com seus nomes como arqueólogos responsáveis nas Instituições, guardados por pelo menos mais um século?

Ou, aproveitar do conhecimento que uma excelente pesquisa arqueológica revela passando sem restrições esses dados, essas informações de uma maneira lúdica, usando a ferramenta da arte-educação para disseminar esse conhecimento para as novas gerações?

4. Conclusões

Não questiona-se conceitos mas práticas efetivas, mudanças de mentalidade sem se importar com nomes ou títulos, mas com gente, com pessoas, mortas e vivas, que merecem um mínimo de respeito por parte dos arqueólogos e suas equipes quando invadimos os seus territórios físicos e simbólicos, alterando a Paisagem sem pedir permissão em nome de um progresso que só os arqueólogos do futuro poderão reconfirmar essa história.

A arte-educação permite a confluência de ideias, um processo de ensino em busca de capacitar os envolvidos para viver melhor com o seu entorno, ambiental e cultural, sendo efetiva no processo de educação patrimonial que se preocupa com a preservação do patrimônio material e imaterial, com o foco na valorização da memória e na afirmação do pertencimento. Para isso, temos que ser indivíduos melhores em todos os sentidos, mais conscientes e ativos no processo de educar participativo e usar a arqueologia, em todos os seus aspectos como um facilitador para essa compreensão do eu, do outro, do conviver e do fazer ativamente em prol do Patrimônio, um bem de todos para todos.

Referências

ARAÚJO, Adauto & Luiz Fernando FERREIRA (1997). Homens e parasitos: a contribuição da paleoparasitologia para a questão da origem do homem na América. *Revista USP*, 34: 59-69.

BUCO, Cristiane de Andrade (Org.) (2005a). *A Paisagem. Parque Nacional Serra da Capivara*. 18p. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano.

BUCO, Cristiane de Andrade (Org.) (2005b). *A Arqueologia. Parque Nacional Serra da Capivara*. 18p. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano.

BUCO, Cristiane de Andrade.(Org.) (2005c). *A Arte Rupestre. Parque Nacional Serra da Capivara*. 18p. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano.

BUCO, Cristiane de Andrade & Niède GUIDON (2009). Serra da Capivara: Cultural Heritage and Socioeconomic Development in the Northeast. *IN* Luiz OOSTERBEEK; C. BUONSANTO & M. QUAGLIUOLO, M. (Eds.), *Global Quality Cultural Heritage Management (Intensive Programme Supporting Texts)*. ARKEOS, 26: 1-10. Tomar: CEIPHAR.

BUCO, Cristiane de Andrade (2012). *Arqueologia do Movimento: Relações entre a Arte Rupestre, Arqueologia e Meio Ambiente da Pré-história aos dias atuais, no Vale da Serra Branca. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil*. Tese (Doutorado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real.

BUCO, Elizabete (Org.) (2011). *Turismo Arqueológico. Região do Parque Nacional Serra da Capivara / Archaeological Tourism. Serra da Capivara National Park Region*. 205p. São Raimundo Nonato: FUMDHAM / Programa Petrobrás Ambiental.

GUÉRIN, Claude; Maria Amélia CURVELO; Martine FAURE; M. HUGUENEY & Cécile MOURER-CHAUVIRÉ (1996). A fauna pleistocênica do Piauí (Nordeste do Brasil): Relações paleoecológicas e biocronológicas. *FUMDHAMentos* [Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas. Proceedings of the International Meeting on the Peopling of the Americas. São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil (1993)], I: 55-103.

GUIDON, Niède & Georgette DELIBRIAS (1986). Carbon-14 dates point to man in the Americas 32.000 years ago. *Nature*, 321 (6072): 769-771.

GUIDON, Niède (1989a). Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. *Clio* (Série Arqueológica), 5: 5-10.

GUIDON, Niède (1989b). On Stratigraphy and Chronology at Pedra Furada. *Current Anthropology*, 30 (5): 641-642.

GUIDON, Niède (1991). *Peintures préhistoriques du Brasil. L'art rupestre du Piauí*. 109p. Paris: Editions Recherches sur les Civilisations.

GUIDON, Niède; Anne-Marie PESSIS; Fabio PARENTI; Michel FONTUGNE & Claude GUÉRIN (1996). Nature and Age of the deposits in Pedra Furada, Brazil: Reply to Meltzer, Adovasio & Dillehay. *Antiquity*, 70: 408-421.

GUIDON, Niède (Org.) (1998). *Trilhas da Capivara - Capivara Trails*. 80p. São Paulo: Type Laser Desenvolvimento Editorial.

GUIDON, Niède & Anne-Marie PESSIS (1998). Le Parc National de Serra da Capivara. *Revue du Patrimoine Mondial*: 58-69.

GUIDON, Niède (2002). A dinâmica de conservação no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí. *FUMDHAMentos*, 2: 179-186.

GUIDON, Niède; Anne-Marie PESSIS; Fabio PARENTI; Claude GUÉRIN; Evelyne PEYRE & Guaciara M. SANTOS (2002). Pedra Furada, Brazil: paleoindians, painting and paradoxes. *Athena Review* (Peopling of the Americas), 3(2): 42-52.

GUIDON, Niède & Cristiane de Andrade BUCO (2006). Zone 3: Brésil - Nordeste - Etats du Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte et Paraíba. In: *Icomos - World Heritage Convention (Org.). Rock Art of Latin America & The Caribbean*: 122-137. Paris: ICOMOS.

GUIDON, Niède (2007). Parque Nacional Serra da Capivara. Modelo de Preservação do Patrimônio Arqueológico Ameaçado. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* [Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação], 33: 75-93.

- GUIDON, Niède (2008). Pedra Furada. Uma revisão. *FUMDHAMentos* (Atas do II Simpósio Internacional “O Povoamento das Américas”, 16-21 dezembro 2006), 7: 380-403.
- GUIDON, Niède; Anne-Marie PESSIS & Gabriela MARTIN (2009). Pesquisas arqueológicas na região do Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno (Piauí-1998-2008). *FUMDHAMentos*, 8: 1-61.
- GUIDON, Niède; Luísa ALONSO & Anne-Marie PESSIS (2011). *A água e o berço do homem americano. São Raimundo Nonato – PI*. 443p. FUMDHAM / Petrobras.
- JUSTAMAND, Michel (2002). *Comunicar e educar no território brasileiro: uma relação milenar* [Dissertação de Mestrado]. Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. 104p. São Paulo: PUC.
- LAGE, Maria Conceição Soares Meneses (2007). A conservação de sítios de arte rupestre. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* [Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação], 33: 95-107.
- MARTIN, Gabriela; Anne-Marie PESSIS; Niède GUIDON; Tania Andrade LIMA; Claude GUÉRIN & Martine FAURE (2007). Arqueologia Pré-histórica do Brasil: textos de divulgação científica. *Clio* (série arqueológica), 21: 195-284.
- MARTIN, Gabriela & Niède GUIDON (2010). A onça e as orantes: uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres do NE do Brasil. *Clio* (série arqueológica), 25: 11-30.
- MELTZER, David J.; James M. ADOVASIO & Tom D. DILLEHAY (1994). On a Pleistocene Human Occupation at Pedra Furada, Brazil. *Antiquity*, 68: 695-714.
- NEVES, Walter & Mark HUBBE (2008). Paleoamerican morphology's dispersion in the New World and its implications for the settlement of the Americas. *FUMDHAMentos* [Atas do II Simpósio Internacional “O Povoamento das Américas”, 16-21 dezembro 2006], VII: 205-224.
- OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros (2002). Os maníbeiros do sudeste do Piauí. *FUMDHAMentos* 2: 65-84.
- OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros; Cris BUCO & Elaine IGNÁCIO (2010). Dois documentos, uma região, nossa história. In: Niède GUIDON; Cris BUCO & Mila Simões de ABREU, Global Rock Art – Anais do Congresso de Arte Rupestre IFRAO 2009. *FUMDHAMentos*, 9 (2): 377-380. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano.
- PARENTI, Fabio (2001). *Le gisement quaternaire de la Pedra Furada (Piauí, Brésil). Stratigraphie, chronologie, évolution culturelle*. 323p. Paris: Editions Recherches sur les Civilisations, Ministère des Affaires Étrangères.
- PESSIS, Anne-Marie (1996). O Parque Nacional Serra da Capivara: um programa de educação ambiental e eco-desenvolvimento. *FUMDHAMentos*, 1: 20-31.
- PESSIS, Anne-Marie (1999). Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: M. C. TENÓRIO (Org.), *Pré-história da terra brasílica*: 61-72. Rio de Janeiro: UFRJ.

BUCO, Cristiane de Andrade (2014) “O caso da Serra da Capivara, vinte anos de socialização do conhecimento através da arte-educação.”

- PESSIS, Anne-Marie; Fábio OLMOS; Isaac SIMÃO; Joël PELLERIN; Laure EMPERAIRE; Niède GUIDON; Vilma CHIARA & Eliseu Lopes SILVA. (2001). *Trilha Interpretativa Hombu. Parque Nacional Serra da Capivara*. 49p. São Raimundo Nonato: FUMDHAM / CHESF.
- PESSIS, Anne-Marie (2003). *Imagens da pré-história. Parque Nacional Serra da Capivara*. 304p. São Paulo: FUMDHAM/Petrobras.
- PESSIS, Anne-Marie; Gabriela MARTIN AVILA; Tania Andrade LIMA; Niède GUIDON; Claude GUÉRIN & Martine FAURE (2006). Arqueologia Pré-histórica do Brasil: Textos de divulgação científica. *Clio* (Série Arqueológica), 21: 195-284.
- PESSIS, Anne-Marie. (2007). Patrimônio e Cidadania. *FUMDHAMentos*, 5: 1-5.
- PEYRE, Evelyne; J. GRANAT & Niède GUIDON (2009). Dentes e crânios humanos fósseis do Garrincho (Brasil) e o povoamento antigo da América. *FUMDHAMentos*, 8: 63-69.
- QUAGLIUOLO, Maurizio (2010). Quality Management at Rock Art Sites: The Herity Certification at Serra da Capivara World Heritage Site. In: Niède GUIDON; Cristiane BUCO & Mila Simões de ABREU, (Eds.), Global Rock Art – Anais do Congresso de Arte Rupestre IFRAO 2009. *FUMDHAMentos* 9, 4: 1161-1165. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano.

- RODRIGUES, Marian Helen Silva. (2011). *Parque Nacional Serra da Capivara e comunidade: educação, preservação e fruição social. Um estudo de caso em Coronel José Dias, Piauí, Brasil*. [Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre]. 167p. Portugal: Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro e Instituto Politécnico de Tomar.
- SANTOS, Fabrício R. (2008). O povoamento das Américas através de estudos de ancestralidade paterna. *FUMDHAMentos* [Atas do II Simpósio Internacional “O Povoamento das Américas”, 16-21 dezembro 2006], 7: 192-203.
- WATANABE, Shigueo; Walter Elias Fera AYTÁ; Henrique HAMAGUCHI; Niède GUIDON; Eliany Salarolli LA SALVIA; Silvia MARANCA & Oswaldo BAFFA [Filho](2003). Some Evidence of a Date of First Humans to Arrive in Brazil. *Journal of Archaeological Science*, 30 (3): 351-354.

Gestão para Proteção do Patrimônio Ambiental e Cultural do Parque Nacional da Serra da Capivara

Fernando Augusto Tambelini Tizianel

Parque Nacional Serra da Capivara
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)

E-mail:
fernando.tizianel@icmbio.gov.br

Resumo: O Parque Nacional Serra da Capivara é um amplo espaço natural onde arte rupestre e biodiversidade natural se associam, criando um ecossistema onde patrimônio natural e cultural oferece grande beleza. Nesta comunicação vai-se referir a realidade da gestão deste espaço.

Palavras chave: Gestão Patrimônio Ambiente
Serra da Capivara

Abstract: The Parque Nacional da Serra da Capivara is a large natural area where rock art and natural biodiversity associate, creating an ecosystem where natural and cultural heritage offers great beauty. This communication will refer the reality of managing this space.

*Keywords: Management Heritage Environment
Serra da Capivara*

A legislação brasileira que trata sobre a gestão de Unidades de Conservação (UC) foi unificada pela Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, através da instituição do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Segundo esta lei, uma UC é definida como um espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, que é legalmente instituída pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção. No âmbito federal, a gestão de unidades é realizada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade — ICMBio, autarquia vinculada ao Ministério do Meio Ambiente.

O SNUC divide as UCs em dois grupos: as de Proteção: Integral e as de Uso Sustentável. Nas UCs de proteção integral o objetivo é manutenção dos ecossistemas livres de alterações causadas por interferência humana, admitido apenas o uso indireto dos seus atributos naturais, como por exemplo a pesquisa científica e atividades de visitação. Neste grupo de UCs, está a categoria Parque Nacional, que equivale a Categoria II da IUCN. Segundo o SNUC, o Parque Nacional possui como objetivo básico três eixos principais. O primeiro é o de preservação de ecossistemas naturais, que aliam a importância da conservação da biodiversidade com a beleza cênica. Para cumprir este quesito, são estabelecidas normas e restrições, além das previstas em lei, através do Plano de Manejo, que é um documento onde estabelece-se as normas e planejamentos para se gerir uma UC. O segundo eixo é o da visitação pública, realizado através de desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. O último eixo é o de possibilitar a realização de pesquisas científicas em área natural. A pesquisa científica depende de autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade e deve ser solicitada on-line no SISBIO — Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (<http://www.icmbio.gov.br/sisbio/>).

O Parque Nacional da Serra da Capivara foi criado através do Decreto de nº 83.548, de 5 de junho de 1979. Originalmente com 100 000 hectares, a proteção do Parque foi ampliada pelo decreto de nº 99.143 de 12 de março de 1990 com a criação de Áreas de Preservação Permanentes que juntas perfazem 35 000 hectares. A UC abrange parte dos municípios de Canto do Buriti, Coronel José Dias, São João do Piauí e São Raimundo Nonato, no Piauí. As características que mais pesaram na decisão de criação do Parque foram de natureza diversa, incluindo as ambientais (área semi-árida, fronteira entre duas grandes formações geológicas — a bacia sedimentar Maranhão-Piauí e a depressão periférica do rio São Francisco — com paisagens variadas nas serras, vales e planície, com vegetação de caatinga), culturais (na unidade acha-se a maior concentração de sítios arqueológicos atualmente conhecida nas Américas, a



Fig. 1 Guarita de controle de acesso ao Parque Nacional da Serra da Capivara



Fig. 2 Treinamento de brigadistas no Parque Nacional Serra da Capivara

maioria com pinturas e gravuras rupestres, nos quais se encontram vestígios extremamente antigos da presença do homem) e turísticas (com paisagens de uma beleza natural surpreendente, com pontos de observação privilegiados, esta área possui importante potencial para o desenvolvimento de um turismo cultural e ecológico, constituindo uma alternativa de desenvolvimento para a região, cujos recursos naturais são limitados pelas épocas de seca) (IBAMA, 1994). Devido a importância deste Parque Nacional, em 1991 ele foi reconhecido como Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO.

Até o momento no Parque Nacional da Serra da Capivara foram identificadas 610 espécies plantas (Emperaire 1989 FUMDHAM 1998, Lemos 2004), 239 espécies de aves (Olmos e Albano 2012), 19 de lagartos, 17 de serpentes e 17 de jias e sapos (FUMDHAM, 2014), 37 mamíferos não-voadores e 24 espécies de morcegos, sendo três endêmicas (FUMDHAM, 2014), além de novas espécies ainda em descrição de aranhas.

O Parque Nacional possui Conselho Consultivo criado pela Portaria ICMBio nº 128 de 14/12/2010, renovado pela Portaria ICMBio nº 110, de 18/10/2012. Compõe o conselho representantes da administração pública (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN, Superintendência Estadual do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, IBAMA/PI, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária — INCRA, Universidade Federal do Vale do São Francisco — UNIVASE, Universidade Estadual do Piauí — UESPI, Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural — PI, Secretaria de Turismo do Estado do Piauí — SETUR, Secretaria Municipal de Educação de Coronel José Dias/PI, Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de São Raimundo Nonato/PI, Secretaria Municipal de Educação de Brejo/PI, Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto, Lazer e Turismo de João Costa/PI) e da sociedade civil (Associação de Desenvolvimento Rural Nova Opção, Associação dos Pequenos Agricultores do Gerais, Associação dos Produtores Rurais da Baixa da Serra Branca, Associação dos Produtores Rurais do Mucambo, Associação dos Produtores Rurais da localidade Serra Queixo, Associação dos Produtores Rurais do Clemente, Sindicato dos Trabalhadores Rurais Brejo do Piauí, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tamboril, Comunidade Sítio do Mocó, Comunidade do Alegre — João Costa, Comissão Pastoral da Terra — CPT, Fundação Museu do Homem Americano — FUMDHAM, Fundação Social de Educação e Desenvolvimento Humano — FUNSEDH, Serviço de Apoio às Pequenas e Médias Empresas — SEBRAE, Associação dos Condutores Visitantes Ecoturísticos do Parque Nacional Serra da Capivara — ACOVESC e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial — SENAC). As reuniões ordinárias são semestrais.

A gestão do Parque Nacional Serra da Capivara baseou-se em parceria com uma OSCIP, a Fundação Museu do Homem Americano — FUMDHAM. A primeira parceria firmada ocorreu em 1987 para elaboração do Plano de Manejo. Atualmente, o ICMBio mantém a parceria para apoio na implementação, manutenção e pesquisas científicas da UC.

Para garantir a integridade do patrimônio ambiental e cultural Parque, são executadas as seguintes ações:

1. Sistema Terrestre Móvel: consiste em rondas planejadas e periódicas, no interior e entorno da UC, para monitoramento patrimonial, ambiental e de acessos ilegais. Realizada por equipe de vigilância e por brigadistas;
2. Prevenção, controle e combate aos incêndios florestais: contratação de brigadistas em período crítico de ocorrência de incêndios florestais e de queimadas. Ações pautam principalmente na prevenção de incêndios, com orientações de queima controlada às populações, supressão de material combustível nos limites do Parque e próximo a estradas principais e sítios arqueológicos, desobstrução de vias para garantir deslocamento de monitoramento e eventual combate. Esta estratégia reduziu drasticamente a ocorrência de incêndios florestais no Parque.
3. Sistema Terrestre Fixo: manutenção de pessoal em bases e guaritas distribuídas no perímetro da UC, para monitoramento de acessos e de ocorrências. Todas as guaritas possuem rádio comunicação com o ICMBio e com a FUMDHAM.
4. Monitoramento e conservação de sítios arqueológicos e históricos: trabalho realizado pela FUMDHAM e pelo IPHAN, para intervir e prevenir quanto às degradações naturais dos sítios e mantê-los adequados para a pesquisa e uso público.
5. Exigência contratação de condutores credenciados para acompanhar visitantes, como forma de garantir a integridade do patrimônio cultural e ambiental da UC. Os condutores foram capacitados com cursos de formação realizados desde 1993.
6. Abertura do Parque à visitação. Consta-se que as áreas com uso público implementado possuem menores ocorrências de invasões e de crimes ambientais ligados à caça.
7. Controle Pesquisas científicas através da autorização pelo SISBIO.
8. Envolvimento da comunidade do entorno com atividades de pesquisa, educação ambiental, inclusão em projetos de geração de renda e difusão do conhecimento patrimonial.



Fig. 3 Turistas acompanhados por condutor no Parque Nacional da Serra da Capivara

Tais estratégias buscam, de maneira integrada, proteger o patrimônio cultural e ambiental do Parque Nacional. Em 20 anos de implementação de estrutura física da UC e com o início de tais estratégias, houve recuperação da fauna, com destaque para as populações de médios e grandes mamíferos, recuperação de áreas degradadas, assim como da diminuição da depredação de sítios arqueológicos e históricos.

Referências

- EMPERAIRE, Laure (1989). *Vegetation et gestion des ressources naturelles dans la caatinga du sud-est du Piauí (Brasil)*. Ed. ORSTOM F7, TDM- 52. 378 pp.
- ANÓNIMO IBAMA — Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). (1994) *Plano de Ação Emergencial: Parque Nacional Serra da Capivara*, 167p.
- ANÓNIMO (FUMDHAM — Fundação Museu do Homem Americano). (S/D). *Vertebrados do Parque Nacional Serra da Capivara*. Disponível em < <http://www.fumdam.org.br/fauna.html>, [Consult. 30 de abril de 2014].
- ANÓNIMO (FUMDHAM — Fundação Museu do Homem Americano). (1998). *Parque Nacional Serra da Capivara*. FUMDHAM/ FNMA/ ASMOCO. Teresina: Alínea Publicações Editora
- LEMOS, Jesus Rodrigues (2004). Composição florística do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil. *Rodriguésia*, 55 (85): 55-66.
- OLMOS, Fabio e Ciro ALBANO (2012). As aves da região do Parque Nacional Serra da Capivara (Piauí, Brasil). *Revista Brasileira de Ornitologia*, 20(3), 173-187.

2. Comunicações

Povos Indígenas em Quadrinhos: narrativas visuais do artista brasileiro Sérgio Macedo, em defesa da preservação do Patrimônio Cultural Indígena

Cláudia Matos Pereira

Doutoranda em Artes Visuais pela Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Docente da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

E-mail: claudiamatosp@hotmail.com

Resumo: Para Walter Benjamin (1987), a alma, o olho e a mão estão inscritos no mesmo campo e a interação entre eles, definem uma prática. A verdadeira narração é uma prática que não é exclusiva da voz: os gestos intervêm decisivamente na expressão desta relação artesanal. As experiências do narrador e as dos outros criam um “produto sólido, útil e único”. Ao transportar este ponto de vista à Arte e ao Patrimônio, pretende-se analisar como o artista pode ser um narrador e seu produto útil e único se realizar através de desenhos, que expressem a voz de culturas indígenas.

Abstract: For Walter Benjamin (1987), the soul, the eye and the hand are enrolled in the same field and the interaction between them, define a practice. The real story is a practice that is not unique voice: gestures decisively involved in the expression of this handmade relationship. The experiences of the narrator and the other creates a “solid, useful and unique product.” When transporting this view to the Art and Patrimony, aims to analyze how the artist can be a narrator and his useful and unique product takes place through drawings that express the voice of indigenous cultures.

Palavras chave: [Imagem e Cultura](#) [Narrativa](#) [Patrimônio](#) [Cultura Indígena](#) [História em Quadrinhos](#)

Keywords: [Image and Culture](#) [Narrative](#) [Patrimony](#) [Indigenous Culture](#) [Comic Books](#)

Introdução

“O que criou a humanidade foi a narração”.
Pierre Janet

Walter Benjamin, afirma que a narração não é produto exclusivo da voz e que na verdadeira narração, a mão intervém de forma decisiva com seus gestos, decorrentes da experiência do trabalho, capazes de sustentar “de cem maneiras, o fluxo do que é dito” (Benjamin, 1987: 221). De que forma a linguagem artística pode ser um veículo narrativo em prol da defesa do Patrimônio Cultural?

Sérgio Macedo dedicou um período de sua vida a viver na aldeia *Kayapó Metyktire*, no norte de Mato Grosso — Brasil. Torna-se um ‘narrador’ de histórias em seu livro: “Povos Indígenas em Quadrinhos”, da Zarabatana Books, em 2012. O livro (fig.1) inicia com a formação das primeiras sociedades indígenas no país, chegando ao período considerado Descobrimto do Brasil e a seguir, estão os capítulos: *Yanomami*; *Xavante* (1700-1993); *Xingu* (1960-1990); *Kayapó*; *Suruí* (1960-1988) e *Panará* (1968-1989).

Consciente de que o Patrimônio Cultural Imaterial, (conforme IPHAN) é transmitido de geração a geração, recriado pelas comunidades e grupos, de acordo com seu ambiente, natureza, história e respeito às diversidades culturais como elementos que sedimentam a identidade, Sérgio Macedo, em seu olhar etnográfico, afirma que “o motor essencial da obra foi o contato direto com os povos indígenas que conheceu”.

1. O trajeto de Sérgio Macedo

O artista nasceu na cidade de Além Paraíba em 1951, no estado de Minas Gerais, Brasil. Desde cedo se interessou pelo desenho e logo inicia seus primeiros desenhos com dois anos e meio de idade e, com quatro anos e meio, desenha sua primeira página de HQ, ao copiar uma página do clássico “O Último dos Moicanos”. Nos anos de 1970, foi o primeiro autor brasileiro a publicar Histórias em Quadrinhos na ‘Revista Grilo’ que, até então, só publicava artistas estrangeiros. Em 1973, publicou o primeiro livro de HQ brasileiro, “O Karma de Gargoot”. Em 1974, foi para a França e depois viveu cerca de 25 anos no Taiti. Nos EUA, seu livro “Lakota: An Illustrated History”, foi

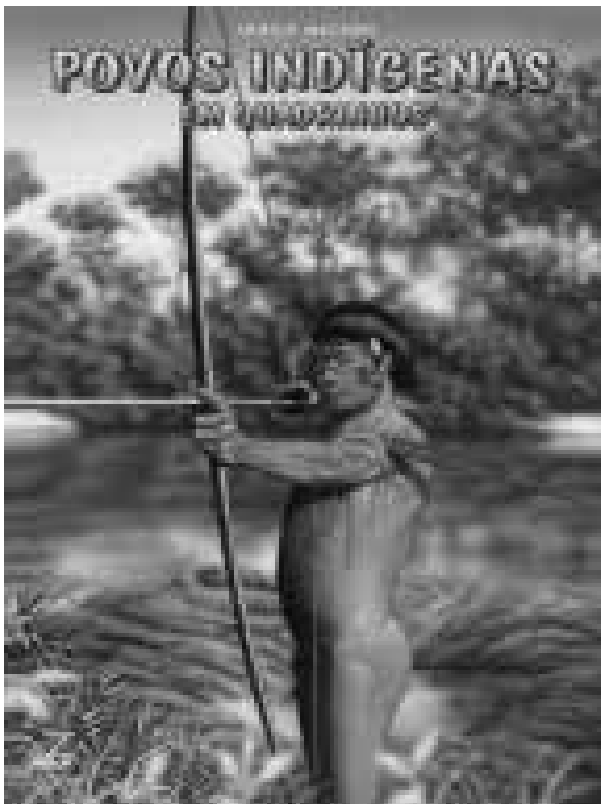


Fig. 1 Capa do livro de Sérgio Macedo.
Fonte: própria.

premiado com o Benjamin Franklin Award como a melhor obra multicultural de 1997. Em 2007, recebeu no Brasil o troféu HQ Mix, categoria *Grande Mestre* e lançou em 2008 o álbum 'HQ Xingu!'. Em 2012 lançou o livro que é tema deste artigo.

Seja no longo período em que esteve em contato direto com a cultura *Maòhi* no Taiti, seja na obra que realizou sobre os índios *Lakota*, assim como histórias sobre os índios do *Xingu*, percebe-se neste artista um olhar múltiplo para a diversidade cultural, assim como o respeito e admiração por estes povos.

Suas Histórias em Quadrinhos são textos visuais cuja importância se faz visível pela militância e postura em conscientizar o público na defesa destas culturas. Clifford Geertz (2008:4) fundamenta seu conceito de cultura como sendo semiótico e afirma que "as formas culturais podem ser tratadas como textos". Sérgio Macedo expressa, mediante esta linguagem artística, a experiência destes encontros em narrativas/textos visuais, em que os personagens são reais e suas falas, relatos reproduzidos pelo artista.

2. Quadrinhos: narrativas visuais

Sérgio Macedo afirma ter realizado uma História em Quadrinhos 'documentária', onde prevalece o realismo naturalista em seus desenhos. Todos os Quadrinhos foram pintados com acrílico sobre papel, com uso do pincel e aerógrafo. Somente três imagens foram feitas com desenho digital. Fiel aos detalhes das paisagens, dos índios, e de todo o contexto, muitas imagens foram criadas a partir de fotografias publicadas pela imprensa e por algumas enviadas a ele, quando residia no Taiti. O artista realizou também esboços nos locais de contato com os índios no Brasil. "Há habilidade narrativa que combina história, ação, aventura e dinâmica entre textos do narrador e balões com falas dos personagens. A linguagem é de fácil acesso ao leitor" (Pereira, 2014).

A voz dos indígenas se traduz nos trabalhos do artista. Narrativas de mitos e histórias que se transmitem de geração a geração, formam representações de realidades indígenas. Estas representações envolvem, segundo Roger Chartier (1990: 28), a "compreensão das práticas, complexas, múltiplas, diferenciadas que constroem o mundo como representação". Um breve exemplo no capítulo sobre os *Kayapó*, na página 57: "Depois da morte, o MEKARON vai para o ME-TUK-Õ-KRIMET, para lá do KOIWA, longe, muito longe do nosso mundo". Sérgio Macedo (2012) indica em nota, ao fim da página, o significado de cada palavra nativa, assim: MEKARON (espírito, sombra ou alma); ME-TUK-Õ-KRIMET (aldeia dos mortos); KOIWA (teto do céu). Ele esclarece que na mitologia *Kayapó*, o céu, sustentado por uma árvore gigantesca, é o teto da

terra e que não há relação com a ideia cristã de 'reino celeste'. A seguir (fig.2 e fig.3), uma história narrada por um índio:

Um dia um ME BE NGT encontrou a cova de um tatu gigante. Ele cavou, cavou, dia após dia, cada vez mais fundo e acabou furando o chão do céu. O homem e o tatu despencaram do em direção à terra... e acabou furando o chão do céu. O tatu e o homem despencaram em direção à terra... mas um vento forte pegou o homem e o levou de volta para cima [...] (Macedo, 2012:46).

O mesmo índio continua a dizer que este homem (ME BE NGT: um avô, membro da classe dominante) conta aos demais membros da aldeia, sobre o ocorrido e os chefes decidem que todos deveriam descer por uma corda jogada por esse buraco, levando seus pertences. Aqueles que não desceram por hesitarem e os demais que não o fizeram, permaneceram no céu, após a corda ter sido cortada por um menino estranho. O índio prossegue com a fala: “os que não desceram continuam até hoje lá no céu. As estrelas que vemos são as fogueiras que eles acendem durante a noite” (Macedo, 2012: 46-47).

São inúmeros os exemplos das falas indígenas nas histórias. Nos capítulos sobre cada tribo, surgem relatos de mitos da criação, lendas, ensinamentos e práticas tradicionais, assim como reflexões, lamentos e indignações com circunstâncias verídicas, contatos, dificuldades, doenças e obstáculos enfrentados pelos índios em determinados períodos da história. Como exemplo, em um quadrinho da página 59, há o relato sobre o contato do cacique *Ropni* e o então Ministro Andreazza, período em que o governo cede nas negociações e restitui parte da terra *Kayapó*, divulgado pela tv — momento em que o cacique puxa as orelhas do Ministro e diz: “aceito ser seu amigo, mas você tem que escutar o índio. O índio é gente grande e sei falar como gente grande. Branco não pode mais enrolar índio” (Macedo, 2012: 59).

Não prevalece apenas o olhar e técnica do artista sobre seu tema de trabalho, mas décadas de pesquisa sobre o assunto foram necessárias para que Sérgio Macedo aprofundasse seu objeto de estudo na concretização deste livro. A preocupação com o Patrimônio Cultural Indígena fez com que ele utilizasse ampla bibliografia, artigos da imprensa nacional e estrangeira, relatórios e publicações da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), dissertações e teses de antropólogos, filmes, documentários e DVDs. Seu livro condensa conhecimento intelectual, sensibilidade artística e um olhar etnográfico em defesa do Patrimônio destes povos. Independente de falas e palavras, as imagens destes quadrinhos enquanto narrativas visuais dizem por si só.



Figs. 2 e 3 Imagens retiradas do livro de Sérgio Macedo, página 46 e 47. Fonte: própria.

Considerações finais

Identidade, consciência e continuidade são palavras de peso na visão de Sérgio Macedo. A cultura de um povo fundamenta-se na identidade das pessoas, em suas crenças, valores, expressões, objetos, instrumentos/ferramentas, manifestações artísticas, espaços que ocupam e que são repletos de sentido para aquelas vivências do cotidiano. Histórias, memórias, narrativas, crenças, atividades e práticas que se perpetuam de geração a geração compõem o tecido cultural que vem a constituir o patrimônio cultural. Assim, surge a consciência para se respeitar a identidade de um grupo ou comunidade, como também o respeito à imensa diversidade cultural existente. Márcia Chuva (2012:15) refere-se à importância da contribuição de diversas disciplinas no universo inter e multidisciplinar em diálogo, para a preservação cultural. A arte pode se inserir neste diálogo com o patrimônio.

A criatividade humana é infinitamente contínua e a recriação nas sociedades faz parte da habilidade tanto de integração como de superação e adaptação a novas realidades, circunstâncias e contextos. A valorização daquilo que é a essência cultural de determinado povo e que o diferencia dos demais, é também o que mais reforça a sua importância como parte integrante da cultura. Pois é nessa essência vital que se pode perceber a marca de um povo, de uma geração, a força de uma cultura.

Nesta voz que surge — no vocabulário das formas, das cores, dos gestos, dos sons, dos ritos, das práticas — se evidencia uma Cultura. Modos de ser — modos de viver — modos de fazer (Gallois, 2006:52) — modos de experimentar e expressar — tudo isso — deve ser preservado como patrimônio humano: como patrimônio cultural, longe de se tornar algo visto externamente e institucionalizado por um discurso científico, mas algo vivenciado, experimentado, percebido como intrínseco na existência.

Referências

- BENJAIN, Walter (1987). *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- CHARTIER, Roger (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL.
- CHUVA, Márcia (org.). "História e patrimônio: entre o risco e o traço, a trama." *In: Revista do Patrimônio Artístico e Cultural Nacional* nº34. Brasília: Ministério da Cultura
- GALLOIS, Dominique T. (org.) (2006). *Patrimônio Cultural Imaterial e povos indígenas-Exemplos no Amapá e norte do Pará*. São Paulo: Iepé.
- GEERTZ, Clifford (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. LCT.
- MACEDO, Sérgio (2012). *Povos Indígenas em Quadrinhos*. São Paulo: Zarabatana Books.
- Patrimônio Imaterial. *IPHAN* [Consult. 2014 -02-03] Disponível em: <URL: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do;jsessionid=ABBDE4929D788C291B2376477EE35A3C?id=10852&retorno=paginaIphan>>
- PEREIRA, Cláudia M. (2014). "Povos Indígenas em Quadrinhos: o olhar etnográfico-semiótico do artista brasileiro Sérgio Macedo." *In: Revista :ESTÚDIO Artistas sobre outras Obras*, número 9, janeiro-junho de 2014; pp. 81-87. Lisboa: FBAUL-PT & CIEBA. ISSN 1647-6158, e-ISSN 1647-7316.

São Luís e os Paradigmas do Patrimônio cultural

Cínthia dos Santos Moreira Bispo

Universidade Federal do Maranhão.
Doutoranda em Quaternário, Materiais e Culturas
da Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro
(UTAD)

E-mail:
csmoreira23@gmail.com

Resumo: Este trabalho é resultado de dissertação de mestrado, versa principalmente sobre o Centro Histórico de São Luís. Visa um diálogo sobre a transformação do uso desse território, bem como perceber a dinâmica das relações sócio-culturais e governamentais para a preservação desse bem cultural. A fim de corroborar para a preservação deste território, propomos a transformação do mesmo em um museu de território e, para tanto, apresentaremos uma seleção de espaços que farão parte do roteiro do museu.

Palavras chave: Arqueologia Histórica
Patrimônio Cultural Museu de Território
Centro Histórico São Luís

Abstract: This work is a result of dissertation, versa mainly over the historic centre of São Luís. Seeks to a dialogue on the transformation of the use of this territory, as well as understand the dynamics of socio-cultural and governmental relations for the preservation of this cultural object. In order to corroborate for the preservation of this territory, we propose the transformation of it into a Museum of territory and, to that end, we will present a selection of spaces that will be part of the roadmap of the Museum.

*Keywords: Historical Archaeology Cultural Heritage
Museum of Territory The Historic Centre São Luís*

1. Decadência ou novos rumos?

O processo de patrimonialização do Centro Histórico de São Luís esteve durante uma longa jornada entre a ação pretendida e a ação executada, isto é, discursos e práticas executadas desde a década de 1950. Embora houvesse uma grande preocupação, principalmente durante a década de 1980, parte desse patrimônio ficou bastante degradado, principalmente por falta de recursos financeiros necessários para a preservação deste espaço. As ações de preservação estavam mais concentradas nos monumentos históricos, sendo apenas ampliados os interesses à manutenção e preservação dos bens imateriais¹ com o passar do tempo.

O Projeto Preservação e Revitalização do Centro Histórico (PPRCH) trouxe como um dos reflexos a inclusão de São Luís na lista de Bens Patrimônio Mundial da UNESCO, em 1997. Este processo possibilitou favorecimento econômico à cidade, pois a mesma passou a fazer parte do roteiro turístico nacional e internacional. Com o aumento da rede de serviços e comércio local, foram instalados inúmeros hotéis e restaurantes nessa área, além do fomento para a produção de produtos regionais.

Apesar disso, a década de 2000 apresentou um cenário alarmante quanto à continuidade da preservação desse espaço. Vários questionamentos são provocados na tentativa de encontrar soluções, tais como: falta de recursos financeiros? Instabilidade nas relações entre o poder público e a comunidade local? A não inserção da comunidade local no meio social? De fato, há projetos que almejam a transformação desse cenário, na tentativa de reacender a economia e os aspectos positivos de outrora, mas o que encontramos atualmente nesta área são problemas sociais e problemas de preservação dos imóveis.

Durante a década de 1990 houve um grande impulso, presente principalmente nos meios de comunicação local, para a transformação de São Luís em atração turística, com a busca por um público nacional e internacional. Neste período, a cidade contava com uma rede hoteleira propícia ao turismo.

É sob esta estratégia aliada entre o poder público e os meios de comunicação local, que a cidade passou a consolidar sua inserção no roteiro turístico e no patamar patrimonial. Acredita-se que a cidade pode ser beneficiada através

¹ Apesar de haver uma separação entre bens tombados materiais e imateriais, percebemos que não há uma grande separação entre ambos, pois nas duas linhas de tombamento encontramos imbricados os modos de fazer, as preservações de técnicas que, portanto, são inerentes ao bem imaterial. Acreditamos que esta seja apenas uma forma de melhor caracterizar um bem cultural, mas destacamos que um não está totalmente dissociado do outro.

da sua inclusão como polo turístico, contudo, a participação dos moradores dessa região neste processo é fundamental, pois só assim poderá haver uma sociedade mais justa e o aumento do número de beneficiados.

Almejando o alcance desse objetivo é que propomos a transformação desse espaço em museu de território, no qual a comunidade é parte integrante. A partir do capítulo seguinte explicitaremos esta ação de forma mais pormenorizada, como medida proposta para um novo rumo à preservação desse espaço. (HOMS 2004; KOHLSDORF 2005).

2. Proposta de Musealização do Território

Qual o melhor meio de sensibilização da preservação e conservação desse patrimônio? Como fortalecer a identidade² dessa comunidade, que outrora passou por tantos anos à mercê das políticas públicas e estratégias implantadas a partir da década de 1970, para mudança desse cenário sócio-político? Sob estas perspectivas é que propomos a implantação de um museu de território ou ecomuseu no Centro Histórico de São Luís, uma cidade que é ímpar na sua pluralidade cultural.

De acordo com estudos anteriores, o Centro Histórico de São Luís é propício para a implantação desse sistema de museu, pois é composto por uma identidade particular, e que através da sua apropriação, agregou-se um valor simbólico ao seu território. Para tanto, almejamos traçar estratégias de implantação desse equipamento cultural, a fim de que o mesmo possa vir a ser mais uma forma de consolidação da identidade local. A partir da concepção de gestão do território, que possui uma vertente integrada entre o território e seu meio (social, cultural, econômico, ambiental e etc.), consideraremos a intervenção como forma de conseguir uma dimensão pró-ativa na interação entre esses segmentos.

Assim, através da ferramenta de gerenciamento SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats), traçaremos os principais pontos relevantes à implantação desse instrumento, visando fornecer um quadro geral e diagnóstico que proporcione um instrumento mais adequado a este espaço. Pretendemos expor os principais pontos para a viabilização do projeto, portanto serão destacados os Pontos Fortes, Pontos Fracos, Riscos, Ameaças e Oportunidades.

2 Entendemos por identidade o sentido proposto por HELLER (2000, Apud Alves *et al*, 2007), segundo o qual a identidade se constitui no modo como os indivíduos atribuem significado às suas realidades simbólicas e/ ou concretas, pautadas por questões da vida cotidiana.

As conclusões avultadas de acordo com o Diagnóstico realizado nos informam que: pelo seu aspecto arquitetônico e traçado urbano conservados, e pela riqueza das manifestações culturais, a cidade de São Luís permite delinear planos que estabeleçam, de maneira clara e pontual, a implantação dessa proposta. Tais vantagens possibilitam uma qualidade fantástica à sinalização de roteiros com a implantação de placas informativas nas áreas potenciais. Sua dinâmica urbana mostra que os cidadãos ludovicenses estão adquirindo, com o passar do tempo, uma sensibilidade e busca pelo entendimento da identidade histórica. As especificidades arquitetônicas se mostram como grandes aliadas ao roteiro proposto e visam estabelecer comparações com a história até hoje conhecida. Além disso, buscam enriquecer os conhecimentos acerca do desenvolvimento histórico e cultural da cidade.

3. Modelo de Gestão, Disseminação e Sustentabilidade

Nos dias atuais, a sociedade busca cada vez mais ser independente das ações governamentais, pois suas necessidades já não se satisfazem apenas com o que é oferecido pelo Estado; por isso, aponta-se a necessidade por uma participação efetiva. Para tanto, é fundamental que os atores sociais possuam uma qualificação adequada, a fim de que possam assegurar sua participação de forma clara e competente.

Vários são os mecanismos que podem assegurar tal participação. Como um produto final desse processo, apresentaremos a indicação de sítios e roteiros para fazerem parte do museu de território, e uma forma de sinalização mais viável ao mesmo. Contudo, destacamos que uma forma de gestão integrada que possa assegurar a disseminação e sustentabilidade desse processo, ou seja, garantir a participação dos atores sociais. A princípio, indagamo-nos sobre os seguintes itens: gerir o quê, para quê e para quem? Ao decorrer de toda esta pesquisa enfatizamos a importância da preservação de um bem cultural, seja ele material ou imaterial. Sendo assim, a primeira resposta que obtemos é: gerir o Centro Histórico de São Luís, visando a sua integridade física, arquitetônica e cultural, ou seja, a preservação desse bem cultural. O resultado é a preservação da memória, através da participação de seus principais representantes, ou seja, dos atores sociais que ali moram, frequentam, fazem ou fizeram parte da construção da identidade, sendo este nosso público-alvo, e conseqüentemente, da sociedade que extrapola este território. Destacar a importância da memória coletiva. (HABWACHS, 2004).

Deste modo, precisamos desenvolver uma cadeia operatória que fortaleça de maneira coerente a inserção dos moradores desse local. Logo, é necessário

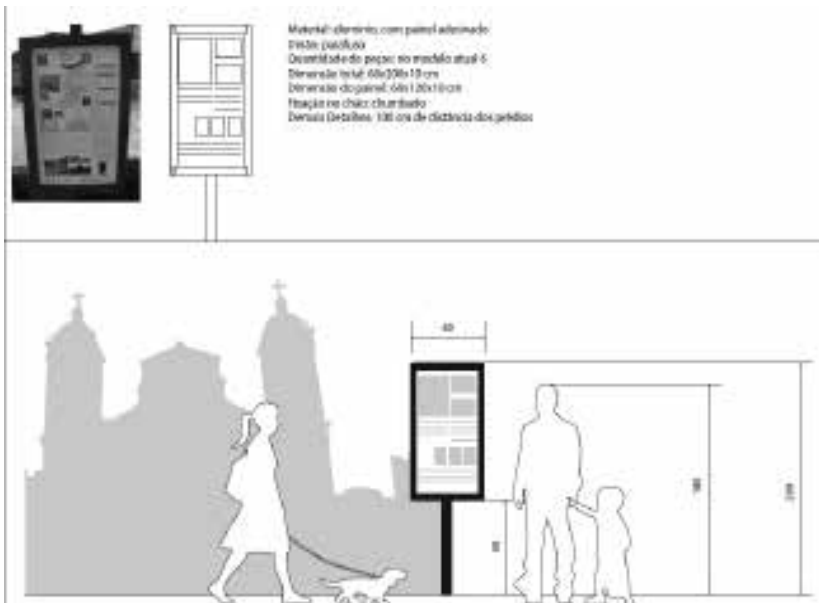


Fig. 1 Cinthia Moreira, 2010

desenvolver ações que possibilitem desde a qualificação de recursos humanos, como também o fortalecimento da identidade desse grupo. A partir desse parâmetro, podemos alcançar um resultado positivo da implantação desse instrumento (o museu), como um arcabouço para transformação de uma realidade (que no momento se apresenta como fator de risco e ameaça). Nesse cenário, a disseminação e sustentabilidade serão desenvolvidas através da interação entre o município e os cidadãos, pois gerir território é gerir vidas.

Para o alcance de tal realidade, esta proposta poderá ter a parte logística assegurada pelo Município de São Luís, através da divulgação das ações, criação de redes parceiras, captação de recursos e publicação de resultados.

Foram selecionados 22 espaços, os quais farão parte do roteiro proposto. Estes locais são pontos relevantes à memória da cidade, repletos de símbolos e signos, que juntos auxiliam no entendimento da formação da mesma. Destacamos a seguir a seleção realizada e após a apresentação da mesma. Propomos também os elementos informativos que farão parte da confecção das placas museográficas, a serem instaladas nos locais.

3.1 Perspectiva Museográfica do Espaço

O Plano Museográfico selecionado levou em consideração o ambiente físico e natural dos espaços a serem musealizados. Além disso, buscou-se perceber desde os elementos cabíveis até sua confecção e montagem, como também a variedade de público que se pretende alcançar. Neste sentido, após algumas análises e busca pela melhor forma de expor as informações, ou seja, pela melhor forma de comunicação visual (ver imagem 1).

Após a seleção do modelo da placa museográfica, levou-se em consideração o ambiente no qual ficaria exposta, a maior durabilidade da peça e as informações nela contidas. A partir disso, foram selecionados os seguintes elementos: Material; União; Quantidade de Peças; Dimensão Total; Dimensão do Painel; Fixação; Distância dos prédios.

Ressaltamos que o Centro Histórico de São Luís fica localizado próximo à influência de salitre, exposição aos fatores climáticos (sol e chuva) e de outros elementos que devem ser considerados: segurança, durabilidade, iluminação, informação, selecionamos como maneira mais adequada o seguinte:

Material: alumínio com painel adesivado;

União: parafuso;
Quantidade de Peças: 6 peças por placa;
Dimensão Total: 60 × 200 × 10 cm;
Dimensão do Painel: 60 × 120 × 10 cm;
Fixação: chumbado no chão;
Distância dos prédios: 100 cm de distância dos prédios.

Enfatizamos que para a elaboração do produto final foram realizadas, ao todo, cinco fases de composição das placas, considerando as dimensões, as informações, a comunicação e etc., até chegar ao resultado final: uma placa com histórico, foto, mapa de todo roteiro, legenda e informações em duas línguas (português e inglês). (Ver imagem 1).

Considerações finais

Percebemos que a cidade de São Luís é um palco múltiplo de informações. Não precisamos definir quem fundou ou não a cidade, se foram portugueses ou franceses: o importante é perceber os elementos imbricados e que fizeram dela este palco composto por uma cidade bela, com riquezas singulares, valores únicos e manifestações culturais que estão enraizadas nesse processo de bricolagem na formação de suas identidades. Falar de sua memória remete aos seus primeiros habitantes, bem como às transformações arraigadas pelos povos que chegaram *a posteriori*.

Perceber os percalços que fizeram dos elementos estruturadores o reconhecimento de São Luís enquanto Patrimônio Mundial da Humanidade é fundamental. Este percurso, desde sua ocupação até os dias atuais, configura hipóteses sobre sua formação. A insistência para a preservação desse bem cultural, que como apresentamos já tem uma longa caminhada, nos mostra que apesar de seus períodos de alternâncias entre a preservação e o estado de abandono, a memória e seus elementos continuam perpetuados, seja através dos elementos compostos de pedra e cal, seja através de seus vestígios guardados em seu subsolo, ou na lembrança esquecida e às vezes rememorada e perpetuada nas suas manifestações.

São Luís de encantos e desencantos, eis aqui um elemento para o seu entendimento, elemento que não é único, mas que se apresenta sob um caleidoscópio, para o qual o leitor caberá encontrar uma resposta. Tal resposta pode ser descoberta através do diálogo entre seus vários transeuntes, através de uma comunicação que pode ser trazida à luz de um equipamento: o Museu.

Percebemos que o papel do museu se transformou ao longo dos anos e que isto proporcionou o acesso de uma camada social que era excluída desse

alcance. Essa mudança também propiciou um diálogo entre a sociedade e seus signos, fazendo com que cada vez mais surgissem museus e mostras com os mais variados temas. Conforme ressaltamos, o movimento da nova museologia trouxe à luz mostras e espaços que puderam melhor representar um grupo social. O surgimento do ecomuseu ou museu de território foi um dos ramos mais valorosos desta transformação, permitindo que surgissem espaços museais que melhor proporcionem o diálogo entre a comunidade e o equipamento. Foi principalmente através desta concepção que optamos por fazer um estudo sobre o Centro Histórico de São Luís e a sua transformação em museu.

Esperamos que esta proposta de transformação deste espaço em um museu de território seja implantada em São Luís, a fim de que possa ser considerado um instrumento de fortalecimento da identidade local. Acreditamos que uma sociedade com direito à informação e conhecimento seja a base para a transformação e sustentação de sua estrutura filosófica, ideológica, política, social, cultural e econômica. Isto é, uma sociedade que sabe de onde veio e saberá dizer aonde quer chegar é o objetivo que moveu o desenrolar desta pesquisa, subsidiando conhecimentos para fortalecer as identidades desse povo.

Referências

- ALVES, Cecília Pescatore Alves; Régis de Toledo SOUZA; André Luiz da SILVA & Carlos Alberto Máximo PIMENTA (2007). Na Trilha da Identidade Cultural: apontamentos teórico-metodológicos em pesquisa de políticas públicas culturais e educacionais. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*. G&DR, 3(4): 150-170, Nov. Taubaté, São Paulo. [Consult. 2014.04.1] Disponível em <URL:http://www.rbgdr.net/extra_n01/artigo9.pdf>
- HABWACHS, Maurice (2004). *A Memória Coletiva*. (Tradução Laís Teles Benoir). São Paulo: Centauro
- HOMS, Maria Inmaculada (2004). El Museo como Centro de Educación Patrimonial. In: *Pedagogia museística — Nuevas perspectivas y tendencias actuales*. Ariel Patrimônio, Espanha: 1ª Ed.: 37 — 57
- KOHLSDORFK, Maria Elaine (2005). Patrimônio cultural e preservação da identidade dos lugares. In: *Arquitetura revista*. 1(2), jul-dez. [Consult. 2014-02-10] Disponível em <URL: www.arquiteturarevista.unisinos.br>
- MOREIRA, Cinthia dos Santos (2011). *São Luís: a cidade no museu ou o museu na cidade. Tese de Mestrado em Técnicas de Arqueologia. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar*.

Diagnóstico da conservação do património Histórico-arquitetónico de S. Raimundo Nonato

Vanessa da Silva Belarmino*

Washington Ramos dos Santos Junior**

*Geógrafa

E-mail:
vanessabela18@hotmail.com

**Geógrafo e Mestre em Geografia Humana pela Universidade de S. Paulo, Doutorando em Psicologia Social pela Univ. de São Paulo

E-mail:
washingtonramos@usp.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo identificar e localizar as edificações susceptíveis de patrimonialização histórico-arquitetónica de São Raimundo Nonato, com base em trabalho de campo realizado para o trabalho de conclusão de curso em Geografia e em bibliografia especializada. É fundamental que as políticas de conservação do património arqueológico e do património histórico-arquitetónico de São Raimundo Nonato converjam, a fim de que a população adquira consciência acerca da necessidade de manter seus referenciais simbólicos.

Palavras chave: Património histórico-arquitetónico
São Raimundo Nonato Conservação
Património arqueológico Paisagem

Abstract: This article aims to identify and locate all the buildings that are subject to historical-architectural patrimonialisation in São Raimundo Nonato, based upon work field, monograph for majoring in Geography and specialized bibliography. It is imperative that the conservation politics for archaeological patrimony and historical-architectural patrimony converge in order to population's conscience development about the need of keeping their symbolic references.

*Keywords: Historical-architectural patrimony
São Raimundo Nonato Conservation
Archaeological patrimony Landscape*

Introdução

O município de São Raimundo Nonato destaca-se em suas potencialidades turísticas, especialmente pelo Parque Nacional Serra da Capivara, declarado Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 1991. No entanto, a cidade permanece fora dos circuitos turísticos da região, e sua história, relegada a segundo plano. Nesse sentido, não se pode esquecer-se das edificações que reatualizam e *representam* esse passado histórico. O presente trabalho tem por finalidade discutir a importância da conservação do patrimônio histórico-arquitetônico de São Raimundo Nonato, Piauí.

O objeto de análise da pesquisa foi o centro histórico da cidade, com seus casarões, praças e outras edificações relevantes para o resgate da memória da cidade. Durante a pesquisa, foi diagnosticado que esse patrimônio tem sido perdido por falta de incentivo e de investimentos em sua preservação, com muitas construções derrubadas, e, até mesmo, certo olhar maniqueísta que apenas foca a preservação do Parque Nacional Serra da Capivara pode contribuir para o menoscabo com a cidade e com a história de São Raimundo Nonato, como se o referido parque fosse algo exógeno à cidade.

Não buscamos, aqui, hierarquizar ou valorizar mais ou menos determinado patrimônio, mas é fundamental acabar com a dicotomia existente entre preservação histórico-arquitetônica da cidade e preservação do patrimônio arqueológico presente nas circunvizinhanças; para isso é fundamental a destinação de verbas em ambas as formas de preservação (Távora 2014: 10). Com a destruição do patrimônio histórico-arquitetônico da cidade, está-se destruindo também elementos da identidade dos sanraimundenses, uma vez que toda identidade se forja em seu trajeto antropológico (Durand, 2002). Cada casa ou edifício é a representação física de muitas memórias compartilhadas por um povo e a conservação dessa mediação se faz necessária para o próprio desenvolvimento local. Os questionários que serão aplicados para a população, terão a finalidade de analisar o nível de percepção da importância dos prédios históricos para os residentes. Os respondentes dos questionários também serão donos dos casarões, representantes de órgãos de turismo e cultura.

São Raimundo Nonato estava vivenciando novas perspectivas de desenvolvimento, motivadas pela iminente inauguração do aeroporto internacional, pelo turismo científico, que apesar de restrito em número de visitantes, resplandece o imensurável patrimônio local, de relevância internacional, e pelo desenvolvimento de ações executadas pela Fundação do Homem Americano (FUMDHAM) e pelo Instituto Chico Mendes de Conservação do Meio Ambiente (ICMBio), tristemente interrompidas pela falta de verbas permanentes

para o Parque Nacional Serra da Capivara e para a região. Se houvesse investimento suficiente, poder-se-iam incluir diretamente políticas públicas não somente para sítios arqueológicos fora dos limites das áreas de conservação, mas também o próprio patrimônio histórico-arquitetônico sanraimundense, cidade que centralizou o desenvolvimento regional. Assim, vislumbrar-se-ia a inserção de São Raimundo Nonato em roteiros turísticos, o resgate da memória e a valorização da identidade local, através do seu patrimônio histórico, tão importante para seus cidadãos.

1. São Raimundo Nonato: aspectos históricos

O município de São Raimundo Nonato, cujo nome homenageia o padroeiro da cidade, foi formalmente emancipado no ano de 1850, apesar de toda sua área ter sido utilizada de plena autonomia eclesiástica desde 1832. Seu território foi ocupado originalmente em decorrência das atividades pecuárias, e, hoje, a cidade é destaque entre as 13 cidades que compõem a microrregião do Sudoeste do Piauí (FUNDAÇÃO CEPRO, s/d; IBGE, 2007). A figura 1 a seguir, a partir de dados do IBGE (2013), mostra a localização do município e seus limites administrativos. A cidade dista aproximadamente 8h de Teresina, capital do Estado do Piauí, e 6h, por uma péssima estrada, da cidade de Petrolina, o que reforça a necessidade do aeroporto internacional para o turismo.

Em 1836, a sede do distrito fora transferida para a localidade Jenipapo, que, à época, era um próspero núcleo populacional com ruas alinhadas, feira semanal e Igreja Matriz em edificação que veio a ser concluída em 1876 (Oliveira, Buco & Ignácio 2007: 9). São Raimundo Nonato teve a exploração da maniçoba como primeiro surto de desenvolvimento econômico. Segundo Assis (2004), a paisagem da cidade permaneceu quase a mesma do período compreendido entre 1911 e 1976, com leves modificações na década de 1940. Em 1950, foi construída a Praça Getúlio Vargas, como vemos na figura 2, hoje Praça Professor Júlio Paixão, popularmente conhecida como Praça do Relógio.

O desenvolvimento urbano da cidade foi lento, ocorrendo maior dinamismo a partir da década de 1990 e estendendo-se até os dias de hoje, tendo o comércio como atividade econômica principal. São Raimundo Nonato exerce centralidade econômica sobre os municípios de Anísio de Abreu, Bonfim do Piauí, Caracol, Coronel José Dias, Dirceu Arco Verde, Dom Inocêncio, Fartura do Piauí, Guaribas, Jurema, São Braz, São Lourenço e Várzea Branca.

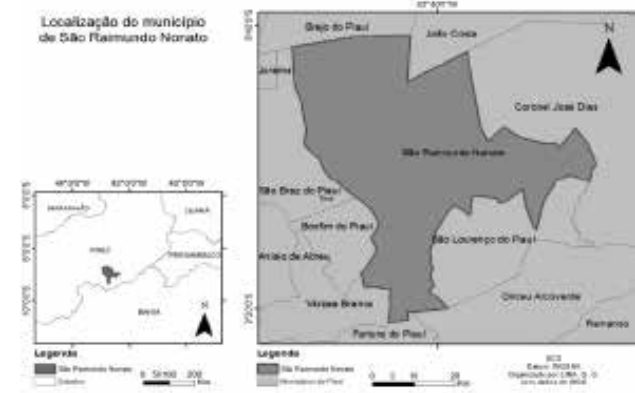


Fig. 1 Mapa de localização de São Raimundo Nonato, adaptado por Geislan Lima, a partir de dados do IBGE 2013.

Fig. 2 Fotografia do acervo Centenário da cidade, Detalhe Praça Getúlio Vargas, conhecida atualmente como Praça do Relógio, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil (1950).



Fig. 3 Fotografia pessoal, Detalhe Boqueirão da Pedra Furada — Parque Nacional Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil (2010).

Fig. 4 Fotografia da Socorro Macedo, Detalhe Praça Piauilino conhecida como Praça da igreja, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil (2009).

2. Patrimônio na Paisagem de São Raimundo Nonato

São Raimundo Nonato, que se esconde atrás de morros, manifestou-se ao mundo principalmente pelos seus achados arqueológicos e pelas pinturas rupestres que ornamentam as paredes dos abrigos rochosos do Parque Nacional Serra da Capivara, criado em 1979. Os vestígios que indicam a existência da presença humana atravessam os milênios. Devido à sua importância histórico-cultural, foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade, pela UNESCO, em 1991. Sua administração é feita através de um convênio entre ICMBio e FUMDHAM. A figura 3 a seguir, do acervo de Vanessa Belarmino (2010), mostra um detalhe do Boqueirão da Pedra Furada, um dos principais locais de visitação do Parque Nacional da Serra da Capivara.

Ressaltamos, neste artigo, que existe também um patrimônio histórico-arquitetônico na cidade de São Raimundo Nonato que precisa ser divulgado, valorizado e preservado, antes que desapareça. Conservar a memória da cidade não exclui conservar a memória da Humanidade. Deve-se ressaltar que é fundamental zelar pela educação patrimonial, tanto no Parque quanto na área urbana da cidade. Não faz qualquer sentido encarar o patrimônio arqueológico como algo exterior à população citadina e vice-versa, como acontece em alguns lugares do Egito, em que a população local não se reconhece na herança dos seus ancestrais. Conscientizar e educar, aqui, significam integrar, na experiência dos moradores, a história — e a pré-história — vivificadas no patrimônio.

3. Edificações Susceptíveis à Patrimonialização

O patrimônio edificado de São Raimundo Nonato vem sendo analisado desde 1987, a fim de estabelecer quais edifícios deveriam ser salvaguardados. Olavo Pereira Silva Filho (2008), arquiteto piauiense que percorreu todo o Estado do Piauí identificando o patrimônio histórico-arquitetônico, publicou o resultado dessa pesquisa em seu livro *Carnaúba, Barro e Pedra*. No ano de 2005, técnicos especializados da Universidade Vale do São Francisco (UNIVASF), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), do Escritório Técnico da 19ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), da Fundação Museu do Homem Americano — FUMDHAM e do PRÓ-ARTE FUMDHAM, fizeram importantíssimo levantamento sobre o patrimônio, no qual tipificam as edificações segundo as arquiteturas colonial e vernácula sanraimundense, publicando-o no Caderno de Cultura do IPHAN (Oliveira, Buco & Ignácio 2007).

O conjunto arquitetônico de São Raimundo Nonato susceptível à patrimonialização encontra-se, sobremaneira, no “coração da cidade”, em sua área

central, onde todo o trajeto antropológico de seus moradores começou. Ao andar pelas ruas da cidade, exercitando o olhar às edificações centenárias, podemos ver as marcas das mãos que as construíram. Ao adentrarmos nelas, temos a sensação de que voltamos no tempo e na história, diante dos elementos dessa paisagem. Lembremos do professor Milton Santos (2002: 92), que as nomeava *rugosidades*:

[...] [o] que na paisagem atual, representa um tempo do passado, nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares.

Lembremos, outrossim, da professora Rita de Cassia Cruz (2012: 98), que propugna uma *patrimonialização do patrimônio*, algo que parece faltar em São Raimundo Nonato:

[...] [e]m se tratando de bens tangíveis, se, por um lado, a 'patrimonialização' de um dado objeto reflete, em alguma medida, sua valorização cultural por uma dada sociedade ou grupo social, de outro, desdobra-se, ela mesma, em uma nova forma de valorização desse objeto. Tal perspectiva liga-se, diretamente, à atividade econômica do turismo. Bens materiais patrimonializados, como representantes escolhidos de uma dada herança cultural, tornam-se, frequentemente, objetos de consumo turístico.

A historiografia aponta como marco fundador da cidade de São Raimundo Nonato a Praça Piauilino, mais conhecida como Praça da Igreja (a Igreja Matriz), ilustrada na figura 4 a seguir. No seu entorno, está a antiga sede da fazenda Jenipapo, hoje residências das senhoras Maria Luiza Araújo e Helena Rubens de Araújo, como vemos nas figuras 5 e 6 subsequentes, ademais do Palácio Episcopal.

Essas edificações no entorno da Praça da Igreja são as mais conservadas da cidade; edificações centenárias que mantêm seu estilo de época e nos remetem, através da paisagem, a história de nossos antepassados. Nesse entorno, propomos acrescentar, além da conservação das edificações, o **tombamento da paisagem**, ela própria, uma vez que este lugar reserva uma ambiência acolhedora que poderia caracterizar a imagem de uma pequena cidade do interior.

Essa localidade, ademais de marco referencial do surgimento da cidade, contribui para a consciência de seu passado vinculado à Igreja e à presença da Ordem Mercedária em São Raimundo Nonato. Está localizada entre a Praça do Relógio, que não ostenta hoje relógio algum, antigo local da feira da cidade,



Fig. 5 Fotografia Pessoal, Detalhe Antiga sede da Fazenda Jenipapo, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil (2013).

Fig. 6 Fotografia Pessoal, Detalhe casa da Senhora Maria Luiza Araújo, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil (2013).

e o Cruzeiro, um dos poucos monumentos criados pelo homem, se não o único, na área urbana, cuja simbologia ainda é dominada por elementos naturais — morros com vegetação natural, já que a cidade se situa predominantemente em uma depressão relativa, e os animais nas entradas da cidade — onça, tatu e sariema. A conscientização das ações humanas poderia impactar positivamente na percepção de que o homem atua como agente da História e cria seu próprio espaço, parafraseando Milton Santos (2002)

Nas proximidades da praça da igreja, identificamos, também, a casa do Sr. Osvaldo Paixão, a casa da Sr^a. Isabel Paixão, o prédio da loja Micro Artes, a casa do Sr. Sezernando Baldoino e a edificação em que se localiza o colégio Padre Marques. Partindo para a Praça Júlio Paixão, indicamos cinco edificações susceptíveis à patrimonialização: a casa do Sr. Valdir Castro, a casa da Sr^a. Nilda Rosado, uma construção de esquina em que funciona um bar, um sobrado aparentemente em pousio social e a construção em que está a Panificadora Renascer. Mais adiante, no entorno da Praça do Abrigo, temos a casa da Sr^a. Mercês Paixão, a edificação em que funciona o cartório da cidade, de propriedade do Sr. Abmerval, e casa da Sr^a. Rosa Teixeira. No bairro Aldeia, encontramos também as casas dos senhores Manoel Policarpo e Gerson Batista e a da Sr^a. Maria Ferreira, ademais do Colégio Dom Inocêncio. Esses locais não estão indicados, já que apenas um artigo não nos permite mostrá-los em imagens e em informações mais aprofundadas.

Em termos de conservação, é mister dizer que essas edificações, em sua maioria, já sofreram modificações. Justamente por estarem localizadas na área central da cidade, ou nas imediações do Centro, em locais valorizados, essas construções parecem estar mais expostas ao risco, como no caso da derrubada da edificação em que hoje, na data deste artigo, encontra-se a nova sede da Caixa Econômica Federal, situada na rua Coronel José Dias, que corresponde a uma das ruas mais antigas de São Raimundo Nonato. Ali haveria a possibilidade de conservar a construção anterior, hoje reservada apenas à lembrança dos que a viram, mas sem a materialidade que contava o passado da cidade.

Esse patrimônio carrega toda uma simbologia decorrente dos muitos trajetos antropológicos que se cruzaram ao longo das décadas. Sua valorização é responsabilidade não só do governo, mas da própria sociedade sanraimundense, que ausculta a própria história a partir da materialidade dessas construções. Aparentemente, as pessoas da sociedade local não tem se interessado por sua história, e, talvez, estão perdendo o vínculo de pertencimento com o Outro representado em seus monumentos, que em sua maioria são animais, e edificações históricas. Cabe questionar, outrossim, que vínculo simbólico é esse presente em São Raimundo Nonato.

Conclusão

A partir de pesquisa anterior realizada acerca da conservação do patrimônio histórico-arquitetônico da cidade, diagnosticamos, através de bibliografia especializada, de observação em campo e de registros fotográficos, as edificações susceptíveis à patrimonialização, com maiores comentários, neste artigo, sobre aquelas localizadas no entorno da Praça Piauilino, mais conhecida como Praça da Igreja. Diversas construções apresentam modificações, algumas encontram-se em estágio avançado de deterioração e outras foram simplesmente derrubadas, sem qualquer ação prévia e resposta pública a respeito. Ressaltamos que essas edificações não foram tombadas por nenhuma instituição responsável, e que a sua conservação está à mercê de seus proprietários.

Observamos, também, que os prédios antigos estão sendo substituídos por prédios comerciais novos, como no caso da nova sede da Caixa Econômica Federal. Podemos inferir que o mercado imobiliário de valorização do solo urbano e os proprietários dos imóveis, talvez por interesse próprio associado à falta de programas públicos de educação patrimonial e de conservação da memória, são corresponsáveis pela gradual perda das edificações que auxiliariam na elaboração da narrativa acerca dos múltiplos trajetos simbólicos que constituem a materialidade do passado presente ainda hoje, ou, como afirma Milton Santos, a memória presente nas rugosidades.

Toda essa desvalorização do patrimônio edificado em São Raimundo Nonato é, em parte, fruto da falta de legislação local que o salvguarde, bem como de ações de conservação bem planejadas; por sua vez, isso é resultado do gerenciamento incompetente da coisa pública e da falta de ação política de seus cidadãos e de suas instituições, sujeitos sempre a contingências financeiras e inação. Esperamos contribuir para uma verdadeira mudança, que traga à memória e ao simbólico o valor que ambos trazem na constituição de nós seres humanos.

Mesmo que não exista, ainda, projetos de revitalização para possíveis usos turísticos das edificações susceptíveis à patrimonialização, poderiam ser desenvolvidas estratégias de divulgação do patrimônio histórico-arquitetônico, por meio de roteiros turísticos, por exemplo, como novo atrativo para turistas e para a própria população sanraimundense, que costuma desconhecer o patrimônio existente na cidade — o que explicita falta de cidadania. Uma estratégia para mudar essa ignorância seria a criação de um plano turístico voltado para a captação de visitantes, aproveitando-se da centralidade de São Raimundo Nonato em relação às cidades próximas e da função educacional que a cidade também exerce, uma vez que se encontram aqui a UESPI, a UNIVASF, a FUMDHAM, o IPHAN, o ICMBio, o IBGE, o CREA, o IFPI, o SENAC, o SESC e a EMATER, para citar algumas.

É fundamental, ainda, que se pare com a separação na gestão do patrimônio entre órgãos oficiais, privilegiando o Parque Nacional Serra da Capivara em detrimento do patrimônio arqueológico existente fora dos limites da unidade de conservação, bem como do patrimônio histórico-arquitetônico encontrado na cidade de São Raimundo Nonato. A patrimonialização do patrimônio, nos dizeres de Rita de Cássia Cruz, é uma possibilidade de associação entre turismo e construção de infraestrutura em uma cidade profundamente desenvolvida. Integrar essa gestão patrimonial requer, contudo, investimentos, que, como vimos, não chegam sequer para o Parque, um dos mais importantes sítios arqueológicos do mundo, sem qualquer garantia de funcionamento. Vergonhoso!

Referências

- ASSIS, Nívia P. D. (2004). *Iconografia e Urbanização de São Raimundo Nonato (1967-1976)*, São Raimundo Nonato. 37 pp. Monografia (conclusão de curso), Universidade Estadual do Piauí — campus de São Raimundo Nonato.
- BELARMINO, Vanessa da Silva (2014). *Conservação do patrimônio histórico-arquitetônico de São Raimundo Nonato — Pl. São Raimundo Nonato*. 61 pp. Monografia (conclusão de curso), Universidade Estadual do Piauí — campus de São Raimundo Nonato.
- CRUZ, Rita de Cassia Ariza da (2012). 'Patrimonialização do patrimônio: ensaio sobre a relação entre turismo, 'patrimônio cultural' e produção do espaço. In: *GeoUSP — Espaço e Tempo*, 31: 95-104. São Paulo.
- DURAND, Gilbert (2002). *As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: Martins Fontes.
- FUNDAÇÃO CEPRO. (s/d) 8ª ed. *Piauí em Números*. Teresina: Fund. Cepro.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2007. *Região de Influência das Cidades*. Rio de Janeiro, IBGE.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). (S/D) Bases e referenciais. [Consult. 2013.12.05] Disponível em <URL: <http://mapas.ibge.gov.br/bases-e-referenciais/bases-cartograficas/malhas-digitais>.
- OLIVEIRA, Ana Stela N. de; Cristiane de A. BUCO & IGNÁCIO, Elaine (org.) (2007). *São Raimundo Nonato: Memória e Patrimônio — Serra da Capivara*. 40p. Teresina: IPHAN.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: EdUsp.
- SILVIA FILHA, Olavo Pereira (2008). *Carnaúna, pedra e barro. Na Capitania de São José do Piauí*. 3 v. s/l, Editora Maria de Fátima.
- TÁVORA, Fernanda (2014). *Registros desprotegidos. In: Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 9(102): 10, março.

A gestão do patrimônio arqueológico no Estado de Roraima

Roberto Costa de Oliveira

Arqueólogo. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de S. Raimundo Nonato

E-mail: roberto.oliveira@iphan.gov.br

Resumo: Versa sobre as ações de gestão do patrimônio arqueológico pelo IPHAN em Roraima, entre os anos de 2010 a 2013. Estado recente em região de fronteira e ainda com fortes marcas de disputas territoriais sangrentas entre índios e não-índios, a introdução de políticas de patrimônio cultural se constitui um desafio ainda por se efetivar, dada falta de informação sobre o aparato legal da instituição, bem como a escassez de pesquisas científicas na região.

Palavras chave: Gestão Patrimônio Arqueologia Roraima Amazônia

Abstract: This paper is about the actions of management of the archaeological heritage in the Brazilian state of Roraima, since 2010 until 2013. This recent borderland state and with rough marks of bloody territorial wars between Indians and non-Indians, the introduction of politics of cultural heritage is still a challenge, because the lack of information about the laws of the institution and a small number of researches in this region.

Keywords: Management Heritage Archaeology Roraima Amazon

Introdução

Entre os anos de 2010 à 2013 como arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN tive a oportunidade de colaborar com as ações desenvolvidas no âmbito da sua representação no estado brasileiro de Roraima, que conta com uma superintendência desde o ano de 2008.

Roraima é o estado mais setentrional do Brasil, sendo que a sua capital Boa Vista, é a única que está localizada acima da linha do Equador. Região pertencente à Amazônia Legal se diferencia da maior parte dos estados da região por se caracterizar numa área de transição entre a floresta amazônica e as terras altas da Venezuela. Em grande parte do seu território a paisagem é constituída de planícies alagadiças com vegetação rasteira conhecido regionalmente como 'lavrado', que são banhadas pelos afluentes da bacia do Rio Branco, principal corpo fluvial da região.

Este é o estado com a maior população indígena do país, de diversas etnias e com costumes e rituais próprios que mesmo com os efeitos homogeneizadores da globalização ainda persistem, sendo-lhes transmitidos culturalmente de geração a geração. Os primeiros contatos com os europeus que se tem relatos remontam ao século XVIII, e este período está marcado pela construção do Forte São Joaquim de Rio Branco, que fora construído para garantir o controle da região pelos portugueses e que durante o século seguinte funcionou quase que como uma espécie de sede administrativa da Coroa.

A delimitação do território através do tratado de Madrid baseado no *uti possidetis*, ou seja, a posse da terra baseado no seu uso resultou em políticas nacionais de ocupação do território na área de fronteira internacional, à saber, atuais Venezuela e Guiana Inglesa. Estas políticas conflitam diretamente com os direitos indígenas por sobre as terras e a preservação do meio ambiente, uma vez que a partir disto tradições culturais e os recursos naturais locais até então preservados se veem ameaçados sob a égide de mergulhar em um desenvolvimento econômico acelerado baseado no agronegócio, hidrelétricas e extração mineral, que mesmo sendo uma atividade proibida nunca deixou de existir. É neste contexto que se insere a experiência vivenciada na autarquia em questão e na qual se pretende expor nas linhas seguintes.

1. Preservação do Patrimônio Cultural: o reconhecimento de bens culturais valorizados pela sociedade roraimense

Desde o início desta empreitada, em setembro de 2010, conhecer a diversidade cultural que existe em Roraima foi um elemento digno da nossa atenção, devido a grande quantidade de grupos indígenas existentes (entre os mais numerosas



Fig. 1 Mapa Roraima

Fig. 2 Prospecção do Forte São Joaquim de Rio Branco. Ao lado a Vila de São Felipe

estão os Macuxi, Wapixana, Taurepang, Wai-wai, Ingarikó, Yekuana, Ianomâmi e Waimiri-atroari), assim como imigrantes de diversas partes do país, principalmente dos estados do Pará, Amazonas, Maranhão, Ceará, Pernambuco, e Rio Grande do Sul. Esta condição resultou numa miscigenação cultural interessante, onde os diferentes grupos culturais tentam à sua forma garantir a preservação da sua identidade em detrimento das outras.

A identidade cultural deste grupos está diretamente ligada a posse da terra, que pela potencial riqueza mineral já demonstrada (o CPRM já realizou estudos regionais que concluem que todos os rios do estado de Roraima possuem potencial aurífero e diamantífero) e o baixo valor das terras, tem sido alvo de interesses econômicos voltados para a mineração e o agronegócio.

Atualmente 46% do estado de Roraima é constituído de Unidades de Conservação e Terras Indígenas demarcadas ao longo do estado, a mais conhecida delas, a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, foi palco de grandes conflitos antes da sua homologação. O que se pode observar frente a isso é uma anseio muito grande por parte da população quanto ao encaminhamento de projetos de desenvolvimento, uma vez que Roraima não é um estado produtor.

Desta forma, o Iphan não poderia deixar de acompanhar estas discussões uma vez que as mesmas tem um potencial lesivo para com o patrimônio cultural, especificamente do patrimônio arqueológico, que é protegido pela Lei nº 3.924/61 e deve ser pesquisado quando na iminência da realização de empreendimentos que impliquem na modificação da paisagem, obrigação instituída pela Resolução 01/86 do Conselho Nacional de Meio Ambiente.

Atualmente o único bem tombado em âmbito Federal são as Ruínas do Forte São Joaquim de Rio Branco, edificação erigida no final do século XVIII a mando da Coroa Portuguesa, que após ter conhecimento de incursões de espanhóis e holandeses na região (através do aprisionamento do viajante holandês Nicolau Horstman) designou ao Engenheiro Phillip Strum a tarefa de prover o território em disputa de um aparelho para a defesa. O mesmo concluiu que o melhor local para a construção deste Forte seria na confluência dos Rios Uraricoera e Tacutú, formadores de Rio Branco, única via de acesso à região naquela época, onde inevitavelmente os invasores teriam que passar, caso quisessem ter acesso à região que hoje se constitui como a Amazônia.

Desta forma acredita-se que o Forte São Joaquim de Rio Branco serviu mais como barreira ideológica do poder da Coroa Portuguesa na região. O mesmo era uma sede administrativa da Coroa Portuguesa na região. Esta característica de erigir marcos dos portugueses inclusive lhes conferiu a posse das terras em vários conflitos tratados entre nações, uma vez que outros povos, como os franceses e os holandeses se preocupavam mais em estabelecer relações comerciais com os indígenas à época.



Fig. 3 Ruínas do Forte São Joaquim

Fig. 4 Maquete do Forte São Joaquim. (Foto: Acervo Iphan/RR)

Atualmente este bem se encontra dentro de uma fazenda de arroz e em Ruínas, mas fora tombado no ano de 2011 juntamente com outras fortificações amazônicas como um importante marco para o estabelecimento do território brasileiro. O mesmo já foi devidamente sinalizado e as perspectivas são para a realização de projetos de revitalização e consolidação estrutural deste bem cultural, que dependem antes de uma limpeza técnica especializada e a uma escavação arqueológica que permitirá aceder informações ocultas. Também se idealiza a concepção de estruturas básicas de apoio ao visitante. Enquanto a visitação pública ainda não está regulamentada o Iphan/RR em parceria com o 6º Batalhão de Engenharia e Construção — BEC, construíram uma maquete do Forte São Joaquim de Rio Branco, que fica na sede do referido batalhão disponível a visitação pública no centro de Boa Vista, e que já se constitui com um instrumento didático-pedagógico no auxílio de professores da rede pública de ensino que trabalham com a história do Brasil e de Roraima.

Conclusão

Foram evidenciados avanços no que diz respeito à implementação de políticas de preservação do patrimônio cultural em Roraima, uma delas foi conferir maior visibilidade a importância de bens culturais como as Ruínas do Forte São Joaquim de Rio Branco e outros, como os sítios arqueológicos Pedra Pintada, Corredeiras do Bem-Querer e Pedra do Sol, e a Serra do Tepequém, demonstrando para a sociedade que as situações potencialmente lesivas para os mesmos estão na maioria das vezes atreladas a projetos de interesse econômico em que devem ser racionalizados os reais benefícios dos mesmos e as consequências irreversíveis para com o recurso cultural não renovável.

Por outro lado ainda é preciso uma maior sensibilização das autoridades competentes para que a construção da identidade roraimense, mesmo baseada na grande diversidade cultural não perca a sua essência e se consolide como política pública das esferas federal, estadual e municipal.

Referências

- BASTOS, Rossano Lopes e TEIXEIRA, Adriana (2005). *Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico*. São Paulo: IPHAN.
- FARAGE, Nádia e SANTILLI, Paulo (1992). *Estado de Sítio: Territórios e identidades no Vale do Rio Branco. In: História dos Índios no Brasil*. Manuela Carneiro da Cunha (org.) São Paulo: Companhia das Letras.
- FIGUEIREDO, Silvio Lima; Edithe PEREIRA & Márcia BEZERRA (2012). *Turismo e Gestão do Patrimônio Arqueológico*. Belém: IPHAN.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2004). *Cartas Patrimoniais*. 3ªed. ver. aum. Rio de Janeiro: IPHAN.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2006). *Coletânea de Leis sobre Preservação do Patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN.
- LIMA, Tânia Andrade (org.) (2007). *Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 33. Brasília: IPHAN.
- MIRANDA, Marcos Paulo de Souza (2006). *Tutela do Patrimônio Cultural Brasileiro: doutrina, jurisprudência, legislação*. Belo Horizonte: Del Rey.
- RABELLO, Sonia (2009). *O estado na preservação dos bens culturais: O Tombamento*. Rio de Janeiro: IPHAN
- SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro (2005). *Turismo e Arqueologia*. São Paulo: Aleph.
- SOARES, Inês Virgínia Prado (2007). *Proteção Jurídica do Patrimônio Arqueológico no Brasil: fundamentos para efetividade da tutela em face de obras e atividades impactantes*. Erechim: Habilis.

O Parque mais próximo da comunidade

Maria Aparecida Pereira
Auremília Costa Silva
Eliete Sousa Silva
Iderlan de Souza

Associação de Condutores de Visitantes
Ecoturístico do Parque Nacional Serra
da Capivara

Resumo: Este trabalho vem despertando a noção de pertencimento da comunidade do entorno do PARNA, Serra da Capivara aproximando — os a esta unidade de conservação. Realizamos um diagnóstico e expandimos este projeto, levando palestras e oficinas nestas escolas. Aplicamos estratégias que beneficiaram esta área de preservação e as comunidades do seu entorno. Estas atividades contemplaram cerca de 800 estudantes.

Palavras chave: ACOVESC Patrimônio
Serra da Capivara Comunidade Preservação

Abstract: This work has attracted the notion of belonging in the vicinity of the PARNA, Serra da Capivara approaching community — the this protected area. We performed a diagnostic and expanded this project, taking lectures and workshops in these schools. Apply strategies that benefited this conservation area and its surrounding communities. These activities contemplated about 800 students.

*Keywords: ACOVESC Heritage Serra da Capivara
Community Preservation*

Introdução

O projeto de preservação patrimonial intitulado “O parque mais próximo da Comunidade” surgiu após desenvolvermos um pré projeto de educação ambiental com algumas comunidades do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, onde observamos o distanciamento da população local, existindo muitas pessoas que não o conhecem ainda e não entendem totalmente o conceito de patrimônio cultural e a importância desse bem para a economia local e sua apropriação cultural. Com isso conseguimos realizar um diagnóstico e expandir este trabalho, levando informações que remetam a essa problemática e depois levar a comunidade para conhecer esse patrimônio que é essencial para entender sobre temáticas culturais e porque devemos preservar e aceitá-lo como sendo nosso também.

A ACOVESC — Associação de Condutores de Visitantes Ecoturístico do Parque Nacional Serra da Capivara, que é uma das associações de condutores de visitantes do parque, a primeira a ser criada para este fim. Identificamos que a ausência de informações obscurece as comunidades locais sobre a importância desses recursos. Alguns membros desta associação são oriundos do parque, ou seja, de famílias que foram removidas por conta da criação do mesmo, e da comunidade de entorno. Por isso conhecem bem a comunidade e os problemas da mesma, além do sentimento das pessoas com relação a este patrimônio. Além disso, já são cerca de 20 anos de trabalho e a nossa preocupação com esta problemática só vem aumentando. Percebemos que apenas com o nosso trabalho dentro do parque não estávamos alcançando um número de pessoas suficiente para disseminar este sentimento de pertencimento com relação ao Parque Nacional Serra da Capivara, Patrimônio Cultural da Humanidade.

É desse anseio que surge este projeto propondo-se a contribuir ainda mais com o compartilhamento do conhecimento sistematizado sobre a região, conhecimento este gerado através de pesquisas interdisciplinares de vários profissionais brasileiros e estrangeiros, de diversas universidades e instituições de pesquisa.

Utilizamos como estratégias metodológicas apresentações de palestras e oficinas nas escolas situadas nas cidades de João Costa, Brejo do Piauí, Coronel José Dias e São Raimundo Nonato, com temas relacionados à diversidade cultural e sua importância para a comunidade. Desenvolvemos dinâmicas para atrair o público e gerar debates e discussões sobre o patrimônio cultural e natural, de forma que juntos poderemos entender o que significa ter um parque nacional deste porte na nossa região. Além disso, serão realizadas visitas técnicas ao PARNA Serra da Capivara. As visitas têm por objetivos aprender *in loco* o que foi visto em sala de aula e também proporcionar à pessoas que, por diversos motivos, não voltaram ao local que sua família habitou no passado.

1. Resultados e Discussão

As atividades aconteceram nos quatro municípios que compõem o Parque Nacional Serra da Capivara, onde ministramos palestras e oficinas sobre alguns aspectos do parque, como fauna, flora, conservação de arte rupestre, mega fauna encontrada na região e o patrimônio cultural e natural da região do parque. As atividades foram realizadas com crianças do ensino fundamental, que correspondem a faixa etária de 07 à 14 anos. Na oportunidade fizemos um questionário com alguns alunos para saber o nível de conhecimento deles sobre o parque e a região em que vivem. Foram respondidos 397 questionários nos municípios de João Costa e Brejo do Piauí. Abaixo faremos uma análise das respostas obtidas durante o projeto. A análise dos dados tomou por base a conceituação metodológica de Ribeiro, 2013.

A primeira questão foi: você já visitou a Serra da Capivara?

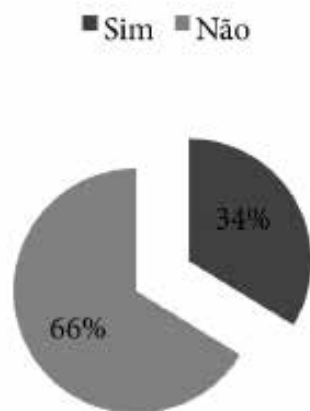


Fig. 1 Gráfico da questão: Você já visitou o Parque?

Nesta questão 134 alunos (34%) responderam que conheciam o parque e 263 (66%) que não o conheciam. Isso mostra a necessidade do desenvolvimento deste projeto e de outros, que terá como segunda etapa a visita ao Parque Serra da Capivara.

A segunda questão era exatamente se eles tinham vontade de conhecer o parque, sendo a resposta afirmativa quase unânime 250 (95%) responderam que sim e apenas 13 (5%) responderam que não gostariam de conhecer o parque nacional.

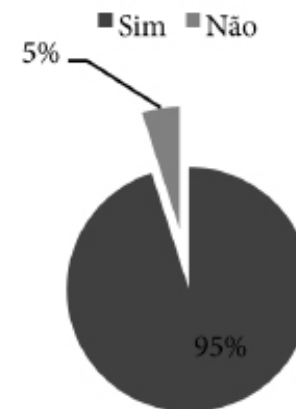


Fig. 2 Gráfico da questão: você gostaria de conhecer o Parque?

Outra questão colocada foi se eles sabiam o que é pintura rupestre? A maioria souberam responder corretamente, 336 (89%). Mas, ainda tivemos 41 (11%) que não souberam responder corretamente, reforçando a importância deste trabalho que estamos realizando.

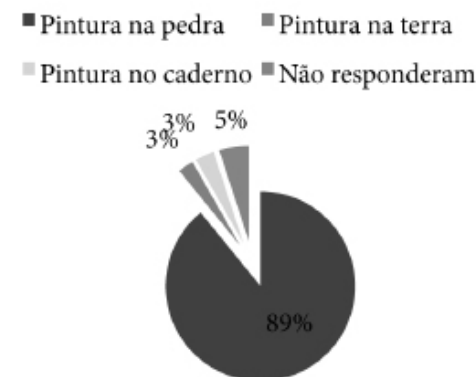


Fig. 3 Gráfico da questão: Você sabe o que é uma pintura rupestre?

A questão seguinte que nos surpreendeu e ao mesmo tempo nos deixou preocupados foi a que perguntava qual é a vegetação existente na região do parque? Onde 263 (73%) responderam caatinga. Apesar da maioria dos alunos

terem acertado essa questão nós ficamos preocupados pelo fato de 114 (27%) dos alunos não conhecerem a vegetação existente na região onde moram. Isto demonstra que a relação das crianças e jovens com o patrimônio natural esta se acabando, como a pergunta seguinte vem demonstrar também o desconhecimento que esses jovens têm com relação a algo que até pouco tempo era primordial para a sobrevivência no sertão nordestino.

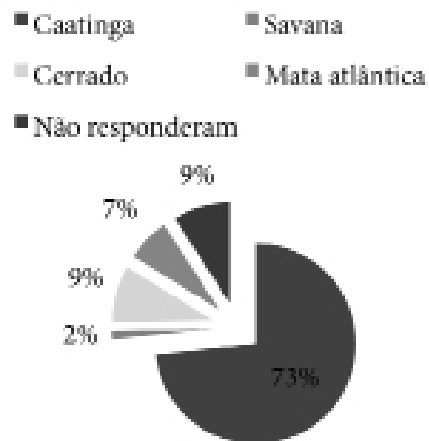


Fig. 4 Gráfico da questão: Qual é a vegetação existente na região do parque?

E essa questão mencionada há pouco tem relação com as plantas medicinais da caatinga, já que a pergunta era exatamente, você conhece alguma planta medicinal da caatinga? Nesta questão 270 (70%) dos alunos disseram não conhecer nenhuma planta medicinal da caatinga, contra apenas 97 (25%) que conheciam algumas plantas medicinais. Com isso vem confirmar o que dissemos acima, a relação entre a população mais jovem e o patrimônio natural, que foi tão importante na vida de seus pais e avós, está se perdendo cada vez mais e algo deve ser feito para mudar essa realidade.



Fig. 5 Gráfico da questão: Você conhece alguma planta medicinal da caatinga?

A pergunta, os ossos de animais gigantes encontrados na região do parque são de dinossauros? Nós achamos que seria pertinente por que há uma grande confusão, para o público leigo, entre paleontologia e arqueologia, e entre mamíferos pleistocênicos e dinossauros. Não foi nenhuma surpresa quando 249 (63%) responderam que sim, e apenas 121 (30%) responderam que não. Por esse motivo foi ministrada uma oficina sobre os fósseis encontrados na região para esclarecer essa questão.



Fig. 6 Gráfico da questão: Os ossos de animais gigantes encontrados na região do parque são de dinossauros?

Considerações finais

Consideramos esse diagnóstico de fundamental importância para utilizarmos estratégias metodológicas que venham beneficiar a continuação da preservação patrimonial, como também instruir e aproximar a comunidade do entorno da unidade de conservação a esse patrimônio. Uma vez identificado os problemas facilitará a aplicação de uma metodologia na próxima etapa do projeto, a de amenizar a distância entre ambos.

Referências

ALFONSO, Louise Prado (2012).

Arqueologia e Turismo: sustentabilidade e inclusão social. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

PARDI, Maira Lúcia Franco (2007).

A preservação do patrimônio arqueológico e o turismo. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. 33: 305-336 Brasília: IPHAN. [Consult. 2014.04.30]. Disponível em <URL: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1097>

RIBEIRO, Andreia de Sousa (2013).

Entre a Teoria e a Prática: uma discussão sobre Arqueologia Pública através do caso Parque Nacional Serra da Capivara, PI. UFRJ.

A arqueologia e a arquitetura nos projetos de restauração de imóveis remanescentes da malha ferroviária piauiense

Ana Camila Moura dos Santos

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Mestra em Preservação do Patrimônio Cultural

Resumo: Com esta comunicação pretende-se lançar olhares sobre como a arqueologia e a arquitetura, interligadas, podem fornecer maior amplitude a gama de ações voltadas para a preservação do patrimônio ferroviário piauiense. Este conjunto arquitetônico, na sua maioria sofre com o abandono, e cujo estado requer cuidados que visem a sua preservação e reinserção na dinâmica urbana através de projetos de requalificação multidisciplinares.

Palavras chave: Arqueologia Arquitetura Malha ferroviária Requalificação urbana

Abstract: With this Communication is to launch looks about archeology and architecture, interconnected, can provide greater amplitude range of actions for the preservation of Piauí railroad heritage. This architectural ensemble, mostly suffers from abandonment, and whose condition requires care aimed at their preservation and rehabilitation in urban dynamics through projects of multidisciplinary rehabilitation.

Keywords: Archaeology Architecture Rail mesh Urban Requalification

Introdução

A ferrovia brasileira passou por vários momentos distintos, em um curto espaço de tempo, o que afetou a forma como ela foi construída e apreendida pelas gerações. De representante do progresso — da superação do atraso das localidades interioranas, símbolo da integração nacional — em pouco mais de algumas décadas, passa a ser visto como decadente e atrasado frente ao transporte rodoviário, considerado como o mais econômico, moderno e que melhor poderia atender às demandas de um país em desenvolvimento.

Atualmente, as ferrovias brasileiras estão sendo lidas à luz do patrimônio cultural, como emblema da memória social construída em torno de sua materialidade, esta servindo-lhe de suporte. Vários fatores — históricos, sociais, econômicos — contribuíram para a forma como as ferrovias e suas edificações (estações, casas de turma, vilas ferroviárias, etc.) foram construídas. Portanto, existe a necessidade de identificar aspectos sociopolíticos e econômicos regionais e locais, analisáveis a partir de documentos, bem como de vestígios diversos identificáveis na materialidade das edificações, como materiais e técnicas construtivas, fases de construção, ampliações, demolições, que podem ser verificáveis a partir dos métodos consolidados da arqueologia, através da estratigrafia, por exemplo. Desta maneira, neste artigo, focaliza-se a arqueologia e a arquitetura como duas áreas de conhecimento que são complementares para a identificação e organização de dados obtidos diretamente na materialidade dos edifícios para posteriores elaborações.

A arqueologia da arquitetura e a arqueologia da restauração, como vertentes surgidas recentemente no âmbito das novas acepções da arqueologia, são apontadas como o caminho mais viável para o conhecimento e a proteção das características materiais dos bens imóveis que os tornaram relevantes como patrimônio cultural, uma vez que os vestígios são identificados e analisados antes que qualquer intervenção seja feita.

O estudo está direcionado sobre o Pátio Ferroviário de Teresina, tombado pelo IPHAN em 2008, sendo o primeiro pátio ferroviário piauiense sobre o qual foram elaborados estudos arqueológicos visando compor um projeto de requalificação urbana, a saber, a instalação de um parque urbano para o grande público, o que também inclui a restauração e a reconstrução de alguns imóveis que fazem parte do pátio, que terão uso cultural definido em projeto.

1. Arqueologias

A arqueologia é o estudo das sociedades passadas através de seus vestígios materiais, ou seja, a partir de cultura material — entendendo-se aqui que a cultura engloba toda forma de saber e fazer, que são produtos das relações humanas. Portanto, a função da arqueologia, ao contrário do que se pensava há algum tempo, não se restringe a subsidiar os estudos históricos realizados visando o conhecimento de uma edificação que necessite passar por algum tipo de intervenção. A arqueologia, ao contrário, é uma disciplina científica com rigor nos seus métodos de pesquisa, produtora de conhecimentos, não constituindo ramo auxiliar ou técnica.

A ampliação do conceito de patrimônio — de noção de patrimônio histórico e artístico, do exemplar e excepcional para a noção de patrimônio cultural, que abrange as manifestações populares além dos monumentos — ocorreu concomitantemente ao movimento de expansão do campo da arqueologia, nos seus conceitos e vertentes. (FUNARI; PELEGRINI, 2006). Entre as vertentes resultantes desta expansão, dentre as várias já existentes, surgiram a arqueologia urbana e a arqueologia da arquitetura, que têm a finalidade compreender o ser humano como ator social através da materialidade construída, que molda e é moldada pelas relações sociais. (SANTOS, 2006). Há ainda outra subdivisão, a arqueologia industrial, que trata especificamente de vestígios encontrados que informam sobre o processo de industrialização, sendo as fábricas, os utensílios, máquinas, meios de transporte — entre os quais, a ferrovia — entre outros. Segundo a Carta de Nizhny Tagil, (2003) que é o documento do TICCIH (*The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* — Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial), organização mundial consagrada ao patrimônio industrial, sendo também o consultor especial do ICOMOS (*International Council on Monuments and Sites* — Conselho Internacional de Monumentos e Sítios) para esta categoria de patrimônio:

“A arqueologia industrial é um método interdisciplinar que estuda todos os vestígios, materiais e imateriais, os documentos, os artefatos, a estratigrafia e as estruturas, as implantações humanas e as paisagens naturais e urbanas, criadas para ou pelos processos industriais. A arqueologia industrial utiliza os métodos de investigação mais adequados para aumentar a compreensão do passado e do presente industrial.”

No Brasil, como uma das abordagens da arqueologia da arquitetura, há a arqueologia da restauração, que trata de estudos arqueológicos realizados em edifícios com fins de se obter informações exatas para a elaboração de projetos de restauração com vistas à preservação (SANTOS, 2009).

Contudo, conforme Najjar (2007), estas subdivisões com suas denominações apenas apontam qual objeto de estudo que se ocupam, bem como o tipo de abordagem adotada pelo pesquisador, devendo-se, no entanto, evitar que este seccionamento obscureça o sentido mais amplo da arqueologia, que é o conhecimento do passado do homem através dos seus vestígios. Dessa maneira, crê-se que além de ser estudada em sua inteireza, a arqueologia deve ser inserida na interdisciplinaridade que busca compreender o homem e a sua cultura.

Porém, não obstante a ciência da importância da interdisciplinaridade nos estudos sobre o patrimônio construído, pontua-se que ainda há obstáculos para o reconhecimento e a inclusão da arqueologia como ciência indispensável no conhecimento e na proteção do bem cultural edificado, segundo Najjar, 2007:

“Há grande dificuldade na efetivação de políticas que valorizem e incentivem a presença da arqueologia como mais uma das fontes de produção de conhecimento. O fato é que a pesquisa arqueológica no bojo das restaurações ainda é muito incipiente.”

Conforme a mesma autora, a “falta de visão das instituições de preservação”, em parte constatada pela inobservância até mesmo de dispositivos legais, em atos em que utilizam-se de argumentos inconsistentes para justificar a dispensa de estudos arqueológicos nos projetos de restauração — é extremamente prejudicial para os bens culturais que precisam passar por qualquer tipo de intervenção. Desta feita, assume-se o risco de perder vestígios importantes em meio às obras de restauro que têm que ter um grau de seletividade com relação ao que deve ser preservado, em razão da função social do patrimônio edificado.

Contudo, os vestígios encontrados não poderão, na maioria dos casos, ser conservados na sua totalidade, pelo caráter traumático de toda intervenção. Ainda assim, existem alternativas, como a exposição de forma organizada de materiais coletados dentro da ambiência do edifício. Portanto, a solução para tal impasse é o diálogo, sem oposições injustificáveis, entre as ciências humanas que forneçam os dados para a leitura do bem cultural, de forma concisa e com o único intuito de preservar o bem sobre o qual se debruçam. Desta maneira é possível construir um panorama mais amplo e aprofundado sobre o bem e as sociabilidades da época em que o edifício foi construído. É compromisso dos profissionais envolvidos com os projetos de restauração prezar

pela preservação do bem, escutando-se entre si e construindo, juntos, novos conhecimentos.

2. O caso do Pátio Ferroviário de Teresina

A ferrovia no Piauí foi implantada em meados da segunda década do século XX depois de muita demora e negociações. A construção da ferrovia veio atender à demanda de escoamento da produção do estado, que carecia de um meio de transporte eficiente para este fim (REGO, 2010, p. 111). Vários povoamentos surgiram em torno de estações, e com o passar dos anos, alcançaram a categoria de cidade, a exemplo de Brasileira, cidade situada no norte do Estado. Na Figura 1, vê-se a Estação desta cidade que ainda nascia na década de 1950.

Em 1916 foi iniciada a construção da ferrovia entre o porto de Amarração e a cidade de Campo Maior, sendo desvinculada da Rede Cearense e recebendo a denominação de Estrada de Ferro Central do Piauí. Em 1933, a ferrovia alcançou Piri-piri, e em 1966, a estrada de ferro chegou a Teresina, ligando a capital ao norte do estado, na perspectiva de alavancar a economia piauiense. (Rego 2010: 110). Na Figura 2, verifica-se a extensão da linha que liga as cidades de Luís Correia e Teresina.

Como o foco do estudo é o pátio ferroviário da capital, as outras instalações ferroviárias do Estado serão abordadas em futuras pesquisas. O complexo ferroviário de Teresina é formado, principalmente, pela Estação Ferroviária, pátio de manobras, e edificações adjacentes (casa do agente, oficina de máquinas, armazéns, etc.), pela ponte João Luís Ferreira (Ponte Metálica sobre o rio Parnaíba) e pelo sistema de trilhos herdados da extinta Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA). Nas Figuras 3 e 4, respectivamente, visualiza-se a disposição das edificações inseridas no Pátio Ferroviário e a edificação principal, a Estação Ferroviária de Teresina. Em seguida, na Figura 5, verifica-se a configuração das poligonais de tombamento e de entorno que foram elaboradas na ocasião do tombamento do conjunto, ocorrido em 2008.

Está sendo elaborado um projeto de requalificação para a área, sendo prevista a implantação do Parque Estação Cidadania, por iniciativa da Prefeitura Municipal de Teresina, cujo plano de massas pode ser visualizado na Figura 6.

Esta transformação prevista no projeto constitui uma profunda reconfiguração arquitetônica que irá alterar, inclusive, o uso e a apreensão do Pátio pela sociedade. Por este e outros motivos, na ocasião de submissão do projeto à avaliação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN),



Fig. 1 Locomotiva a vapor da Estrada de Ferro Central do Piauí na estação de Brasileira, na década de 1950. Fonte: Site Estações Ferroviárias, 2013.



Fig. 2 Mapa da Rede Ferroviária do Piauí — Linha 01. Fonte: Inventário do Patrimônio Ferroviário, IPHAN/PI, 2012.

SANTOS, Ana Camilla Moura dos (2014). "A arqueologia e a arquitetura nos projetos de restauração de imóveis remanescentes da malha ferroviária piauiense."

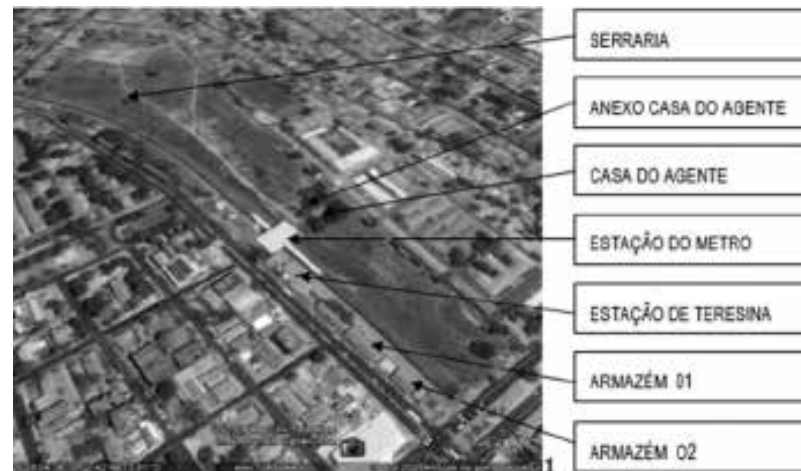


Fig. 3 Vista aérea do terreno e das edificações do Pátio Ferroviário de Teresina. Fonte: Dossiê de tombamento da Estação Ferroviária de Teresina, 2008.

Fig. 4 Estação Ferroviária de Teresina. Fonte: Dossiê de tombamento da Estação Ferroviária de Teresina, IPHAN, 2008.

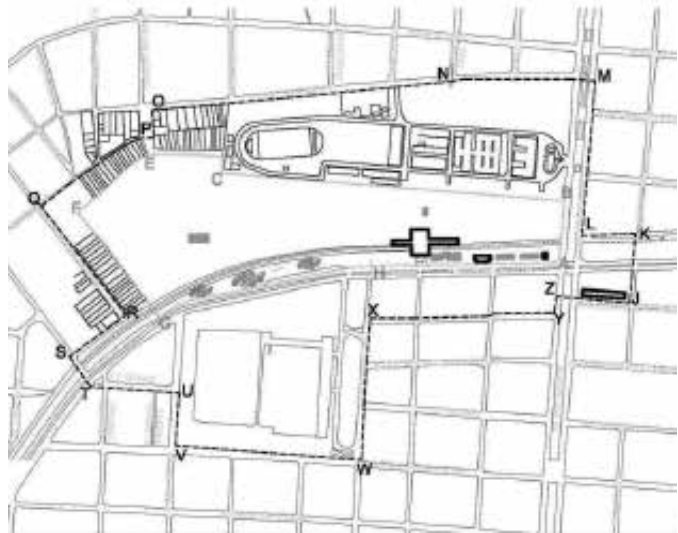


Fig. 5 Mapa das poligonais de tombamento e entorno. Fonte: Dossiê de tombamento da Estação Ferroviária de Teresina, IPHAN, 2008.

Fig. 6 Plano de massas do Parque Estação da Cidadania. Fonte: Projeto do Parque Estação da Cidadania, 2013.

foi requerida, por parte do órgão, a realização de pesquisas arqueológicas na área do Pátio, sendo este o primeiro projeto de requalificação urbana em pátio ferroviário piauiense que será pautado por pesquisas na área de Arqueologia. Deste modo, acredita-se que os estudos contribuirão para a instalação do Parque, pois as prospecções produzirão informações e conhecimentos que balizarão a execução de tal empreendimento, sem o risco de perdas dos elementos que caracterizam este pátio como portador de valor cultural.

Além da necessidade do conhecimento e da preservação material, a execução de prospecções na área do pátio de manobras de Teresina justifica-se pela necessidade da ciência sobre as pessoas e os contextos socioculturais intrínsecos à Estrada de Ferro Central do Piauí, pois as informações disponíveis, constante em documentos existentes sobre o pátio, apontam, em geral, informações a respeito da importância econômica e tecnológica da implantação da ferrovia em Teresina, carecendo de dados sobre as pessoas e as sociabilidades da época.

Conclusão

A temática do patrimônio ferroviário no Piauí é bastante incipiente, carecendo de estudos técnicos mais completos sobre a ferrovia e os atores sociais que a moldaram e que foram moldados por ela, em diversas temporalidades. Os conhecimentos produzidos pela Arqueologia, no seu sentido mais amplo, longe de serem somente subsidiários da pesquisa histórica, por exemplo, visam produzir o seu próprio panorama, que dialoga com as produções das outras ciências envolvidas na elaboração de um projeto de restauro — que deve ser visto não apenas como o planejamento da intervenção em si, mas como um produto de conhecimentos que podem ser gerados a partir de cada caso estudado. Isto viria a sanar a precariedade documental, ao revelar as características das edificações e seus construtores de forma mais ampla, inseridas num contexto histórico, espacial e cultural. Este caminho constitui a melhor maneira de se produzir um olhar qualitativo e de rigor científico sobre a malha ferroviária piauiense.

Referências

- CARRÉRA, Mércia; Surya, Leandro. *Arqueologia da arquitetura: contribuição nos projetos de restauro e na preservação*. [Consult. 2014-02-10]. Disponível em<URL: <http://www.faculdedamas.edu.br/revistas/index.php/arquitetura/article/view/221>>
- CASTRO, Willian Ricardo de; Monastirsky, Leonel Brizolla. *O patrimônio cultural ferroviário no espaço urbano: reflexões sobre a preservação e os usos*. [Consult. 2014-02-15]. Disponível em<http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Willian-Ricardo-de-Castro-Leonel-Brizolla-Monastirsky.pdf>
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; Pelegrini, Sandra de Cássia Araújo (2008). *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- KUHL, Beatriz Mugayar (2006). *Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação*. Patrimônio: Revista eletrônica do IPHAN. São Paulo. [Consult. 2014-01-10]. Disponível em< <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=165>>
- KUHL, Beatriz Mugayar (2008). *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro*. Cotia/SP: Ateliê Editorial. ISBN: 978-85-7480-419-4.
- NAJJAR, Rosana (2007). *O papel da pesquisa arqueológica nos projetos de restauração*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação. Nº 33. ISBN: 978-85-7480-419-4.
- REGO, Junia M. A. Napoleão do (2010). *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*. [Consult. 2014-02-10]. Disponível em<URL: <http://www.historia.ufr.br/stricto/td/1279.pdf>>
- SANTOS, Nadja Ferreira (2009). *Interface entre arquitetura na preservação do patrimônio cultural urbano*. [Consult. 2014-02-10]. Disponível em<http://www2.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/v03-01/wp-content/uploads/2012/05/SANTOS._Nadja._dissertcao_2009.pdf>
- SANTOS, Nadja Ferreira (2009). *Interface entre arquitetura na preservação do patrimônio cultural urbano*. [Consult. 2014-02-10]. Disponível em<http://www2.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/v03-01/wp-content/uploads/2012/05/SANTOS._Nadja._dissertcao_2009.pdf>

Uma rua quase (?) esquecida: memórias da “Rua de Baixo”, São Raimundo Nonato — PI.

Augusto Moutinho Miranda
Bruno Vitor de Farias Vieira
Rafaela Fonseca de Oliveira
Regiana Coelho de Souza
Tamires Daniele de Jesus
Selma Passos

E-mail: guto_moutinho@yahoo.com.br

E-mail: bvturismologo@gmail.com

E-mail: rafaelafonoliveira@hotmail.com

E-mail: regiana11@hotmail.com

E-mail: tam_henrique@hotmail.com

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial.

E-mail: selma.passos@univasf.edu.br

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo a análise das memórias acerca da “representação” da “Rua de Baixo” em contexto urbano, a partir dos relatos de alguns moradores daquela cidade. Esses relatos contribuirão para a construção de uma parte da história do município, a partir de sujeitos esquecidos pela historiografia oficial, dando espaço também à arquitetura vernácula, a memória e a preservação do patrimônio local.

Abstract: This research aims to analyze the memories about the “representation” of the “Rua de Baixo” in an urban context, from the reports of some residents of that city. These reports contribute to the construction of a part of the history of the city, from subjects forgotten by official historiography, giving space also to vernacular architecture, memory and preservation of local heritage.

Keywords: Memory Patrimonial Preservation Vernacular Architecture History City

Palavras chave: Memória Preservação Patrimonial Arquitetura Vernácula História Cidade

Introdução

O presente trabalho foi elaborado no intuito de desenvolver uma conexão entre a arquitetura vernácula e a memória na cidade de São Raimundo Nonato-PI, especificamente a “Rua de Baixo”, como popularmente é conhecida. O referido recorte foi realizado na Avenida Professor João Menezes, localizada no centro da cidade, no qual um trecho desta recebe esta nomenclatura.

1. Memória: linguagem, patrimônio e sociedade

Segundo Ferreira (2010), memória é a “faculdade de reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente. / Efeito da faculdade de lembrar; a própria lembrança. / Recordação que a posteridade guarda”. Neste sentido para Le Goff (2003) a memória é a habilidade de registrar certas informações, que estão envolvidas em um conjunto de funções psíquicas, que permite que pessoas lembrem de conhecimentos passados, os reinterpretem, ou os esqueçam.

A memória pode ser entendida a partir de uma vivência interior, porém acaba necessitando de um aparato exterior que passam a ser percebidos por experiências pessoais. Para Nora (1993), a memória pode ser entendida como tudo aquilo que armazenamos de forma colossal e vertiginosa, acontecimentos pessoais ou coletivos. Sendo assim, a memória acaba sendo uma maneira de cultivar as lembranças, sejam elas boas ou ruins, costumes e saberes de um passado de um indivíduo ou do grupo no qual ele está inserido.

A memória mais particular remete a um grupo, pois o indivíduo carrega consigo a lembrança, mas está sempre interagindo com o meio. A memória individual acontece nas diferentes relações em que o indivíduo se relaciona no grupo. Com isso a memória coletiva tem um extraordinário papel: colaborar para um sentimento de pertencimento a um dado grupo social.

Essa memória é avivada a partir de um estopim, que possibilita realizar o elo com as lembranças. Neste sentido a memória coletiva só é ativada se as memórias individuais estabelecerem as relações necessárias; essas duas se inter-relacionam, porém não se misturam.

Essa memória é constantemente alterada, visto que novas recordações surgem, e antigas são apagadas. As lembranças são sempre procedentes no grupo social ao qual o sujeito está inserido. Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. (Halbwachs 2004).

Compreende-se que a memória é fundamentalmente a habilidade humana de inscrever, conservar, esquecer e relembrar experiências, vivências,

MIRANDA, Augusto Moutinho; VIEIRA, Bruno Vitor de Farias; OLIVEIRA, Rafaela Fonseca de; SOUZA, Regiana Coelho de; JESUS, Tamiros Daniele de & PASSOS, Selma (2014). “Uma rua quase (?) esquecida: memórias da ‘Rua de Baixo’, São Raimundo Nonato — PI.”



Fig. 1 Fogão à Lenha da residência da Sra. D. Inocência parcialmente destruído.
Fonte: Própria.



Fig. 2 Mancha escura na parede provocada pelo uso do fogão à lenha na residência da Sra. D. Inocência parcialmente destruído.
Fonte: Própria.

conhecimentos, conceitos e pensamentos experimentados no passado. Como já visto, a memória coletiva se relaciona com a individual (e vice-versa), porém cada uma trilha o seu próprio percurso. Entre tantos relatos coletados, um mais marcante, foi ouvir os relatos da senhora Inocência sobre a história da casa e sua relação sócio-afetiva com a mesma. Foi perceptível seu apego com o imóvel e o valor que a residência exerce para seus familiares, principalmente suas referências: sua mãe e sua avó, citadas inúmeras vezes durante as entrevistas.

A Senhora Inocência Maria Afonso revela que as estruturas da casa pouco se alteraram, ao longo do tempo, devido a um pedido de sua mãe para não modificar a unidade. Neste mesmo sentido a proprietária da habitação conta a história do fogão à lenha de sua avó, que já não é mais utilizado, porém a área onde ele se encontra continua toda a escurificada pela fumaça lançada, porém toda a casa já foi pintada, sendo esse lugar nunca reformado ou algo similar, mas qual motivo? Para a senhora Inocência neste espaço ainda são presentes as recordações de sua avó cozinhando para a família: *“o meu tudo tem que ser aqui, não pode jamais destruir, até o cantinho preto que tem aqui, em vez em quando eu pinto a casa, mas aquela parte preta eu não pinto, pra lembrar que minha avó cozinhava lá (...)”*.

Essas recordações mostram como os lugares tornam-se referência para o “reviver familiar”, podendo ser relacionados como a uma fotografia, por exemplo, no qual são vistas a imaterialidade num suporte material. É interessante ressaltar as memórias da infância da senhora Inocência pela rua, segundo ela a chamada “Rua de Baixo” foi a primeira rua da cidade e era uma rua “chique”, pomposa, porém logo após as construções de residências na “Rua de Cima” (por ela descrito como sendo a rua da Igreja Matriz), essas novas casas passaram a ser consideradas mais bonitas e modernas.

Ao descreverem suas memórias, os moradores da “Rua de Baixo” narram diferentes histórias — da cidade, dos familiares, dos moradores — prontamente surgem distintos atores sociais, desde clérigos, políticos, moradores e outros que colaboraram para a construção daquela rua.

Estes atores que compõem a “Rua de Baixo”, nos relatos aparecem com seu papel claramente definido pelos entrevistados, é o caso de um dos bispos que acaba sendo inspiração para o nome de uma das entrevistadas (D. Inocêncio López Santamaria). Por outro lado alguns desses personagens surgem, como personagens que contribuem para a construção de um espaço que reúne pessoas que a sociedade denomina de “marginais”.

Nas entrevistas, a questão da prostituição aparece em diferentes discursos, como no caso do relato da senhora Lôsinha, que narra que quando chegou à rua não havia mais prostitutas, porém conta que os antigos moradores diziam

MIRANDA, Augusto Moutinho; VIEIRA, Bruno Vitor de Farias; OLIVEIRA, Rafaela Fonseca de; SOUZA, Regiana Coelho de; JESUS, Tamielis Danielle de & PASSOS, Selma (2014). “Uma rua quase (?) esquecida: memórias da ‘Rua de Baixo’, São Raimundo Nonato — PI.”



Fig. 3 Trecho da “Rua de Baixo”.
Fonte: Própria.

Fig. 4 Detalhe da Casa da Sra. Inocência Maria Afonso, localizada na “Rua de Baixo”. Fonte: Própria.

que a polícia, no período da ditadura do governo do então presidente Getúlio Vargas conhecido como Estado Novo (1937-1945), sempre fazia rondas pela rua, e interpelavam as mulheres que lá se prostituíam e em muitos casos agredindo-as e levando-as para averiguação. Por este motivo, para os moradores, aquele era um local de sofrimento terrível.

Um ponto que aparece de forma controversa nos relatos é esta questão da prostituição, se por um lado existem relatos de pessoas, na maioria das vezes, moradores da “Rua de Baixo”, que dizem que as atividades de prostituição existiram, e que hoje a rua é “de família”, existem também relatos de habitantes que dizem que o espaço ainda hoje possui a atividade de prostituição.

No entanto ao aprofundar a coleta de relatos, acerca dessas atividades, outros moradores do município afirmam que a rua é sim um lugar que ainda nos dias atuais existem prostitutas, ou “mulheres da vida”, como alguns contaram. Uma das entrevistadas revela que na rua existiam algumas mães solteiras, ou mulheres que aproveitavam a vida, que segundo relatos “namoravam muito”, sem se incomodar com o que outras pessoas pensavam. Segundo alguns moradores esse fato fez com que a rua ficasse conhecida como uma rua dessas atividades.

Entre tantos temas que ainda poderiam ser discutidos nesta pesquisa, destaca-se o significado da história do nome da “Rua de Baixo”, segundo Nora (1993) “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais [...] e [...] memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...]”, nesse sentido percebe-se um problema de significação na memória dos moradores de São Raimundo Nonato, visto que existem pelo menos duas explicações para a nomenclatura deste espaço.

Uma primeira explicação a partir de alguns levantamentos orais: essa primeira versão alude no sentido de que a área estava situada na parte periférica da cidade, com a presença das atividades consideradas execráveis, já descritas neste trabalho, desse modo o “Baixo” seria um termo pejorativo. Contudo uma segunda versão explica tal denominação por uma simples questão geográfica, visto que essa rua encontra-se em uma das áreas mais baixas da cidade (senão a mais baixa), tal hipótese pode ser inferida analisando o próprio espaço a partir de plantas topográficas da cidade, pois as áreas que o circundam são áreas mais elevadas, a exemplo do bairro Paraíso das Aves (a leste), Alto do Cruzeiro (a norte) e Centro (a oeste).

Conclusão

Ressalta-se neste trabalho que os resultados parcialmente elencados dizem respeito a um recorte espacial mínimo em relação à totalidade do que é a

própria “Rua de Baixo”, as interpretações aqui levantadas são oriundas de uma pequena parcela dos habitantes daquele espaço e refletem eventos relacionados à memória individual e em alguns casos à memória coletiva, quando relatos são direcionados à outros já mencionados.

Entendemos, portanto, que o espaço também é responsável pelas relações sociais daquelas pessoas e que a memória arraigada naquelas casas tem um papel determinante em sua autoafirmação como lugar de história e pertencimento. Trabalhos posteriores, com uma maior amplitude espacial e de amostragem poderão auxiliar e complementar no entendimento do papel da memória para a “Rua de Baixo” e seus moradores.

Referências

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (2010). *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Positivo. ISBN: 9788538541981.
- HALBWACHS, M. (2004). *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004. ISBN: 9788588208582

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Unicamp Editora. ISBN: 8526806157
- NORA, Pierre (1993). *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. São Paulo: Editora da PUC-SP. ISSN: 01024442.

Trilha Caminhos dos Maniçobeiros: Memória, Turismo e Patrimônio Cultural

Ana Stela Oliveira*

Joseane Landin**

Rosa Gonçalves***

Elizabete Buco****

*Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco, Chefe do Escritório Técnico I do IPHAN no Piauí

E-mail:
anastelanegreiros@hotmail.com

**Mestranda em Preservação do Patrimônio Cultural PEP/MP IPHAN

E-mail:
jopereira_historia@hotmail.com

***Mestranda em Museologia e Patrimônio pela UNIRIO/MAST

E-mail:
rs.1970@live.com

****Arquiteta da Fundação Museu do Homem Americano, Piauí

E-mail:
ebuco@fumdam.org.br

Resumo: A Trilha Caminhos dos Maniçobeiros está instalada no Parque Nacional Serra da Capivara/Piauí/Brasil e apresenta sítios arqueológicos, que foram ocupados no período da extração do látex da maniçoba, início do século XX. A Trilha tem por objetivo fortalecer a memória no imaginário das pessoas, buscando impedir o desaparecimento dos vínculos entre descendentes de maniçobeiros e os locais de suas práticas.

Abstract: The trail path of Maniçobeiros is localized in National Park Serra da Capivara/Piauí/Brazil. There are archeological sites that was occupied in the period of extracting of látex of maniçoba, at the beginning of the XX century. The trail aims to consolidate memory in the imaginary of people and prevents the disappearing of connexions between descendents of maniçobeiros and the place of their practices.

Keywords: Maniçobeiros Serra da Capivara Memory Cultural Heritage

Palavras chave: Maniçobeiros Serra da Capivara Conservação Memória Patrimônio Cultural

1. O Parque Nacional Serra da Capivara e o Turismo Cultural

O Parque Nacional Serra da Capivara possui uma área de 129.140 hectares e possui 214 km de perímetro. Ocupa áreas dos municípios de Brejo do Piauí, Coronel José Dias, João Costa e São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil e foi criado pelo Decreto Federal nº 83.548, de 05/06/1979 para proteger a flora, a fauna, as belezas naturais e os monumentos arqueológicos. Seu reconhecimento como patrimônio nacional se deu através do tombamento federal, com a inscrição no Livro de Tombo* Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico em 1993 pelo Iphan.

Está incluído na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO desde 1991. O Instituto Chico Mendes para a Conservação da Biodiversidade/ICMBio, é responsável pela gestão do Parque e compartilha com a Fundação Museu do Homem Americano/FUMDHAM, as ações de preservação e manutenção do Patrimônio Ambiental existentes. Já o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, tem a responsabilidade de preservar seu Patrimônio Cultural. A importância do Parque para o Brasil se dá não só pelos sítios arqueológicos identificados e cadastrados, mas também por ser a única Unidade de Conservação no país voltada para a preservação do Bioma Caatinga.

O Parque Nacional dispõe de infraestrutura para visitação, com um total de 172 sítios arqueológicos abertos ao público; passarelas e guarda-corpo; 30 guaritas de entrada, sendo 11 com guarda permanente e rádio de comunicação e 4 guaritas turísticas abertas ao público; um Centro de Visitantes com auditório com capacidade para 50 pessoas, exposição de fósseis de animais pré-históricos da região, loja de *souvenirs*, e uma lanchonete; 300 km de trilhas de piçarra, com canaletas para escoamento de água, e, em sua maioria, liberadas para carros pequenos; mais de 100 km de trilhas para pedestres; placas de sinalização e placas interpretativas (em alguns sítios); e cerca de 16 sítios são considerados, pela FUMDHAM e pelo Iphan, adaptados para deficientes físicos ou com mobilidade reduzida (FUMDHAM, 2010 *apud* Carvalho 2012). A estrutura física para visitação do Parque Nacional é considerada uma das melhores do país.

Atualmente o Parque Nacional conta com 14 Circuitos Turísticos, incluindo a Trilha Histórica da Jurubeba, que foi instalada com o objetivo de reconstituir a história da ocupação colonial da região, destacando-se a fazenda Jurubeba, que representa o tipo de ocupação colonial do espaço, no sertão do Piauí, que teve início a partir do século XVII e no qual as terras eram ocupadas e exploradas economicamente por atividades baseadas na criação de gado. A Trilha Histórica da Jurubeba é formada por sítios arqueológicos pré-históricos e históricos e possui um museu com vestígios que recebeu de uma escavação



Fig. 1 Parque Nacional Serra da Capivara e Sítios Arqueológicos que compõem a Trilha Caminhos dos Maniçobeiros. Fonte: Lucas Braga/FUMDHAM, 2013.

OLIVEIRA, Ana Stela; LANDIN, Joseane; GONÇALVES, Rosa & BUCCO, Elizabeth (2014) "Trilha Caminhos dos Maniçobeiros: Memória, Turismo e Patrimônio Cultural".

que aconteceu nas ruínas da Casa do Neco Coelho, antigo proprietário daquela região. Fornece informações sobre o meio ambiente e a cultura do homem do sertão nordestino e foi instalada para que tanto os visitantes como o morador local conheçam e valorizem os sítios arqueológicos, pré-históricos e históricos e compreendam as diversas nuances do patrimônio desta região.

2. Período Econômico da Maniçoba

No início do século XX o Estado do Piauí viveu um período de prosperidade econômica com a exploração da borracha de maniçoba, especialmente em áreas que se encontram hoje constituindo o Parque Nacional Serra da Capivara.

No período do auge da economia do látex da maniçoba, final do século XIX, famílias inteiras se deslocaram de diversas regiões do país para São Raimundo Nonato na intenção de trabalhar com o extrativismo da maniçoba, ficando conhecidos como maniçobeiros. O desejo por melhores condições acabou em meados da década de 1960 com a decadência da borracha da maniçoba no mercado internacional. Muitos trabalhadores não conseguiram mudar de vida, pois não juntaram dinheiro suficiente para mudar de ocupação ou voltar para suas cidades. Foi um período curto de prosperidade, por que dinamizou a vida nas cidades interioranas do Estado (Oliveira 2001).

Áreas que se encontram hoje no entorno e constituindo o Parque Nacional Serra da Capivara foram grandes produtoras de borracha de maniçoba.

Segundo Oliveira, a Serra Branca, desde o início do século XX, foi o principal ponto de extração de látex de maniçoba de São Raimundo Nonato. Toda essa área foi testemunho de ocupações pré-históricas e históricas. Como resultado de ocupações mais antigas existem pinturas e gravuras rupestres, fragmentos de material lítico e cerâmico; de períodos mais recentes foram frequentados pelos maniçobeiros e observam-se estruturas edificadas (fornos de farinha e moradias), bem como restos da cultura material dos seus construtores.

Para conseguir extrair o látex, os maniçobeiros usavam um instrumento conhecido como lega e faziam incisões na raiz principal da árvore, o prazo para recolher algumas dezenas de gramas de látex era variável, podia durar de um dia a uma semana. Praticada com cuidado, a incisão não matava a árvore e podia ser repetida a cada três ou quatro semanas.

Homens, mulheres e crianças envolvidas com a atividade de extração da borracha da maniçoba durante mais de 50 anos viveram no sudeste do Piauí.

O trabalhador ia chegando e ocupando a área em que iria trabalhar. Cada um procurava marcar o seu terreno e se adaptar da melhor maneira possível. Entretanto, como na região sudeste do Piauí, na maioria das vezes, os



Fig. 2 Toca do João Sabino. Fonte: Acervo FUMDHAM

Fig. 3 Jogo A Onça e os Cachorros. Sítio Toca da Pedra Solta da Serra Branca. Fonte: Acervo FUMDHAM

maniçobais eram em terras devolutas, qualquer pessoa podia se dedicar à atividade (Oliveira 2001).

Os maniçobeiros usavam matérias primas encontradas na própria natureza para a criação de situações de interação social, constituindo um modo de viver que não existe mais. Para fabricar os instrumentos de trabalho, moradias, calçados e utensílios domésticos, os maniçobeiros se apropriavam do que a natureza lhes oferecia, transformando e adaptando os materiais de que dispunham no seu dia-a-dia (Oliveira 2001). Esse conjunto de técnicas, formas de conhecimento e práticas realizadas formam o patrimônio cultural.

3. Trilha Caminhos dos Maniçobeiros

As atividades previstas no projeto Trilha Caminhos dos Maniçobeiros estabelecem a ligação entre a memória do período da extração do látex da maniçoba ao imaginário das pessoas para impedir o desaparecimento dos vínculos entre descendentes de maniçobeiros e os locais de suas práticas existentes no interior do Parque Nacional Serra da Capivara e intensificando a valorização do peculiar modo de vida destas pessoas, ações que expandem a memória social dessa práxis para as novas gerações, garantindo aos descendentes desse grupo social seu direito à cultura e à memória.

O projeto Trilha Caminhos dos Maniçobeiros foi elaborado a partir da dissertação de mestrado "Catingueiros da Borracha: vida de maniçobeiro no Sudeste do Piauí" de autoria de Ana Stela de Negreiros Oliveira (2001). A Fundação Museu do Homem Americano submeteu o projeto ao Edital Petrobras Cultural — O Edital Petrobras Cultural 2012/2013 recebeu 4309 projetos nas áreas de Circulação de exposições, Patrimônio Imaterial, Apoio a artistas, grupos ou redes musicais, Manutenção de grupos e companhias de teatro e Manutenção de grupos e companhias de Dança, tendo selecionado 133 projetos com execução entre 2013/2014.

Trata-se de ações que incluem a restauração e conservação, e que estão sendo executadas para a preparação turística dos sítios arqueológicos ocupados por maniçobeiros na Serra Branca, Parque Nacional Serra da Capivara; a publicação do livro "Os Maniçobeiros do Sudeste do Piauí" e de um Jogo de Tabuleiro Educativo, baseado nas gravuras rupestres existentes nas rochas presentes nos Sítios Arqueológicos localizados na Trilha. Já o Programa de Capacitação habilita os Condutores de Visitantes do Parque para a especificidade da Trilha e outras ações de educação patrimonial.

A partir do levantamento realizado pelo Escritório Técnico do IPHAN em São Raimundo Nonato no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos/

CNSA-IPHAN e no Banco de Dados da FUMDHAM, foram detectados 43 sítios arqueológicos da região da Serra Branca no Parque Nacional Serra da Capivara que tiveram ocupação e uso por maniçobeiros. Destes, foram selecionados os sítios interessantes do ponto de vista histórico, educativo e turístico (relevância e pertinência) para a preservação dos vestígios materiais da presença dos maniçobeiros (fornos, moradias, jogos, gravuras e pinturas feitas pelos maniçobeiros) em sua inter-relação com os vestígios arqueológicos.

As ações de Educação Patrimonial são ministradas nas escolas localizadas nos assentamentos Novo Zabelê, Sítio Novo e Nova Jerusalém, todos contam com uma população formada principalmente por descendentes de maniçobeiros. São realizadas visitas ao Parque e ministradas palestras e oficinas que contam também com a participação de maniçobeiros que revivem as técnicas e procedimentos da extração do látex da maniçoba junto às novas gerações. A formação dos Condutores de Visitantes para a Trilha é uma estratégia de divulgação e multiplicação dos saberes e tradições da Cultura dos Maniçobeiros junto aos turistas que frequentam o Parque Nacional, garantindo o acesso público a este Patrimônio Imaterial.

4. Conclusões

O Parque Nacional Serra da Capivara possui mais de 1343 sítios com registro rupestre, uma das formas de comunicação de sociedades pretéritas. Para receber o público visitante, a Fundação preparou 172 sítios, dentre eles, 16 são estão preparados para pessoas com mobilidade reduzida, distribuídos em 10 Circuitos Turísticos, A Trilha Caminhos dos Maniçobeiros facilita a compreensão das múltiplas características presentes no Parque Nacional, e a ocupação histórica dessa região. Foi preparada para que, tanto o visitante como o morador local, conheçam e valorizem os sítios arqueológicos, pré-históricos e históricos e compreendam as diversas nuances deste patrimônio cultural.

Os maniçobeiros e seus descendentes são sujeitos do processo de salvaguarda do Patrimônio presentes na história da exploração do látex da Maniçoba no Piauí e sua presença está assegurada em todas as etapas do projeto, da interpretação de sua história ao rememoração de suas festas e tradições no momento da inauguração da Trilha.

Referências

- ALCÂNTARA, Tainã Moura (2009). *A ocupação maniçobeira dos abrigos sob rocha no Parque Nacional Serra da Capivara: uma abordagem arqueológica*. Monografia (Graduação em Arqueologia). UNIVASF: Universidade Federal do Vale do São Francisco.
- BUCO, Cristiane de A (2012). *Arqueologia do Movimento: Relações entre a Arte Rupestre, Arqueologia e Meio Ambiente da Pré-história aos dias atuais, no Vale da Serra Branca. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil*. Tese (Doutorado). Universidade de Trás — Os — Montes e Alto Douro Vila Real.
- BUCO, Elizabete (2011). *Turismo Arqueológico Região do Parque Nacional Serra da Capivara*. FUMDHAM: Fundação Museu do Homem Americano.
- CARVALHO, Stella Maria Sousa (2012). *Acessibilidade do Turismo no Parque Nacional Serra da Capivara — PI*. In Turismo em Análise. São Paulo: DRPPT/ECA/USP. Vol. 23, n. 2, p. 437 a 463.
- GEERTZ, Clifford (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Godoi, Emília Pietrafesa de (1993). *O Trabalho da Memória: um estudo antropológico de ocupação camponesa no sertão do Piauí*. Campinas. UNICAMP. (Dissertação de Mestrado)

- LE GOFF, Jacques (2003). *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão — 5ª Ed — Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- LUZ, Carolina Francisca Machiori (2012). *Sítios Arqueológicos de Registro Rupestre: O Modelo da Gestão Compartilhada e as Ações de Preservação do Iphan no Parque Nacional Serra da Capivara e entorno — Piauí, Brasil*. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural). IPHAN.
- OLIVEIRA, Ana Stela de N. *Catingueiros da Borracha: Vida de Maniçobeiro no Sudeste do Piauí 1900/1960* (2001). Dissertação (Mestrado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- QUEIROZ, Teresinha (1994). *A Importância da Borracha de Maniçoba na Economia do Piauí: 1900 — 1920*. Teresina: UFPI /APL.
- OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. BUCO, Cristiane. IGNÁCIO, Elaine (2009). *No rastro da Maniçoba: Trilha Interpretativa da Fazenda Jurubeba*. In: FUMDHAMENTOS n. VIII. São Raimundo Nonato: dezembro. p. 124 a 132.
- RIBEIRO, Manoel Paes (s/d). *Um menino do mato*. Brasília: Horizonte Indústrias Gráficas.

“A Serra Branca tem muita história para contar”: Memória e Patrimônio dos Maniçobeiros do Sudeste do Piauí

Joseane Landin*
Ana Stela Oliveira**
Luciano Teixeira***

*Mestranda em Preservação do Patrimônio Cultural. Instituto do Patrimônio PHAN

E-mail:
jopereira_historia@hotmail.com

**Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco; IPHAN em S. Raimundo Nonato

E-mail:
anastelanegreiros@hotmail.com

***Mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro IPHAN

E-mail:
luciano@iphan.gov.br

Resumo: Este trabalho investiga as concepções de memória e identidade dos maniçobeiros, pessoas que trabalharam na extração do látex da maniçoba utilizada na fabricação de borracha, entre 1940 a 1960. A maior área de maniçobais do Piauí faz parte atualmente do Parque Nacional Serra da Capivara — Piauí — Brasil. Busca-se destacar o modo de vida dos maniçobeiros através de seu patrimônio cultural deixado nos abrigos com arte rupestre, que antes foram utilizados por povos pré-históricos.

Abstract: This paper investigates the concepts of maniçobeiros's memory and identity, responsables to manufacture of rubber between the decades 1940-1960. The largest area of Piauí's maniçobais currently part of the National Park Serra da Capivara — Piauí — Brazil. Seeks to highlight the lifestyle of maniçobeiros by surveying their cultural heritage left in shelters, which were once used by prehistoric peoples and where to find rock art of the two periods.

Keywords: maniçobeiros memory cultural heritage

Palavras chave: maniçobeiros memória patrimônio cultural

Introdução

No final do século XIX, período de transição entre a Monarquia e a República no Brasil, o país passava por dificuldades na adaptação das novas ordens política e econômica. No Piauí não foi diferente, o Estado passou por uma crise na economia que, de acordo com a avaliação do governador da época, Coriolando de Carvalho e Silva, estava relacionada:

à reduzida população em termos territorial; vias de comunicação e transporte reduzidas ao trecho navegável do Rio Parnaíba; fontes de rendas limitadas a uma pecuária decadente; agricultura em crise com a escassez de mão de obra, em virtude da liberação dos escravos; ausência da instituição pública que possibilitasse ao povo a compreensão de seus direitos e deveres (Queiroz 1994: 44)

Com o crescimento das indústrias automobilística e elétrica, de maneira geral, em quase todos os estados do Brasil, ocorreu o incentivo à comercialização da borracha, não somente dos seringais da região norte, como também de qualquer espécie que produzisse o látex como a mangabeira e a maniçoba — árvore da família das Euforbiáceas. São árvores resistentes à seca e guardam reservas nas raízes e nos caules. Planta de que se extrai um látex que dá borracha.

No caso do Piauí, o incentivo ocorreu para extração e cultivo da maniçoba. Segundo Oliveira (2001) a maior concentração de árvores no Piauí era em terras devolutas no Estado correspondente aos atuais municípios de São Raimundo Nonato, São João do Piauí, Caracol e Canto do Buriti.

No Piauí, o incremento do extrativismo da maniçoba para produção de borracha ocorreu em duas fases de maior expressão: a primeira vai do final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX, quando exportado para os Estados Unidos, Inglaterra e França. A partir de 1911 os preços decaem sem desativação completa; a segunda fase teve início a partir de 1940, quando os americanos incentivaram novamente a produção que permaneceu de forma contínua até 1960(Oliveira 2001).

Na região Sudeste do Piauí, a árvore da maniçoba estava localizada principalmente nas serras e chapadas. A produção era extensiva e realizada de forma predatória, embora ocorresse o cultivo em algumas fazendas.

Para os camponeses da região, as terras de chapada eram consideradas terras de ausentes, portanto, terras de uso comum, onde se coletava madeira e mel, faziam-se as caçadas, não sendo terras utilizadas para agricultura. Os maniçobeiros se dirigiram para estas terras que extrapolavam os limites das fazendas já existentes voltadas para a agricultura e a pecuária.

No período do *boom* da maniçoba, famílias inteiras vindas de estados nordestinos e cidades vizinhas, se deslocaram para o Sudeste do Piauí na intenção de trabalhar com o extrativismo da maniçoba. Neste cenário surgem os trabalhadores conhecidos como maniçobeiros e durante um curto período de prosperidade dinamiza a vida nas cidades interioranas do Piauí.

1. Modo de vida dos maniçobeiros

Áreas que se encontram hoje no entorno e constituindo o Parque Nacional Serra da Capivara foram grandes produtoras de borracha de maniçoba.

O Parque Nacional Serra da Capivara foi criado em 1979 para proteger uma área de 129.140 hectares. Está localizado no Sudeste do Piauí, ocupando áreas dos municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, João Costa e Brejo do Piauí. Foi incluído pela UNESCO na lista de Patrimônio Cultural da Humanidade, por constituir um testemunho excepcional de tradições culturais já extintas. Foi tombado pelo IPHAN em 1993, registrado no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

Segundo Oliveira (2001), a Serra Branca, área localizada a oeste do Parque, desde o início do século XX, foi o principal ponto de extração de látex de maniçoba no município de São Raimundo Nonato. Toda essa área foi testemunho de ocupações pré-históricas e históricas. A principal alternativa de habitação oferecida eram as tocas (abrigo sob rocha), sendo que hoje a maioria delas é cadastrada como sítio arqueológico. Como resultado de ocupações mais antigas existem pinturas e gravuras rupestres, fragmentos de material lítico e cerâmico; de períodos mais recentes, observam-se estruturas edificadas de fornos de farinha e moradias, bem como restos da cultura material dos seus construtores ainda percebidas nos locais de moradia.

Conseguimos identificar diversos sítios arqueológicos que foram utilizados e adaptados como moradias pelos maniçobeiros como: Toca do João Sabino, Toca do Juazeiro da Serra Branca, Toca do Mulungu I, Toca do Vento, Toca da Extrema, Toca da Pedra Solta da Serra Branca, Toca da Igreja, Toca da Velha Mulata, Toca do Caboclinho, Toca do José Ferreira, Toca do João Arsená, entre outros, todos localizados na Serra Branca, Parque Nacional Serra da Capivara.

Essas tocas receberam adaptações e em algumas delas foram construídas paredes com diferentes técnicas de taipa de mão — Sua estrutura é baseada na confecção de uma amarração de madeira e o arremesso de uma pasta de barro sobre a mesma, utilizando as mãos para moldar e compactar a parede, tanto pelo lado interno, quanto externo.

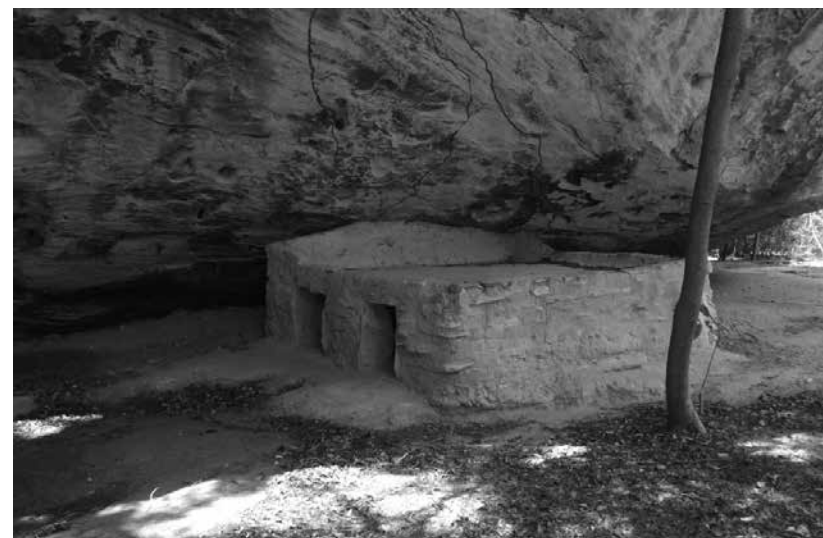
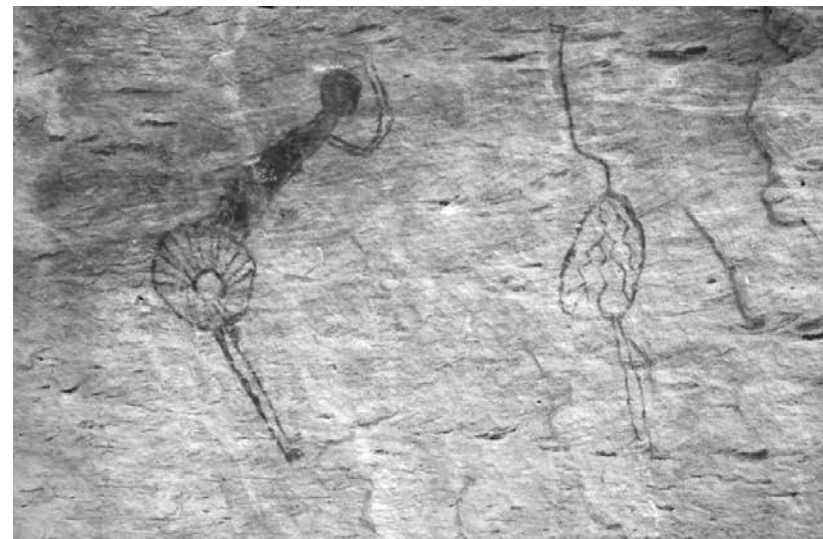


Fig. 1 Pintura Rupestre. Toca do Caboclinho
FOTO: Joseane Pereira

Fig. 2 Forno de Farinha. Toca do Forno da Serra Branca. FOTO: Lucas Pereira

Geralmente as tocas tinham dois cômodos—quarto e sala. Temos exemplos de tocas que também possuíam pequenos depósitos para armazenar o látex da maniçoba e fornos de farinha. Estas técnicas construtivas são comuns no Sudeste do Piauí.

Na área do Parque Nacional Serra da Capivara, constatou-se que a maioria dos abrigos possuíam pinturas rupestres. Os maniçobeiros que habitaram os abrigos conviveram com essas pinturas, reocupando a mesma área e construindo um novo espaço, com novos simbolismos e adaptações culturais. (Alcântara 2009:32)

A habitação no ambiente dos maniçobeiros ocorria principalmente pela oferta dos materiais oferecidos. Além dos abrigos pré-históricos, Oliveira (2001) identificou diferentes tipos de coberturas utilizadas nas casas construídas com taipa, casas de taipa cobertas com pau de casca (*Tabebuia spongiosa*), casas cobertas com terra e folhas e casas cobertas com capim.

Manoel Ribeiro, autor de “O menino do mato”, livro que descreve a trajetória autobiográfica de menino do interior, desde maniçobeiro, aguador e estudante, para mais tarde tornar-se advogado e escritor; descreveu assim um dos ambientes dos maniçobais:

descoberto o maniçoba, limpa-se um espaço na mata, ergue-se a “barraca”. Seu teto feito de terras, quando não se levam, de longe, cascas de pau-de-casca para a cobertura. Geralmente sem paredes, as barracas se completam com jirau e zidoro varas. (RIBEIRO, s/d: 48)

Homens, mulheres e crianças envolvidas com a atividade de extração da borracha da maniçoba, durante mais de 50 anos viveram no sudeste do Piauí. Toda essa experiência de vida estabelecida desde a extração até a comercialização do produto constituiu uma forma de vida única, uma organização estabelecida apenas nessa região, gerando um patrimônio cultural singular (Oliveira 2001).

A UNESCO conceitua Patrimônio Cultural Imaterial como as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Esse conceito se aplica perfeitamente no modo como viveram os maniçobeiros, uma vez que eles obtinham matérias-primas na região para a criação de situações de interação social, constituindo um modo de viver que não existe mais. As técnicas, formas de conhecimento e práticas realizadas formam seu singular patrimônio cultural.

Para conseguir extrair o látex, os maniçobeiros criaram o seu próprio instrumento de trabalho, conhecido como lega, e faziam incisões na raiz principal da árvore. O prazo para recolher algumas dezenas de gramas de látex era variável, podia durar de um dia a uma semana. Praticada com cuidado, a incisão não matava a árvore e podia ser repetida a cada três ou quatro semanas.

A relação dos maniçobeiros com o meio ambiente foi fundamental para a criação de situações de interação social, constituindo um modo de viver único que atualmente existe na memória dos que lá viveram e de seus familiares.

2. Memórias

De acordo com os depoimentos coletados por Oliveira nos anos 2000, seu singular modo de vida foi narrado a partir das memórias dos remanescentes de maniçobeiros.

A fabricação dos utensílios domésticos das casas dos maniçobeiros também aproveitava os recursos da natureza. Os potes e panelas eram de barro, as cuias eram feitas de cabaças.

Os trabalhadores dormiam quase sempre em redes ou no próprio chão da casa. Em algumas tocas encontramos pedras adaptadas como mesas, inclusive algumas com jogos.

O maniçobeiro saía para o trabalho ainda no escuro, antes do sol nascer. A maniçoba produzia melhor quando incisada bem cedo; ao sol quente a produção já não era a mesma. Embrenhado no mato e rasgando o corpo nos garranchos secos, o maniçobeiro passava o dia inteiro furando a maniçoba de joelhos ou de cócoras. Nos finais de tarde recolhia o resultado do trabalho e voltava para dormir nas tocas ou nos barracões.

A alimentação do maniçobeiro era muito frugal. Geralmente, comiam feijão, farinha, toucinho de porco e rapadura. Os gêneros alimentícios eram levados pelo trabalhador na segunda-feira de manhã, quando partia para a jornada de trabalho e esta ação era denominada “fazer o saco”. A alimentação era adquirida nos barracões. Alguns trabalhadores complementavam a dieta alimentar com a caça, considerada a melhor alimentação.

O trabalhador usava pouca roupa na sua jornada, não só porque não tinha condições de comprar, como também porque trabalhava no mato e os galhos das árvores rasgavam tudo. A roupa do maniçobeiro era apenas um calção de mescla. Calçados eram considerados artigos de luxo, quase ninguém tinha condições de comprá-los.

As moradias que passavam a semana vazia, pois seus habitantes estavam na mata trabalhando, voltavam a se movimentar nos finais de semana, com

entretenimentos coletivos que eram fundamentais para a reposição de energias e para a confraternização entre as famílias.

As reuniões, festas, batizados, missas e casamentos aconteciam na Toca do João Sabino e no mês de Junho comemoravam a novena de São João. A Toca do Mulungú I também ficou conhecida como ponto de encontro.

Os maniçobeiros não vivam isolados do Piauí colonial, principalmente na segunda fase. Mesmo com as dificuldades como falta de estradas e meios de transporte os maniçobeiros circulavam por toda área. Era muito comum morar na comunidade Zabelê e trabalhar na Serra Branca ou morar no Gongo e trabalhar no Alegre. Geralmente estas distâncias eram percorridas a pé, em cima da serra.

Na verdade, muitos caminhos foram abertos pelos trabalhadores, que serviam tanto para o intercâmbio comercial como para o melhor relacionamento entre as pessoas. Muitas estradas que ligam diversas regiões do Parque Nacional Serra da Capivara foram abertas pelos maniçobeiros e hoje, reaproveitadas pela equipe da administração do Parque.

Considerações finais

No século XX a região de São Raimundo Nonato passou por um período de prosperidade proporcionado pelo extrativismo do látex da maniçoba. Famílias inteiras saíram se suas terras na esperança de uma vida melhor. Como herança desses períodos temos suas moradias, as marcas deixadas nas tocas, antes habitadas em períodos pré-histórico, e, principalmente, deixaram suas histórias de vida.

As narrativas sobre a atividade econômica da extração do látex da maniçoba compõem um rico material historiográfico para as pesquisas acadêmicas relacionadas ao período no Estado do Piauí. Hoje, estas narrativas são objeto de estudo para estudantes de História e Arqueologia, e constituem um importante acervo que contribui para a compreensão do modo de vida desta comunidade tradicional do mundo rural brasileiro.

Referências

- ALCÂNTARA, Tainã Moura (2009). *A ocupação maniçobeira dos abrigos sob rocha no Parque Nacional Serra da Capivara: uma abordagem arqueológica*. Monografia (Graduação em Arqueologia). UNIVASF: Universidade Federal do Vale do São Francisco.
- BUCO, Cristiane de A (2012). *Arqueologia do Movimento: Relações entre a Arte Rupestre, Arqueologia e Meio Ambiente da Pré-história aos dias atuais, no Vale da Serra Branca. Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil*. Tese (Doutorado). Universidade de Trás — Os — Montes e Alto Douro Vila Real.
- BUCO, Elizabete (2011). *Turismo Arqueológico Região do Parque Nacional Serra da Capivara*. FUMDHAM: Fundação Museu do Homem Americano.
- CARVALHO, Stella Maria Sousa (2012). *Acessibilidade do Turismo no Parque Nacional Serra da Capivara — PI*. In Turismo em Análise. São Paulo: DRPPT/ECA/USP. Vol. 23, n. 2, p. 437 a 463.
- GEERTZ, Clifford (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Godoi, Emília Pietrafesa de (1993). *O Trabalho da Memória: um estudo antropológico de ocupação camponesa no sertão do Piauí*. Campinas. UNICAMP. (Dissertação de Mestrado)
- LE GOFF, Jacques (2003). *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão — 5ª Ed — Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- LUZ, Carolina Francisca Machiori (2012). *Sítios Arqueológicos de Registro Rupestre: O Modelo da Gestão Compartilhada e as Ações de Preservação do Iphan no Parque Nacional Serra da Capivara e entorno — Piauí, Brasil*. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural). IPHAN.
- OLIVEIRA, Ana Stela de N. *Catingueiros da Borracha: Vida de Maniçobeiro no Sudeste do Piauí 1900/1960* (2001). Dissertação (Mestrado). Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- QUEIROZ, Teresinha (1994). *A Importância da Borracha de Maniçoba na Economia do Piauí: 1900 — 1920*. Teresina: UFPI /APL.
- OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. BUCO, Cristiane. IGNÁCIO, Elaine (2009). *No rastro da Maniçoba: Trilha Interpretativa da Fazenda Jurubeba*. In: FUMDHAMENTOS n. VIII. São Raimundo Nonato: dezembro. p. 124 a 132.
- RIBEIRO, Manoel Paes (s/d). *Um menino do mato*. Brasília: Horizonte Indústrias Gráficas.

Gestão e socialização de sítios arqueológicos de arte rupestre

Getúlio Alípio X. de J. Santos

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do Ceará. Mestrando em Preservação do Patrimônio Cultural

Resumo: O presente trabalho é resultado de algumas reflexões sobre a prática de socialização de sítios arqueológicos. A partir de três exemplos de sítios socializados, pretende-se tecer algumas considerações importantes para as futuras intervenções nos sítios de arte rupestre da área arqueológica de Taparuaba, Sobral — CE.

Palavras chave: Arte Rupestre Gestão Patrimonial Arqueologia Pública Socialização

Abstract: This study is the result of some thoughts on the practice of socializing archaeological sites. Based on three examples of socialized sites, we aim to draw some important considerations for future interventions in the rock art sites of the archaeological area of Taparuaba, Sobral — CE.

Keywords: Rock Art Heritage Management Public Archaeology Socialization

Introdução

A prática da Arqueologia nos últimos anos tem crescido vertiginosamente, e com ela tem-se dado a implantação dos projetos de musealização e socialização de sítios arqueológicos. Pardi (2007: 320) destaca para essa prática no Brasil a existência de três modelos distintos. O primeiro, denominado de “modelo de grande porte”, de dedicação exclusiva ou modelo Niède Guidon, no geral é implantado por organizações não governamentais (ONGs) em parceria com o Estado. É caracterizado pela gestão de médio e longo prazo, apoio financeiro de órgãos públicos e privados, participação efetiva de profissionais de diversas áreas, socialização de centenas de sítios, preservação da paisagem natural e estabelecimento de parcerias científicas nacionais e internacionais. O segundo, classificado como “modelo de médio porte”, é desenvolvido pelo Estado, municípios ou reconhecidos por estes, tem gestão de curto e médio prazo, socialização de dezenas de sítios, recursos financeiro público e privado e apoio periódico de profissionais especializados. O terceiro, designado “modelo de pequeno porte” surge da iniciativa municipal, comunidade local ou pessoa física. A gestão é de curto e médio prazo, tem a socialização de um ou mais sítios, recursos financeiros privados e apoio eventual de profissionais da área.

O presente trabalho vem sendo construído a partir da constatação *in loco* dos referidos modelos de socialização que têm em comum a preservação e divulgação da arte rupestre. A reflexão é realizada sob a perspectiva da arqueologia pública, que procura “compreender as relações entre distintas comunidades e o patrimônio arqueológico” (Bezerra 2010: 168). Pretende-se a partir da análise dos sítios em questão, contribuir para as futuras intervenções de socialização a serem realizadas nos sítios de arte rupestre da área arqueológica de Taparuaba.

1. Modelo de Grande Porte

A palavra socialização de sítios arqueológicos de arte rupestre no Brasil tem o seu significado máximo quando levamos em consideração o Parque Nacional Serra da Capivara, localizado no sudeste do estado do Piauí.

O Parque, criado em 1979, tem uma área de 129 mil hectares e foi reconhecido pela UNESCO em 1991 como Patrimônio Cultural da Humanidade devido ao expressivo acervo de arte rupestre. Possui um cadastro com 1.339 sítios arqueológicos. Destes, 700 são identificados como sítios de arte rupestre estando dentre eles, 142 sítios socializados (Buco 2012).

A infraestrutura existente é composta por estradas de acesso aos sítios,

placas indicativas dos sítios, placas interpretativas dos vestígios arqueológicos, passarelas, guaritas de apoio, centro de visitantes, museus, centro de educação patrimonial, entre outros equipamentos (Fotos 1 e 2).

A gestão do Parque é realizada por meio de um sistema de parceria entre a Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) e o Instituto Chico Mendes da Biodiversidade (ICMBio). Atualmente, a FUMDHAM é responsável pela gestão, fiscalização, manutenção e coordenação das pesquisas desenvolvidas na área no Parque.

Essa forma de gerir o patrimônio arqueológico dispensa elogios quanto à qualidade dos serviços e pesquisas desenvolvidas, mas a manutenção e conservação dos sítios carecem de ações periódicas e investimentos contínuos, a falta de políticas públicas estáveis compromete a continuidade dos projetos.

2. Modelo de Médio Porte

O sítio arqueológico Pedra do Castelo fica situado dentro dos limites do Parque Municipal do mesmo nome, abrange uma área de 260 hectares e dista 20 km da sede do município de Castelo do Piauí. O sítio foi concebido sobre uma formação geológica de composição arenítica, composta por três grandes salões, com pinturas e gravuras rupestres.

As primeiras ações para a conservação dos painéis de arte rupestre foram realizadas em 2003, resultado da parceria firmada entre o IPHAN do Piauí e a Universidade Federal do Piauí, através do Núcleo de Antropologia Pré-histórica (Lage 2009). Mesmo com a excelência dos trabalhos de conservação, a gestão municipal não atendeu às soluções indicadas pela equipe para minimizar os impactos sobre o sítio.

O local é de fácil acesso, mas é carente em estrutura de apoio aos visitantes e o número de guarda-parques é insuficiente para a dimensão do Parque e proteção dos sítios (Figuras 3 e 4).

O Parque não possui condições de receber visitas turísticas sem que comprometa a preservação das pinturas. Faltam delimitações dos espaços externos e internos do sítio, passarelas de acesso, para que sejam evitado o pisoteamento das gravuras localizadas no piso. O espaço carece ainda de iluminação interna, entre outros equipamentos básicos. Por fim, verificamos principalmente que faltam políticas públicas que conciliem as práticas religiosas ainda praticadas no local com a preservação das pinturas e gravuras.



Figs. 1 e 2 Em cima: placa de sinalização do sítio arqueológico Toca do Paraguaio, Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil. Em baixo: passarela de visitação do sítio arqueológico Toca do Paraguaio, Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil. Fotos: Getúlio Alípio.



Figs. 3 e 4 Em cima: vista do sítio arqueológico Pedra do Castelo, Parque Municipal da Pedra do Castelo, Piauí, Brasil. Em baixo: placa informática da lei de proteção dos sítios arqueológicos (IPHAN), Parque Municipal da Pedra do Castelo, Piauí, Brasil. Fotos: Getúlio Alípio.

SANTOS, Getúlio Alípio X. de J. (2014) "Gestão e socialização de sítios arqueológicos de arte rupestre."



Figs. 5 e 6 Em cima: placa informativa com informações de acesso à passarela, Sítio arqueológico de arte rupestre do Albernal, Serra Negra do Norte, Rio Grande do Norte, Brasil. Em baixo: vista da passarela de visualização das gravuras, Sítio arqueológico Albernal, Serra Negra do Norte, Rio Grande do Norte, Brasil. Fotos: Getúlio Alípio.



Figs. 7 e 8 Em cima: Vista da Pedra da Andorinha, Taparuaba, Sobral, Ceará, Brasil. Em baixo: pintura rupestre do sítio arqueológico Bilheira I, Taparuaba, Sobral, Ceará, Brasil. Fotos: Getúlio Alípio.

3. Modelo de Pequeno Porte

O sítio arqueológico Abernal está localizado no município de Serra Negra do Norte, distante 303 km da capital do Estado do Rio Grande do Norte. A socialização do sítio foi concluída em 2013, é resultado da parceria entre a Prefeitura Municipal e a Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Rio Grande do Norte (IPHAN-RN). As ações interventivas consistiram na implantação da passarela de acesso no entorno das gravuras, abertura de trilhas, estrutura de apoio para visitantes e placas informativas (Figuras 5 e 6).

A socialização contemplou um único sítio, com área aproximada de 300m², situado dentro dos limites de uma antiga propriedade rural.

À prefeitura municipal coube responsabilidade do controle das visitas, a vigilância e manutenção do local, além do desenvolvimento de ações de educação patrimonial nas escolas da rede pública.

4. Sítios Arqueológicos de Taparuaba

Taparuaba é um distrito do Município de Sobral, está localizado no Noroeste do estado do Ceará, distante 206 km da capital Fortaleza e tem atualmente 41 sítios registrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos — (CNSA) destes, 32 pertencem à área arqueológica de Taparuaba (Leite; Pedroza 2013).

Os sítios estão situados dentro do limite de propriedades rurais, o acesso é feito por estradas vicinais e/ou trilhas em meio à vegetação. As pinturas e gravuras foram produzidas basicamente na superfície das formações rochosas de composição granítica. Os painéis pintados são predominantemente na cor vermelha e as gravuras produzidas com o emprego da técnica de picotagem ou abrasão (Figuras 7 e 8).

O grande potencial arqueológico existente na área aponta para a necessidade de parcerias entre os moradores locais, centros de pesquisas, Prefeitura Municipal, Governo do Estado e IPHAN, para o estabelecimento de normas que dinamizem a utilização do patrimônio de forma consciente e duradoura. O modelo de gestão adequado para área arqueológica de Taparuaba, preliminarmente se enquadraria na gestão de médio ou pequeno porte, mas só com o avanço das pesquisas será possível tal afirmação.

Conclusão

O processo de socialização dos sítios arqueológicos transpassa a condição de estruturar e abrir à visitação pública, “as atividades necessitam ser desenvolvidas no bojo de políticas bem definidas que reflitam pacto social entre União, Estado, município, empresa e cidadão, por meio de gestão” (Pardi, 2007: 319).

Os exemplos mencionados demonstram que não existe uma única forma para gerir e preservar o patrimônio arqueológico, mas existem etapas que devem ser cumpridas, valores que devem ser respeitados e metas a serem cumpridas.

Algumas considerações são relevantes para a prática da socialização, o projeto tem que ser executado na íntegra e contemplar todas as fases da estruturação do sítio, dentre as quais as ações de educação patrimonial permanente, capacitação dos gestores, funcionários e colaboradores, principalmente, dispor de recursos fixos para a conservação e manutenção dos sítios arqueológicos.

O futuro do patrimônio arqueológico depende de soluções inovadoras, parcerias com instituições públicas, privadas, e principalmente, o engajamento dos pesquisadores e populações locais, para o desenvolvimento de projetos de sustentabilidade ligados a preservação do patrimônio.

Referências

- BEZERRA, Márcia (2010). O projeto de Educação Patrimonial. In: NAJJAR, Rosana. (Org.). *Arqueologia no Pelorinho*: 165-184. Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta.
- BUCO, Elizabete (2012). Proteção e conservação de sítios arqueológicos no Parque Nacional Serra da Capivara. In: FIGUEIREDO, Sílvio Lima;, Edithe PEREIRA & Márcia BEZERRA, (Org.). *Turismo e Gestão do Patrimônio Arqueológico*: 91-100. Belém, PA: IPHAN.
- IPHAN-RN. *Projeto de socialização de Sítio Arqueológico*. [Consult. 2014-03-20] Disponível em: < URL: <http://defender.org.br/noticias/nacional/iphan-rn-apresenta-projeto-de-socializacao-de-sitio-arqueologico> >
- LAJE, Maria Conceição Soares Meneses, Silva, Jacionira Coelho SILVA; Sônia Maria Campelo MAGALHÃES; Luís Carlos Duarte CAVALCANTE & Livia Martins Lorena FERRARO (2009). A Restauração do Sítio Arqueológico Pedra do Castelo. *Revista Cio Arqueológica*, 24 (2): 67-82. [Consult. 2014-01-27] Disponível em: < URL: www.ufpe.br/cioarq/images/documentos/V24N2.../2-lage_et_al.pdf >
- LEIT, Marinete & Igor PEDROZA (2013). *Diagnóstico, mapeamento e documentação visual dos sítios de arte rupestre de Taperauaba, Sobral-CE*. Fortaleza.
- PARDI, Maira Lúcia Franco (2007). A preservação do patrimônio arqueológico e o turismo. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. 33: 305-336 Brasília: IPHAN. [Consult. 2014-01-02]. Disponível em <URL: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1097> >

Uma análise reflexiva sobre a educação do Brasil Colonial

Adriano Araújo Lima

Maria das Graças Tavares Silva

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a educação do Brasil no período colonial. Dentro desta perspectiva procuramos abordar os fatos através das fontes históricas que versam seu contexto, histórico, social, político e religioso. Para tanto, faremos uma articulação a partir da política colonizadora, cujo objetivo era transformar a colônia brasileira em uma cultura ocidental cristã e de língua portuguesa.

Abstract: This work has for objective to analyze the education of Brazil during the colonial period. Within this perspective sought to address the facts through the historical sources that discuss its context, historical, social, political and religious. To do so, we will make a joint from the colonization policy, whose goal was to transform the Brazilian colony in a Western Christian culture and Portuguese language.

Palavras chave: Educação Brasil Colonial Cultura Companhia de Jesus

Keywords: Education Colonial Brazil Culture Society of Jesus

Introdução

Este artigo vem mostrar o princípio da educação brasileira sobre as bases de uma cultura transplantada. As primeiras relações entre Estado e Educação Iniciaram-se pelos Jesuítas da Companhia de Jesus que vieram para o Brasil com o objetivo de catequizar os índios, levando a eles princípios de fé e a religião cristã.

Diante de um passado permeado por muitos obstáculos e discriminações, fizemos esse recorte do princípio da educação no Brasil no intuito de percebermos à importância de se levar em conta tudo que se viveu e lutou em nome da educação. Para tanto, faremos uma articulação a partir de uma política colonizadora, cujo objetivo era transformar a colônia brasileira em uma cultura ocidental cristã e de língua portuguesa. Os anseios por novos paradigmas para a educação sempre se fizeram presente, portanto, espera-se com este estudo que nenhuma pessoa fique à margem da educação por conta de quaisquer minorias que seja.

Trazer à tona as mazelas sofridas por um povo que em busca de melhores condições de vida via na educação uma ruptura para sair da condição de explorados, nos remete analisar a sociedade da época sobre a égide de uma sociedade patriarcalista. Como mostra o livro Casa Grande e Senzala de Gilberto Freire, nos diz que: a formação da família brasileira se assentava sob o regime da economia patriarcal, uma nova sociedade estava surgindo, agrária, escravocrata e híbrida (Freire 2003).

1. Primeiros passos da Educação no Brasil

A introdução da educação no Brasil colonial passou por três fases distintas: a de predomínio dos jesuítas; a da reforma pombalina e a de D. João VI quando trouxe a corte para o Brasil. A chegada dos Jesuítas no Brasil em 1549 que era constituída segundo Saviani “por quatro padres e dois irmãos chefiados por Manuel da Nóbrega” deu início ao processo de ensino e catequese. Como nos afirma Saviani:

Para atender a esse mandato, os jesuítas criaram escolas e instituíram colégios e seminários que foram espalhando-se pelas diversas regiões do território. Por essa razão considera-se que a história da educação brasileira se inicia em 1549 com a chegada desse primeiro grupo de jesuítas. (Saviani 2011: 26.)

Nesta época a igreja católica via-se ameaçada pela quebra de sua supremacia, a Reforma Protestante que rondava toda a Europa. Sendo assim, nesse jogo de interesses políticos, Portugal via na educação um meio de submissão e de domínio político com a difusão do ensino jesuítico. “E assim se iniciou a educação no Brasil, respondendo aos interesses políticos da metrópole e aos objetivos religiosos da Companhia de Jesus” (Werebe 1997, apud. Almeida e Teixeira 2000: 3).

A igreja exercia grandes poderes sobre a sociedade colonial, no entanto, era conveniente que todos a seguissem e não contrariasse sua hegemonia. Foi então que a ordem religiosa da Companhia de Jesus implantou seu método de ensino, intitulado *Ratio Studiorum*, com o objetivo de cativar os nativos.

Seu foco foi os aldeamentos indígenas onde o público-alvo foi às crianças, onde, através da música seu principal recurso metodológico conseguia introduzir a fundo sua cultura. Portanto, os nativos (índios) eram simpatizados pelos padres da Companhia de Jesus (Jesuítas), mas por serem nômades e de costumes rudimentares houve a necessidade de catequizá-los. Assim pela propagação da fé os jesuítas da Companhia de Jesus iriam conseguindo seus objetivos e dando início a uma educação alienante e elitizada. Saviani nos alerta sobre isso mostrando que era esse objetivo a ser empreendido na colônia onde ele nos mostrar que:

O processo de colonização abarca, de forma articulada mas não homogênea ou harmônica, antes dialeticamente, esses três momentos representados pela colonização propriamente dita, ou seja, a posse e exploração da terra subjugando os seus habitantes (os íncolas); a educação enquanto aculturação, isto é, a inculcação nos colonizados das práticas, técnicas, símbolos e valores próprios dos colonizadores; e a catequese entendida como difusão e conversão dos colonizados à religião dos colonizadores (Saviani 2011: 29).

Durante o período colonial foi feita uma política colonizadora, de uma cultura que se sobrepôs sobre a cultura nativa discriminando e excluindo, porém muitos traços culturais dos nativos ainda sobrevivem até hoje fazendo parte da nossa identidade e da memória, e que devemos preservar as nossas raízes valorizando e transmitindo aos nossos sucessores Como nos afirmar Costa:

A evangelização aparece sem rodeios, no sentido de que era uma cultura que necessariamente deveria se impor à outra e, nesse processo, a desqualificação da cultura tida como errada era uma tarefa que se impunha. A educação do gentio era, a rigor, a imposição da cultura branca, da religião cristã com todos os seus adereços (Costa 2002: 5).



Fig. 1 Santa Missa realizada no Maranhão — Século XVII. Fonte: D'Abbeville (2002: 106).

A história da educação no Brasil foi marcada por essa imposição na cultura do nativo, onde foi violentado os seus costumes e imposto uma educação que era para dominar, e não foram só os nativos, mas também as pessoas que não tinham condições para manter uma educação ficavam excluídas do processo educacional para Romanelli “era, portanto, a um limitado grupo de pessoas pertencentes à classe dominante que estava destinada a educação escolarizada” (Romanelli 2010: 33).

Com a vinda do padre de Manuel de Nobrega para a colônia deu-se início a primeira fase da educação jesuítica onde Nobrega elaborou o plano de instrução que começava com o aprendizado do português para nativos e a inculcação da doutrina crista, a escola de ler e escrever, a gramática latina, porém “esse plano não deixava de conter uma preocupação realista, procurando levar em conta as condições específicas da colônia” (Saviani 2011: 43). Porém, a aplicação desse plano foi logo questionado pela própria ordem jesuítica que depois foi substituído pelo plano geral de estudos elaborado pela companhia de Jesus e consolidado no Ratio Studiorum.

O ensino na colônia foi organizado por esses intelectuais que usaram a seguinte estratégia com o objetivo de conquistar os gentios, começaram a agir sobre as crianças e para isso segundo Saviani (2011), mandaram vir crianças órfãos de Lisboa e com isso fundaram o colégio dos meninos de Jesus da Bahia e depois o colégio dos meninos de Jesus de São

Vicente, através das crianças brancas os padres pode atrair as crianças dos indígenas, pois isso possibilitava uma proximidade com os pais deles e principalmente com os caciques convertendo toda a tribo a fé cristã.

Conclusão

Com o crescente avanço do protestantismo na Europa a Igreja Católica começou a agir criando a ordem dos jesuítas com o intuito de combater os inféis e protestantes, eles possuíam uma formação sólida e um cabedal cultural muito amplo, seguia um disciplina militar e davam grande importância ao ensino no período colonial, eles tiveram o monopólio das instituições de ensino em diversas regiões do Brasil cujo objetivo era inculcar a ideologia católica nos povos indígenas.

A política colonizadora dos portugueses alcançou os seus objetivos juntamente com o apoio dos jesuítas, que com o ensino conseguiu domesticar os indígenas com o seu sistema educacional, pois isso era do interesse da metrópole que os índios fossem catequizados os padres se adaptaram muito bem ao modo de vida dos nativos, aprendendo a sua língua nativa e introduzindo os seus valores e costumes cristãos.

Mas, o grande objetivo da companhia de Jesus era a aceitação dos gentios a sua fé católica, a priori criaram escolas de ler e escrever as crianças indígenas eram o alvo principal, pois através delas, os padres organizaram melhor a língua nativa e com isso a obra evangelizadora crescia as crianças indígenas foi o principal eixo da obra missionária no Brasil colônia.

Referências

- ALMEIDA, Jerusa da Silva Gonçalves. TEXEIRA & Gilson Ruy MONTEIRO (2000). A educação no período colonial: o sentido da educação na dominação das almas. *Trilhas*, 11. Belém. Disponível em <URL: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/5.pdf>
- COSTA, Celio Juvenal. (2002). *A educação no Brasil colônia: pelo fim da visão Iluminista da História*. 2002. [Consult. 2014-04-30]. Disponível em <URL:http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Celio_Juvenal_Costa_artigo.pdf>
- D'ABBEVILLE, Claudio. (2002). *História da missão dos padres capuchinhos — Na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças*. São Paulo: Siciliano.
- FREIRE, Gilberto (2003). *Casa-grande & senzala*. 48ª edição, Global Editora. [Consult. 2014-04-26] Disponível em <URL http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/freire_gilberto_casa_grande_senzala.pdf>
- SAVIANI, Dermeval (2011). *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3ª Ed. Campinas/SP: Autores Associados.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira (2010). *História da Educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Behind a 'NoSQL' approach in the development of a bibliography 'captabase' for rupestrian imagery

Ludwig Jaffe
Mila Simões de Abreu
Cris Buco
Maxim Jaffe

Projeto 4 Dimensões, Coronel José Dias, Piauí (Brasil) Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Unidade de Arqueologia, (Portugal) Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD), Vila Real (Portugal)

E-mail: project4dimension@gmail.com

Resumo: Este artigo revela os principais componentes que estão por trás de uma aplicação web para um chamado 'captabase' bibliográfico, bem como fornecer informações sobre os termos técnicos e outras palavras menos comuns.

Abstract: This paper discloses key components that lie behind a web application for a bibliographic 'captabase', as well as providing information about strange terms and other unusual words.

Palavras chave: NoSQL bibliografia 'capta' 'captabase' rupestre imagens

Keywords: 'NoSQL' bibliography 'capta' 'captabase' rupestrian imagery

Data Base

The I Congress on “Global Heritage Management” (24–25 February 2014, Auditório do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, São Raimundo Nonato, Piauí, Brazil), provided an opportunity to present a web application entitled “Bibliografia da Serra da Capivara”. This paper discloses an array of constituent components that lie behind this bibliography ‘captabase’, as well as providing information about strange terms and other unusual words.

Words and meaning

‘When I use a word,’ Humpty Dumpty said, in rather a scornful tone, ‘it means just what I choose it to mean — neither more nor less.’ — Lewis Carroll, *Through the Looking Glass, and What Alice Found There* (1872) (CARROLL 1917, 99)

What is NoSQL?

SQL is an acronym for Structured Query Language (GENNICK 2010), a programming language for managing information held in a ‘Relational Database Management System’ (RDBMS) (CODD 1970). In 1998, Carlo Strozzi coined the somewhat provocative term, NoSQL (HAUGEN 2010). Over a decade later, in June 2009, Johan Oskarsson and Eric Evans reused the NoSQL term (EVANS 2009, ROE 2012) to refer to the rapidly multiplying number of distributed, non-relational systems that generally do not conform to the four features of traditional relational database systems: atomicity, consistency, isolation, durability (ACID) (CHAPPLE 2014). Strozzi quips that the new NoSQL movement should have been called ‘NoREL’ (STROZZI 2010).

About capta

“Not data but capta.”
— Christopher Chippindale

The word ‘capta’ was possibly first coined in 1991 when Christopher Chippindale argued the correctness of that word in an editorial of *Antiquity* (CHIPPINDALE 1991, 442).

The word was adopted or re-coined by Peter Checkland and Sue Holwell in the book, *Information, Systems and Information Systems: Making Sense of the Field* (CHECKLAND and HOLWELL 1997). For Checkland and Holwell, data represents all those masses of facts, observations and concepts that exist in the universe. Once data are captured as part of an information system, a conversation or any kind of interaction, they become capta.

In 2000, Chippindale returns to the the defense of the term in an article of *American Antiquity*, *Capta and Data: On the True Nature of Archaeological Information* (CHIPPINDALE 2000):

“(…) they are practically never given to us by the archaeological record. They are actually capta, things that we have ventured forth in search of and captured (…)

Rupestrian advocacy

In 1989, members of the Cooperativa Archeologica «Le Orme dell’Uomo» advocated the term “rupestrian archaeology” to describe an archaeological approach to such material (FOSSATI 1997).

Dictionary definitions show this use of the word, rupestrian, to be appropriate (Rupestrian 2014):

(Of art) done on rock or cave walls.
late 18th century: from modern Latin *rupestris* ‘found on rocks’ (from Latin *rupes* ‘rock’)

Why imagery?

Why the word, imagery? Dialog with indigenous people in North America found that they were uncomfortable with the word “art” as a description for the creations of their ancestors, preferring the word imagery (DEAN 2006, 10–11).

The use of the word art is something I have a particular beef about, and this comes directly from the folks that I work with. The tribal elders in the region where I live in the Pacific Northwest asked me not to use that term, because they find it offensive. That is the case elsewhere, although dislike of the term is not universal. Personally, I am uncomfortable with the word art for this type of work and use the term imagery instead, partly in deference to my elders but also because my work has taught me that there is something else here. — J. Claire Dean

Tables and trees

Established relational models have rigid table-like structures. So-called ‘document-oriented’ frameworks tend to be tree-like or hierarchical and better suited to semi-structured information. Consequently, methods for querying and retrieving information from such systems differ from those requiring a relational approach.

XML and JSON

Two widely adopted standard formats or encodings characterize semi-structured information: XML (Extensible Markup Language) (HAROLD and MEANS 2004) and JSON (JavaScript Object Notation) (CROCKFORD 2008).

```
<personname>                               {
  <firstname>Aziz</firstname>              "personname": {
  <surname>Ab'Saber</surname>              "firstname": "Aziz",
</personname>                              "surname": "Ab'Saber"
                                           }
                                           }
```

A fragment of XML

A fragment of JSON

Before XML and JSON

Long before XML, at IBM (International Business Machines), Charles Goldfarb, Edward Mosher and Raymond Lorie developed GML (Generalized Markup Language), an acronym Goldfarb invented by using their surname initials (ANDERSON 2001). Goldfarb acknowledges the credit due to William Tunncliffe’s inspiration presentation about the separation of information content of documents from their format (GOLDFARB 1997). A descendant of GML emerged, a complex specification called SGML (Standard Generalized Markup Language). SGML was the starting point for a simpler implementation, HTML (HyperText Markup Language). In the summer of 1991, while working at CERN (formerly, Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire), Tim Berners-Lee released the first web server, which disseminated specifications of HTML (BERNERS-LEE 1998).

Why XML

Developers soon found the much welcomed simplicity of HTML rather limiting, so leading to XML and XHTML (Extensible HyperText Markup Language) (ROBBINS 2010). Like SGML, XML allows for the separation of presentation and content. Besides its suitability for automated processing, XML is relatively readable by humans when neatly indented. This is can be vital when automated or proprietary systems fail to retrieve required information. As always, whatever systems are in use, it is prudent to make backups, saving or exporting the capta as XML formatted text.

Querying XML

Just as SQL was designed for relational structures, SGML had DSSSL (Document Style Semantics and Specification Language) and XML has several: XPath (XML Path Language) and XPointer (XML Pointer Language) (SIMPSON 2002), XSLT (Extensible Stylesheet Language Transformations) (TIDWELL 2008) and XQuery (WALMSLEY 2007).

XSLT and XForms

The authors presented proof of concept applications deploying XSLT and XForms (XML Forms) at meetings of the British Rock Art Group, one talk entitled “Databases Without Databases for the World of Rock Art” (JAFFE 2007), the other, “Captabases without Captabases for Rupestrian Imagery” (JAFFE 2010). XForms is another member of the XML family that has methods to parse XML documents, update chosen elements and insert new ones (DUBINKO 2003).

XQuery

The XQuery language is designed so that queries are concise and easily understood; the language includes methods for updating XML documents and inserting new nodes. Implementations such as eXist-db (EXIST-DB 2014) provide further tools to create new documents and the integrated web server delivers the means to present results of the queries.

DocBook

There are numerous XML schemes. Rather than reinventing the wheel with yet another markup arrangement, efforts focused on finding an established well-documented project that best suited the development aims. DocBook was a good match (WALSH 2010) as it has a plethora of open source tools to transform DocBook XML to other formats such as PDF and HTML using the tools like the Velocity DocBook framework (D'ABREO 2007).

Bibliography of the Serra da Capivara, Piauí, Brazil

Studies on a 'NoSQL' approach in the development of a bibliography 'captabase' for rupestrian imagery has been quietly advancing for several years, but last year an opportunity arose to create a working implementation. The project tested two of the most promising possibilities: BaseX (BASEX 2014) and eXist-db. Despite its features and compact distribution size, BaseX seemed unstable, so eXist-db became the development platform.

Initial content consisted of a bibliography written in a LibreOffice ODT file compiled by two researchers, Cristiane Andrade Buco and Mila Simões de Abreu. Entries were formatted in a slightly modified Chicago Manual of Style (CMOS) author-date style (UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS STAFF 2010). There was much duplicated information, so Maxim Simões de Abreu Jaffe cut this to an essential list of author(s)-date entries and used the regular expressions (STUBBLEBINE 2007) integrated in search and replace function of LibreOffice to semi-automatically transform entries to DocBook XML. This he saved as plain text and transformed it using an XSLT (Extensible Stylesheet Language Transformations) style sheet to 799 separate files, ready for upload to the eXist-db web application entitled "Bibliografia da Serra da Capivara".

References

ANDERSON, Tim (2001). *The XML Revolution. An interview with Charles Goldfarb. The XML Handbook*. [Consult. 4.04. 2014.]. Disponível em <URL: <http://www.xmlhandbook.com/press/anderson.htm> >

BASEX. (2014). *BaseX | The XML Database*. [Consult. 11.05.2014.].

Disponível em <URL: <http://basex.org/>>

BERNERS-LEE, Tim (1998). *The World Wide Web: A very short personal history. People of the W3C*. [Consult. 07.05. 2014.]. Disponível em <URL: <http://www.w3.org/People/>

Berners-Lee/ShortHistory.html.
CARROLL, Lewis (1917). *Through the Looking Glass, and What Alice Found There*. 232p, 99. Chicago: Rand McNally. [Consult. 11.05. 2014.]. Disponível em <URL: <https://ia600309.us.archive.org/17/items/throughlookinggl00carr7/throughlookinggl00carr7.pdf>>
CHAPPLE, Mike (2014). *The ACID Model. About Databases*. [Consult. 12.05.2014.]. Disponível em <URL: <http://databases.about.com/od/specificproducts/a/acid.htm>.
CHECKLAND, Peter, and Sue HOLWELL (1997). *Information, Systems and Information Systems: Making Sense of the Field*. 278p. Chichester: John Wiley.
CHIPPINDALE, Christopher (1991). Editorial. *Antiquity*, 65 (248): 439-446.
CHIPPINDALE, Christopher (2000). *Capta and Data: On the True Nature of Archaeological Information. American Antiquity*, 65 (4): 605-612.
CODD, E. F. (1970). A Relational Model of Data for Large Shared Data Banks. *Communications of the ACM*, 13 (6):377-387. [Consult. 11.05.2014.]. Disponível em <URL: <http://www.seas.upenn.edu/~zives/03f/cis550/codd.pdf>.
CROCKFORD, Douglas (2008). *JSON. JavaScript: The Good Parts*. 172p, 136-145. Sebastopol: O'Reilly Media.
D'ABREO, Lara (2007). *DocBook: Write Once, Read Anywhere Documentation. Java Zone*. [Consult. 11.05.2014.]. Disponível em <URL: <http://www.devx.com/Java/Article/35301>.

DEAN, J. Claire (2006). Preserving a Worldwide Heritage: A Discussion about Rock Art Conservation. *Conservation Perspectives, The GCI Newsletter*, 21 (3):10-15. [Consult. 11.05.2014.]. Disponível em <URL: http://www.getty.edu/conservation/publications_resources/newsletters/pdf/v21n3.pdf.
DUBINKO, Micah (2003). *XForms Essentials*. 240p. Sebastopol: O'Reilly Media.
EVANS, Eric (2009). *NOSQL 2009*. Eric Evans' Weblog. [Consult. 12.05.2014.]. Disponível em <URL: http://blog.sym-link.com/2009/05/12/nosql_2009.html.
EXIST-DB (2014). *eXist-db Open Source Native XML Database*. [Consult. 11.05.2014.]. . <http://exist-db.org/exist/apps/homepage/index.html>.
FOSSATI, Angelo (1997). *Rupestrian Archaeology. Tracce - Online rock art bulletin*, 6. 8 January. [Consult. 11.05.2014.]. Disponível em <URL: <http://www.rupestre.net/tracce/?p=1161>.
GENNICK, Jonathan (2010). *SQL Pocket Guide*. 3rd ed. 206p. Sebastopol: O'Reilly Media.
GOLDFARB, Charles F. (1996). *The Roots of SGML - A Personal Recollection*. Charles F. Goldfarb's SGML Source Home Page. [Consult. 04.04.2014.]. <http://www.sgmlsource.com/history/roots.htm>.
HAROLD, Elliotte Rusty, and W. Scott MEANS. 2004. *XML in a Nutshell*. 714p. Sebastopol: O'Reilly Media.

- HAUGEN, Knut (2010). *A Brief History of NoSQL. All About the Code*. 16 March. [Consult. 11.05.2014.]. Disponível em <URL: <http://blog.knuhaugen.no/2010/03/a-brief-history-of-nosql.html>>.
- JAFFE, Ludwig (2007). *Databases Without Databases for the World of Rock Art*. Conference of the British Rock Art Group, entitled, World of Rock Art, May 5–6. University of Cambridge McDonald Institute for Archaeological Research, Cambridge, UK. (presentation).
- JAFFE, Ludwig (2010). *Captabases without Captabases for Rupestrian Imagery*. Meeting of the British Rock Art Group, May 8. University of Cambridge McDonald Institute for Archaeological Research, Cambridge, UK. (presentation).
- Oxford Dictionaries. (2014). *Rupestrian*. Oxford Dictionaries. Rupestrian Oxford: Oxford University Press. [Consult. 11.05.2014.]. Disponível em <URL: <http://www.oxforddictionaries.com/us/definition/english/rupestrian> (11 May 2014)>.
- ROBBINS, Jennifer Niederst (2010). *HTML & XHTML Pocket Reference*. 192p. Sebastopol: O'Reilly Media.
- ROE, Charles 2012. *NoSQL or NoREL? A Short Account of Taxonomic Development. Learn Data Management at DATAVERSITY*. [Consult. 51.02.2014.]. Disponível em <URL: <http://www.dataversity.net/nosql-or-norel-a-short-account-of-taxonomic-development/>>.
- SIMPSON, John E. (2002). *XPath and XPointer: Locating Content in XML Documents*. 210p. Sebastopol: O'Reilly Media.
- STROZZI, Carlo (2010). *NoSQL. A Relational Database Management System*. NoSQL Relational Database Management System. [Consult. 04.04.2014.]. Disponível em <URL: http://www.strozzi.it/cgi-bin/CSA/tw7/1/en_US/NoSQL/>.
- STUBBLEBINE, Tony (2007). *Regular Expression Pocket Reference*. 128p. Sebastopol: O'Reilly Media.
- TIDWELL, Doug (2008). *XSLT, Second Edition*. 990p. Sebastopol: O'Reilly Media.
- UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS STAFF 2010. *The Chicago Manual of Style*, 16th edition. Chicago: Chicago University Press.
- WALMSLEY, Priscilla (2007). *XQuery*. 512p. Sebastopol: O'Reilly Media.
- WALSH, Norman (2010). *DocBook 5: The Definitive Guide*. 552p. Sebastopol: O'Reilly Media.

Comunidade e Patrimônio Natural: algumas experiências do Quênia

Maxim Simões de Abreu Jaffe
Mila Simões de Abreu

*Projeto 4 Dimensões, Coronel José Dias, (Piauí)

E-mail:
maxim_jaffe@hotmail.com

**Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Departamento de Geologia, Unidade de Arqueologia, Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, Vila Real, Portugal

E-mail:
msabreu@utad.pt

Resumo: Partimos num “safari” virtual através de vários patrimônios naturais do Quênia como os lagos do Vale do Rife, a floresta tropical úmida Kakamega, as savanas do Maasai Mara entre outros. Em cada “paragem” observamos a grande diversidade de experiências nas interações das comunidades com estes patrimônios, em assuntos como o turismo, a extração florestal e a agropecuária. Estas experiências, tanto positivas como negativas, podem servir de exemplo ou de aviso para a relação entre comunidade e patrimônio natural noutros locais do mundo.

Palavras chave: Quênia Áreas Protegidas
Parques comunidade

Abstract: A virtual “safari” through various natural heritage of Kenya as the lakes of the Rift Valley, the Kakamega rainforest, savannas of the Maasai Mara among others. At each we “stop” observed the great diversity of experiences in interactions of communities with these assets, on issues such as tourism, agriculture and forestry extraction. These experiences, both positive and negative, can serve as an example or warning to the relationship between community and natural heritage elsewhere in the world.

Keywords: Kenya Parks community

Introdução

Localizado na parte oriental da África, cortado pela linha do equador, o Quênia é mundialmente conhecido pela beleza das suas extraordinárias paisagens e a enorme abundância de animais selvagens, entre aos quais de destacam os chamados “Big 5” (cinco grandes: leão, elefante, búfalo-africano, leopardo e rinoceronte). País de contrastes entre a costa, banhada pelo Índico e o interior, onde se elevam altas montanhas como o Monte Quênia, zonas de planície e territórios nas margens de dois dos maiores lagos africanos, o Victoria e o Turkana. Não admira pois que seja o destino escolhido todos os anos por mais de 5 milhões de turistas e que depois da produção agrícola, que inclui produtos como o chá o café e as frutas o turismo seja a segunda maior fonte de riqueza do país. Alguns habitantes indígenas como os famosos Maasai tem uma vida semi-nômada ligada à criação de gado, embora cada vez mais a população se concentre a volta de grandes cidades como Nairobi.

Preservação do ambiente e da vida selvagem, agricultura, pastorícia, mega-cidades parecem ser factores quase antagônicos. O turismo tem sido ponto de união entre estes diferentes factores e permite hoje a muitos quenianos terem uma vida melhor sem por em perigo o patrimônio ambiental. O uso sustentável de recursos ambientais é outro modo de conciliar desenvolvimento humano e preservação desse patrimônio. Um dos autores (MJ) teve ocasião de participar por algumas semanas numa visita de um grupo de estudantes universitários britânicos onde pode constatar essas relações.

Para proteger este imenso patrimônio existem hoje 27 parques nacionais, 34 reservas nacionais e 4 refúgios nacionais protegidas pelo órgão governamental KWS (Kenya Wildlife Service). Várias destas áreas são listadas como Patrimônios Mundiais pela UNESCO, encontram-se dentro de reservas MAB da UNESCO (Anonymous, 2002) assim como pela Convenção RAMSAR. Na base de dados de Neste artigo selecionamos algumas destas áreas para discutir a relação entre patrimônio natural e comunidade.

Savanas e Matas Ciliares de Samburu e Buffalo Springs

Localizadas nas duas margens do rio Ewaso Ng'iro ficam a 350km da capital. Samburu é uma área famosa por ter sido a “casa” onde a leoa “Elsa” famosa pelo filme *Born Free* (uma leoa chamada Elsa) foi criada por Joy e Admonson. Hoje para além dos leões e chitas a zona é especialmente visitada para ver os elefantes e búfalos. Para comprovar a biodiversidade de Samburu basta dizer que tem 350 espécie de pássaros diferentes. Buffalo Springs como o seu



Fig. 1 Uma imagem de contrastes: uma girafa no Parque Nacional de Nairobi com grandes arranha-céus da capital no horizonte; direita zebras e acácias no Maasai Mara; Alojamentos na proximidade de um dos parques. (Créditos nos links)

Fig. 2 Mapa dos principais Parques e reservas do Quênia. Exemplos de alojamentos nas proximidades dos parques. Alojamentos na proximidade de um dos parques (Créditos nos links)

nome indica é uma zona com muita água onde os búfalos e outros animais aquáticos são particularmente abundante.

Durante a visita já referida de um dos autores, ficou muito claro como o turismo pode ser um forte gerador de renda econômica, prova disso sendo um luxuoso “safari lodge” com “bungalows” privados, refeições requintadas, biólogo residente para tirar dúvidas e várias atividades como caminhadas pela natureza, observação de pássaros e apresentações de músicas e danças tradicionais. Era evidente que uma quantidade substancial de empregos era gerada, embora grande parte exigiam um certo grau de qualificação. Este hotel é parte de uma cadeia chamada *Serena Hotels*, com hotéis em vários países africanos e asiáticos que permitem ter um conforto luxuoso em contextos ambientais e culturais extremamente ricos. No entanto devemos notar que este lodge junto com outros da região sofreram danos durante severas inundações em 2010, e ainda não existe previsão de reabertura. Não sabemos exatamente como isto possa ter afetado a economia local mas provavelmente terá tido um impacto negativo.

Lagos Nakuru, Bogoria, Baringo do Vale do Rift

Os lagos do Vale do Vale do Rift são importantes patrimônios ambientais, entre os quais os lagos Nakuru, Bogoria e Elementeita são listados como Patrimônio Mundial pela UNESCO e junto com os Lagos Bogoria e Naivasha são listados como sítios pela Convenção RAMSAR. Os lagos salinos Nakuru, Bogoria e Elementeita (“soda lakes”) são conhecidos pelo espetáculo proporcionado por milhões de flamingos de tingem de rosa as águas. Esta cadeia de lagos ao longo do Vale Rift são ricos em espécies de aves e são habitados por várias espécies de mamíferos.

O lago Nakuru e a cidade vizinha do mesmo nome é um exemplo impressionante de como populações grandes (400 mil habitantes, 4ª maior cidade do país) e em rápido crescimento (considerada pela UN-Habitat em 2011 a cidade com o mais rápido crescimento na África, e quarta do mundo; Cochrane, 2012) podem se encontrar tão próximos de patrimônios naturais. As interações entre a cidade e a área protegida do lago são muitas e tanto mutuamente positivas como o ecoturismo, como mutuamente negativas como a poluição aquática que afeta tanto a biota quanto a população humana.



Fig. 3 Aspectos da floresta Tropical Úmida de Kakamega., densa vegetação e numerosos animais entre os quais numerosos primatas

Fig. 4 Jovens Maasai saltando no Maasai Mara (wikipedia, Bjørn Christian Tørrissen). Tipos de alojamentos de uma simples tenda ao luxo do Samburu Serena Lodge

Floresta Tropical Úmida de Kakamega

Kakamega é único remanescente do ecossistema florestal Guineo-Congolês. Existem na floresta 400 espécies de borboleta, 300 espécies de aves, 27 espécies de cobra, 7 espécies de primata além de 350 espécies de árvore.

A floresta encontra-se sobre três principais regimes de uso: uma área de proteção mais restrita, que permite ecoturismo, gerida pelo KWS, um segunda gerida pelo KFS (Kenya Forest Service) que permite extração de produtos florestais e pastagem e uma terceira gerida por uma missão religiosa (Quakers) semi-privada que permite aos locais regular a extração de produtos florestais (Guthiga & Mburu 2006; Guthiga 2008). Essa variação nos regimes de uso tornam este patrimônio um estudo de caso particularmente interessante para compreender como conciliar preservação do patrimônio com as necessidades das comunidades.

O ecoturismo é bastante explorado através de passeios pela natureza com guias locais, especialmente para observar primatas, aves, borboletas e as várias espécies de árvore. Existe também um acampamento para os turistas ficaram alojadas na floresta. Existe também várias iniciativas de educação ambiental e projetos para promover rendas alternativas que promovam a conservação ambiental organizadas pela KEEP (*Kakamega Environmental Education Programme*), ICIPE (*International Center of Insect Physiology and Ecology*) entre outros parceiros (Anônimo, sem data). Alguns exemplos de renda alternativa são a apicultura, sericultura muitas atividades podiam ser ainda mais desenvolvidas se o acesso ao crédito fosse mais amplo nesse sentido o micro-credito tem sido particularmente importante.

Um dos grandes problemas é a perda de 20% da floresta nas últimas três décadas (Guthiga & Mburu 2006; Guthiga 2008). Uma das iniciativas para combater esta perda é a criação de viveiros de mudas de árvores nativas que tem usos medicinais, alimentícios entre outros, que são entregues para a população local para plantio nas suas próprias terras promovendo tanto a reflorestação como as necessidades das comunidades. O uso eficiente de produtos madeireiros extraídos (fogões ecológicos por exemplo) são outro modo para combater a perda florestal de um modo direto.

Savanas do Maasai Mara

O parque Maasai Mara é talvez o mais conhecido dos mais visitados parques do Quênia. Localiza-se numa parte do Vale de Rift, tem mais de 1.500 m2 tem das maiores concentrações de animais entre os quais se destacam os leões

principalmente enorme nas margens de o rio Mara e na zona de Esoit Oloololo. É conhecido pelas grande migrações de herbívoros, que migram entre o Maasai Mara e o Serengeti na Tanzania.

Para autores como Philip Thresher o valor econômico de um leão vivo é de mais de 50.000 dólares enquanto um morto (caça) incluindo o preço da pele é apenas de 8.500 dólares. Isto demonstra a importância econômica destes animais selvagens ou silvestre, sem sequer entrar nos aspectos de valor patrimonial.

Para o povo Maasai os visitantes da região são uma oportunidade para venda de artesanato inspirado pela fauna e pelos seus costumes e modos de vida. É comum encontrar grandes lojas repletas de artesanato e algumas aldeias Maasai tem recintos específicos só para venda desse artesanato. Os Maasai também cuidam muitas vezes de acampamentos (Robinson, 2013) e alguns acompanham turistas e pesquisadores como guias nas suas saídas em campo.

No entanto não deixam de ter relações antagônicas com o patrimônio natural, especificamente em relação as medidas de proteção desse patrimônio e da indústria turística que a usa. São inclusive considerados nalguns casos "refugiados" por terem sido removidos de terras onde seus antepassados viveram durante gerações após serem designadas como áreas protegidas (Dowie, 2005; Dowie 2010; Narimatsu, sem data). Nas áreas menores em que ficaram restritos as suas atividades agropecuárias tem um impacto maior e em existem casos conflitos com a fauna, como por exemplo danos a lavouras (herbívoros como elefantes) ou manadas (carnívoros). Alguns destes conflitos são evitados através de compensações pelas perdas em troca pela proteção da fauna. Infelizmente muitas destas pressões levam ao êxodo rural dos Maasai.

Referências

ANÓNIMO (s/d). *Kenya Lake System in the Great Rift Valley – UNESCO World Heritage Centre*. [Consult. 2014-05-2]. Disponível em <URL: <http://whc.unesco.org/en/list/1060>>

ANÓNIMO (s/d). *Kakamega Forest Intergrated Conservation Project*. [Consult. 2014-05-2]. Disponível em <URL: <http://www.mnh.si.edu/kakamega/ProjectBkGnd.html>>

ANÓNIMO (2002). *UNESCO – MAB Biosphere Reserves Directory – Kenya*. [Consult. 2014-05-2]. Disponível em <URL: <http://www.unesco.org/mabdb/br/brdir/directory/contact.asp?code=KEN>>

COCHRANE, Douglas (2012). *African Cities: The Experience Of The 21st Century City – Nakuru, Kenya*. *Urban Times*. [Consult. 2014-05-2]. Disponível em <URL: <http://urbantimes.co/2013/06/african-cities-the-experience-of-the-21st-century-city-nakuru-kenya/>>

DOWIE, Mark (2005). Conservation Refugees: When Protecting nature means kicking people out. *Orion Magazine*. 35 (November/December) [Consult. 2014-05-2]. Disponível em <URL: <http://www.orionmagazine.org/index.php/articles/article/161/>>

DOWIE, Mark (2010). Conservation Refugees. CSQ 34-1 (Spring 2010). [Consult. 2014-05-2]. Disponível em <URL: <http://www.culturalsurvival.org/publications/cultural-survival-quarterly/none/conservation-refugees/>>

GUTHIGA, Paul & John MBURU (2006). Local Communities' Incentives for Forest Conservation: Case of Kakamega Forest in Kenya. *Biannual Conference of International Association for the Study of Common Property (IASCP)*, Bali, Indonesia. [Consult. 2014-05-2]. Disponível em <URL: http://dlc.dlib.indiana.edu/dlc/bitstream/handle/10535/356/Guthiga_Paul_Maina.pdf?sequence=1>

GUTHIGA, Paul M. (2008). Understanding Local Communities' Perceptions of Existing Forest Management Regimes of a Kenyan Rainforest. *International Journal of Social Forestry*. 1(2):145-166, Disponível em <URL: http://www.ijfs.org/dat/art/vol01/ijfs_vol1_no2_03_guthiga_kenya.pdf>

NARIMATSU, Julie. (s/d). Environmental Justice Case Study: Maasai Land Rights in Kenya and Tanzania. Disponível em <URL: <http://www.umich.edu/~snre492/Jones/maasai.htm>>

ROBINSON, Oliver (2013). Can the Maasai survive modernity? *CNN Travel*. [Consult. 2014-05-2].

Disponível em <URL: <http://travel.cnn.com/my-first-maasai-094676>>

THRESHER, Philip (s/d) *The economics of a lion*. Roma: FAO. [Consult. 2014-05-2]. [Consult. 2014-05-2]. Disponível em <URL: <http://www.fao.org/docrep/p4150e/p4150e05.htm>>

UDOTO, Paul (2012). Wildlife as a Lifeline to Kenya's Economy: Making Memorable Visitor Experiences [Consult. 2014-05-2]. Disponível em <URL: <http://www.georgewright.org/291udoto.pdf>> (2015)

Links [Consult. 2014-05-2]

http://kenya.safaris.com/screens/camps/borana_room.jpg

<http://kenya.safaris.com/screens/camps/kiwayuroom.jpg>

<http://www.serenahotels.com/default-en.html>

http://kenya.safaris.com/screens/camps/yakanzi_bed.jpg

<http://atlas.media.mit.edu/explore/network/hs/export/ken/all/show/2010/>

<http://www.kakamegarainforest.com/conservation.html>

<http://www.keep-kakamega.or.ke/>

http://www.kws.org/parks/parks_reserves/KNFR.html

<http://www.maasaiwilderness.org/our-programs/conservation/wildlife-protection/>

Um parque para todos...? Acessibilidade inclusiva

Tamyris Rocha Santana Jaffe*

Mila Simões de Abreu**

Tiziana Cittadini***

*Projeto 4 Dimensões

E-mail:
tamyris_rs@hotmail.com

**Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Departamento de Geologia, Unidade de Arqueologia, Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, Vila Real, Portugal

E-mail:
msabreu@utad.pt

***Centro Camuno di Studi Preistorici, Capo di Ponte

E-mail:
tiziana.cittadini@ccsp.it

Resumo: Existem ainda poucos exemplos áreas arqueológicas que tem consideração pessoas com necessidades especiais em todo o Mundo. No caso dos sítios de arte rupestre a oferta é ainda mais reduzida. Dos Sotro Laiolo, em Paspardo na Valcamonica (Itália) foi preparado para ser visitado por deficientes visuais e no Parque Serra Nacional da Capivara, no Piauí foram preparados 17 sítios em 3 trilhas para pessoas com dificuldades motoras. No entanto, pessoas com outras necessidades como a deficiência auditiva ficam ainda marginalizados. Simples ações podem transformar o património rupestre verdadeiramente acessível para todos.

Abstract: There only few examples of archaeological areas prepare to receive people with special needs worldwide. In the case of rock art sites the offer is even further reduced. Dos Sotro Laiolo in Paspardo in Valcamonica (Italy) was prepared to be visited by the visually impaired people and the National Park of Serra da Capivara, Piauí (Brazil) 17 sites on 3 tracks were prepared for people with mobility difficulties. However, people with other needs such as hearing impairment are still marginalized. Simple actions can transform the rock heritage truly affordable for everyone.

Palavras chave: Acessibilidade Valcamónica Serra da Capivara

Keywords: Accessibility Valcamonica Serra da Capivara

Introdução

Quando se fala do patrimônio arqueológico aberto ao público isso raramente corresponde totalmente à verdade, de fato uma parte da população fica quase sempre “de fora”. Infelizmente, ao contrário do que acontece com alguns equipamentos culturais como, por exemplo, os museus e os teatros, a maioria das zonas arqueológicas não podem ser visitadas por alguém que tenha necessidades especiais mesmo moderadas. Não são só os cadeirantes ou pessoas com dificuldades motoras são também, os cegos, deficientes auditivos etc.

Visitantes com necessidades especiais

Temos na verdade dois tipos de visitantes “especiais”: aqueles que o são de uma forma permanente ou aqueles que mesmo que só temporariamente tem esse tipo de dificuldades e que portanto também não podem ser esquecidos.

Assim os dois grupos são:

Permanentes	Temporários
Dificuldades motoras	as gestantes
Deficiência visual	os idosos
Deficiência auditiva	os obesos
Deficiências múltiplas Doenças crônicas	as crianças (especialmente bebês ou muito pequenas)
Outras doenças incapacitadoras	

Em ambos os grupos e nos diversos tipos, o grau de necessidade de apoio pode ser muito diferente consoante o grau de dificuldade.

Por outro lado as “dificuldades” são também de diversos tipos, nomeadamente:

- Barreiras arquitetônicas
- Barreira comunicacional
- Falta de qualificação do pessoal responsável pelo setor

A estas junta-se talvez um aspecto menos visível mas igualmente importante

- Atitude preconceituosa

Esta última tem a que ver tanto com os outros turistas como os habitantes locais como a população em geral. Assim infelizmente ouve-se frequentemente

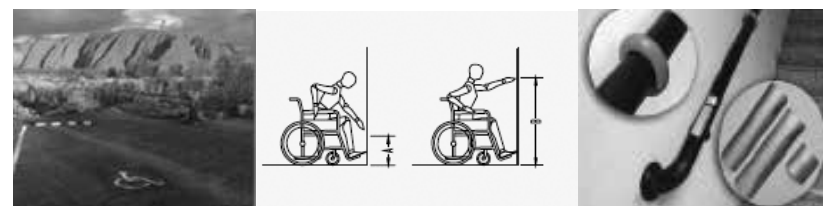


Fig. 1 Exemplo das dificuldades em visitar sítios arqueológicos por cadeirantes (Fontes: ver referência web no fim do artigo)

Fig. 2 Exemplos de ações, soluções e idéias para melhor a acessibilidade dos monumentos. À esquerda: Parque para cadeirantes Uluru, Austrália. Ao centro: medidas de acesso a cadeirantes. À direita: corrimão baillé (Fontes: ver web no fim do artigo)

dizer “é cego ... não pode ver, porque quer ir?” ou “isto não é para crianças...”.

É obvio que mesmo para o visitante normal a condição de cada um deve ser sempre tida em conta e alguns sítios serão sempre reservados aos mais fisicamente preparados. Essa avaliação deve ter também em consideração outros fatores restritivos como, por exemplo, claustrofobia e vertigem fóbicas. Assim ao promover os sítios devia-se alertar os visitantes para a altitude e declive ou, por exemplo, dimensões (altura e largura) no caso de grutas ou abrigos.

As barreiras arquitetônicas

Neste capítulo temos que ter em mente o acesso, o percurso dentro do próprio sítio mas também os equipamentos como estacionamento, banheiros, restaurante, pontos de água etc.

Na maioria das vezes não é necessário instalar estruturas caras, como elevadores, mas apenas melhor o piso, eliminar os degraus, no caso dos cadeirantes ou colocar corrimãos para aqueles que necessitam de mais apoio e segurança.

Essas modificações tem efeitos positivo na deslocação dos idosos, obesos assim como de famílias acompanhadas por bebês ou crianças pequenas, cadeiras de rodas, elétricas ou não, podem estar disponíveis no próprio local para os que podem andar mas não por muito tempo.

A ausência de barreiras, guias no chão, corrimãos táteis, podem ser importantes para os cegos ou deficientes visuais, totais ou parciais. Algumas dessas modificações podem ter efeito muito positivo também para outros utentes os idosos, obesos e gestantes.

Barreira comunicacional

Tal como para o visitante normal a transmissão de informações é essencial para o sucesso de um visita. Assim os painéis devem ter altura correta para os cadeirantes o que pode ser útil também para pessoas de estatura pequena ou crianças. O uso de braille, em placares ou em material disponível (livros-guias, panfletos) pode garantir os cegos totais as informações que necessitam. O tamanho da letra (fonte) pode ajudar na leitura os deficientes visuais parciais, os idosos e mesmo os mais novos. Para os deficientes auditivos totais ou parciais o eventual materiais audio-visual pode ser substituído por material impresso, uso do aro magnético para quem usa aparelhos auditivos e implantes cocleares e por guias que saibam a linguagem gestual ou de “sinais-guias”.

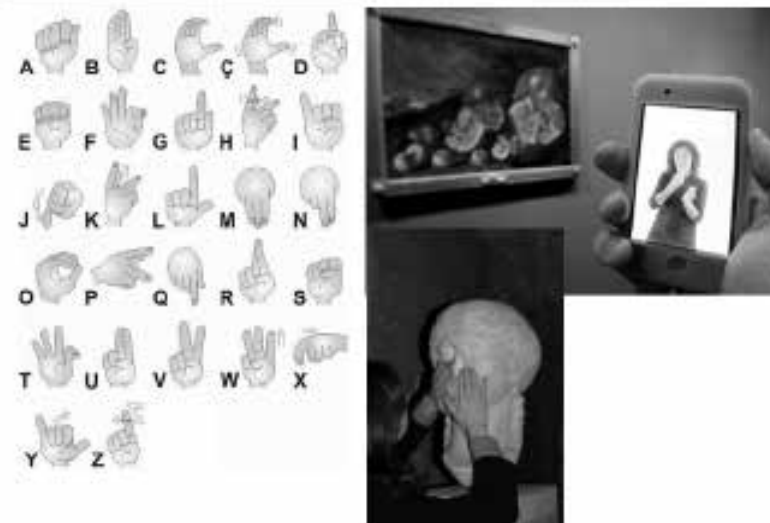


Fig. 3 Alfabeto LIBRAS. Visitando Museus com a ajuda das Auto-guia em Linguagem gestual acessíveis por celular (foto Signogias — Fundacion Orange); Projecto “Maqueta Acessível” dia mundial do Braille (Foto: Museu Nacional Machado de Castro)

Arte rupestre e acessibilidade para todos. A experiência da Valcamónica

A Valcamónica é um vale italiano que fica em Brescia, nos Alpes centrais na região Lombardia. Possui a maior concentração de gravuras rupestres ao ar livre na Europa. Faz desde 1979 parte da prestigiosa lista do patrimônio Mundial da UNESCO.

É possível visitar as rochas gravadas em diversos parques abertos ao público. Num deles, a Reserva Regional de Ceto-Cimbergo-Paspardo, que conta cerca de 400 superfícies decoradas, foi identificada uma área que embora relativamente pequena podia ser adaptada para a visita de invisuais.

A arte rupestre, pela sua própria natureza gráfica, é particularmente difícil de ser apresentada especialmente as pinturas a pessoas que não vêem ou que vêem mal. Na maioria dos casos o toque pode por em perigo em os próprios vestígios. Algumas gravuras são talvez ideais pois com o tato os visitantes cegos podem ter a oportunidade de as “ver”.

A zona de arte rupestre escolhida foi Dos Sotto Laiolo que fica na prefeitura de Paspardo, a cerca de 1000m de altitude. A área foi descoberta em 1984 e foi completamente escavada e levantada (desenhada e fotografada tendo sido identificadas 7 rochas com gravuras rupestres com pouco mais de 600 figuras pertencente a um período que vai da Idade do Ferro à Época Medieval (Abreu *et al.* 1988).

As rochas estão localizadas relativamente próximo uma das outras, numa área plana muito próximas da estrada e dum amplo parque de estacionamento. A intervenção foi projetada e feita sobre a direção de uma de nós (TC) que é arquitecta e é constituída por uma estrutura linear de blocos de granito com cerca de 5 cm de altura que parte do estacionamento e por cerca 80m leva até à zona das rochas. Com a ajuda da bengala (bastão de Hoover) o deficiente invisual pode seguir com toda a segurança e sem ajuda externa o caminho até à zona com arte rupestre. Junto às rochas foram então colocados uns placares metálicos que, para além da reprodução do desenho / levantamento feito diretamente na rocha pelos arqueólogos, tem um texto em baille explicativo do que se vê na rocha. Uma das figuras presentes na superfície rochosa foi reproduzida em relevo (fig. Nº 4 e 5).

A zona é também acessível a cadeirantes e a experiência teve um acolhimento muito positivo por parte dos visitantes .

JAFFE, Tamiris Rocha Santana; ABREU, Mila Simões de & CITTADINI, Tiziana (2014) "Um parque para todos...? Acessibilidade Inclusiva."



REVISTA ALTERIBI, ISSN 2183-2927, Vol. 1 (1): 159-169.

Fig. 4 Itália, Valcamónica, Paspardo, Dos Sotto Laiolo, rocha 2 e levantamento da rocha 4 (Fonte: arquivo MSA/LJ e Abreu et al. 1988)



Fig. 5 Itália, Valcamónica, Paspardo, Dos Sotto Laiolo, rocha 4. Placar com texto em braille e imagem em relevo de homem com pá da Idade do Ferro. (Foto: Tiziana Cittadini — CCSP)



Fig. 6 Dos Sotto Laiolo, rocha 2. Placar com texto em braille e imagem em relevo de um guerreiro da Idade do Ferro. (Foto: Tiziana Cittadini — CCSP)

JAFFE, Tamiris Rocha Santana; ABREU, Milla Simoes de & CITTADINI, Tiziana (2014) "Um parque para todos...? Acessibilidade Inclusiva."



Fig. 7 Cadeirantes da Associação Sãoraimundense de Deficientes Físicos visitando o Parque Nacional da serra da Capivara (Fonte: <http://www.saoraimundo.com/>). O melhoramento das trilhar para tornar possível a visita a pessoas em cadeira de rodas ou de mobilidade reduzida (Fotos: FUMDHAM)

REVISTA ALTERIBI, ISSN 2183-2927, Vol. 1 (1): 159-169.

A experiência no Parque Nacional da Serra da Capivara

Uma outra experiência de tornar os sítios com arte rupestre mais acessíveis portadores de deficiências foi levada a cabo em três circuitos / trilhas dentro do território do Parque Nacional Serra da Capivara no Piauí.

É possível hoje para cadeirantes visitarem 16 sítios nos circuitos do Baixão da Pedra Furada, a Jurubeba e o Baixão do Perna, incluindo o famoso Boqueirão da Pedra Furada, a Toca do Sítio do Meio, a Casa do Alexandre e o miradouro do Baixão das Andorinhas.

Para que tal fosse possível a arquiteta Elizabete Buco da FUMDHAM, fez um projecto em que foram eliminados os obstáculos de acesso, criando rampas colocando corrimãos e re-enforçando as passarelas para maior segurança.

Os sítios do parque podiam ficar ainda mais acessíveis se, por exemplo, fosse possível fazer a visita com um guia que saiba língua brasileira de sinais ou “Libras”. Atualmente não existe também nenhum material em braille sobre a Serra da Capivara.

Infelizmente o esforço feito no Parque Nacional Serra da Capivara não tem ainda reflexo na zona. Assim alojamento com quartos para cadeirantes, banheiros e outras estruturas adaptadas para todos os tipos de deficiências ainda são raros.

Conclusões

Para que pelo menos alguns dos sítios de arte rupestre possam ser acessíveis para todos era necessário fazer:

- Adaptação de equipamentos e instalações às necessidades
- Adequar o sistema de transporte e alojamento local
- Melhorar a comunicação e sinalização
- Qualificar e treinar profissionais do setor
- Criar roteiros e produtos adaptados

Estas alterações embora tenham custos podem ser não só socialmente positivas mas também economicamente.

Segundo as estatísticas são 25 milhões os deficientes no Brasil. A língua Libras por exemplo é “falada” por 5 milhões de brasileiros e em muitos são os casos apesar o avanço dos aparelhos auditivos, muitos mais os não ouvem ou só o fazem parcialmente e os cegos são 4 milhões. Representam portanto um larga fatia da população e tem portanto um peso econômico considerável.

Referências

- ABREU, Mila Simões de; Angelo FOS-SATI e Ludwig JAFFE (1988). *Breve Guida all'arte rupestre di Dos Sotto Laiolo, Paspardo. (Riserva Regionale Incisioni Rupestri di Ceto, Cimbergo, Paspardo)*. 24p. Valcamónica: Edizione della Cooperativa Archeologica “Le Orme dell’Uomo”. [Consult. 2014.04.30] Disponível em <URL: <http://www.rupestre.it/lajolo/lajolo.html>>
- ANÓNIMO (Organização Mundial da Saúde). (2011). *Relatório mundial sobre a deficiência / World Health Organization, The World Bank*. 232p. São Paulo: Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência. [Consult. 2014, 04.30] Disponível em <URL: <http://turismoadaptado.files.wordpress.com/2012/03/relatorio-mundial.pdf> (2014)
- ANÓNIMO. S/D. *Parque Nacional Serra da Capivara. Acessível a todos*. 6p. São Raimundo Nonato: FUMDHAM, Parque Nacional Serra da Capivara, IBAMA.
- CARVALHO, Stella Maria Sousa (2012). *Acessibilidade do Turismo no Parque Nacional Serra da Capivara — PI. Turismo em Análise*. 23(2): 437-463. São Paulo: DRPPT/ECA/USP.

Links

- <http://turismoadaptado.files.wordpress.com>
- <http://digability.wordpress.com/>
- <http://acessibilidadeemmuseus.blogspot.pt>
- <http://acessocultura.org/>
- <http://www.sagetraveling.com/highlights-of-athens-accessible-cruise-excursion>

3. Posters

Arqueologia Rupestre, um contributo ao estudo da Arte Rupestre Brasileira. O caso do Testa Branca II, Estreito

Ariana Silva Braga

Unidade de Arqueologia, Departamento
de Geologia, Universidade de Trás-os-Montes
e Alto Douro (UTAD)

Resumo: Trataremos neste artigo do processo metodológico de levantamento rupestre direto aplicado ao sítio Testa Branca II (TBII) após as escavações e a constatação da existência de gravuras em sub-superfície.

Palavras chave: Arte Rupestre Património
Testa Branca

Abstract: We will address in this article of the methodological process of direct rock site survey applied to Testa Branca II (TBII) after excavation and the finding of prints in the subsurface.

Keywords: Rock-art Heritage Testa Branca

Introdução

O Sítio Testa Branca II (TBII), foi localizado em 2001 pela equipe do Núcleo Tocantinense de Arqueologia (NUTA) durante o programa de Salvamento e Monitoramento do Patrimônio Histórico, Cultural, Paisagístico e Arqueológico, na extensão do traçado do eixo da Ferrovia Norte/Sul (SALTFENS), entretanto as intervenções no mesmo ocorreram somente nove anos após sua descoberta pelo programa de Levantamento e Salvamento Arqueológico, Cultural, Histórico e paisagístico da UHE (Usina Hidrelétrica) — Estreito (SALESTREITO) que impactou diretamente a área do sítio. Logo decidiu-se elaborar um levantamento rupestre sistemático que permitisse a salvaguarda da informação mesmo com a inundação do sítio. Assim sendo empreendemos uma campanha de escavação que buscou evidenciar toda a margem do paredão rochoso revelando-nos gravuras até os níveis 100-105 cm. Sendo assim após a evidenciação das gravuras pudemos efetuar o levantamento rupestre e remontar todo o sítio digitalmente.

1. Localização

O sítio arqueológico TBII está localizado entre as cidades de Carolina — MA e Estreito — MA (Figura 1), a beira do Rio Tocantins do seu lado direito.

Está na compartimentação geomorfologia do domínio morfo-estrutural da Depressão do Tocantins seu substrato é constituído pela Formação Sambaíba.

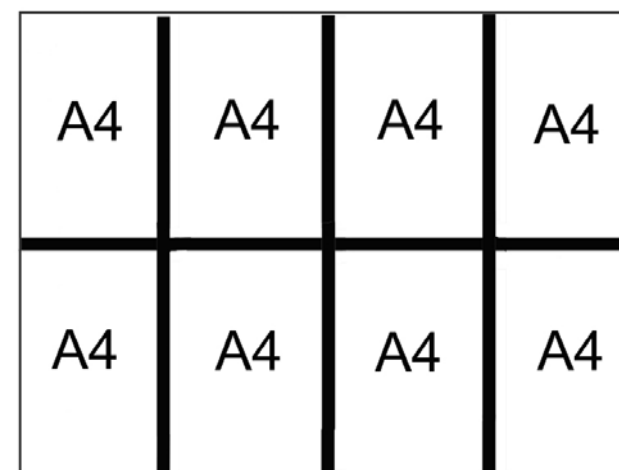
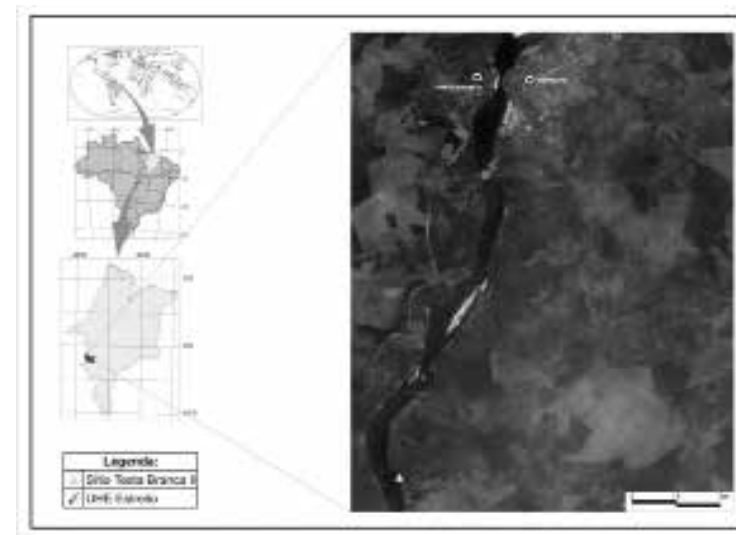
O sítio foi implantado em um abrigo sob-rocha e suas áreas adjacentes. O abrigo em si é pequeno e de difícil acesso, entretanto sua parede direita, tendo em vista a visão frontal do mesmo, se estende formando um grande paredão levemente inclinado, onde encontra-se a maior concentração de gravuras.

2. Metodologia

O termo Arqueologia rupestre surge em 1989, resume-se no estudo sistemático da Arte-Rupestre, como material arqueológico. Sendo este baseado em uma metodologia de campo bem definida, contemplando a totalidade do sítio, pois “*a not complete reproduction, exactly like a digging not well conducted, has no archaeological value*” (Fossati e Arcá, 1997), além da percepção tecnológica para a manufatura da Arte-Rupestre e observação sistemática das sobreposições.

A Arqueologia Rupestre prevê a correlação da Arte-Rupestre com os demais materiais arqueológicos, sendo esta tratada como parte do contexto,

BRAÇA, Ariana Silva (2014). “Arqueologia Rupestre: um contributo ao estudo da Arte Rupestre Brasileira. O caso do Testa Branca II, Estreito MA-RR.”



Revista ALTER IBI | ISSN 2183-2927 | Vol. 1 (1): 171-178.

Fig. 1 Localização do sítio Testa Branca II. Autor: Saulo Rocha.

Fig. 2 Folha de levantamento, exemplo da junção das folhas A4. Demarcação dos limites pela margem azul. Autor: Ariana Braga.

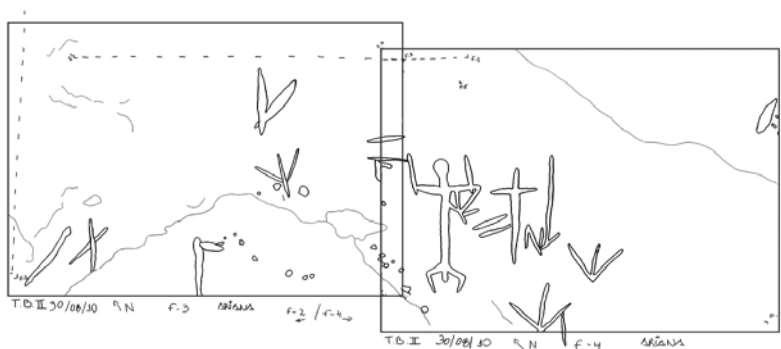
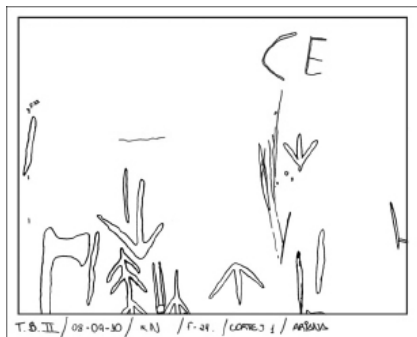


Fig. 3 Exemplo de folha de levantamento.
Autor: Ariana Braga. Acervo:
UNITINS/NUTA.

Fig. 4 Exemplo de junção das folhas
de decalque. Autor: Ariana Braga. Acervo:
UNITINS/NUTA.

Fig. 5 Resultado da montagem e limpeza
do levantamento. Autor: Ariana Braga.
UNITINS/NUTA.

BRAÇA, Ariana Silva (2014). "Arqueologia Rupestre: um contributo ao estudo da Arte Rupestre Brasileira. O caso do Testa Branca II, Estreito MA-RR."

“deste modo a Arte Rupestre passa a ter sua interpretação realizada com maior validade e abrangência” (Netto, 2001:70).

Arte-Rupestre é mais que contemplação estética esta é uma fonte de informação arqueológica, entretanto “os estudos de Arte-Rupestre, através de seus métodos, técnicas e teorias, muitas vezes induzem ao tratamento como algo distinto do registro arqueológico” (Netto, 2001:27), todavia este é um erro ao qual não se pode mais deixar levar, pois “the archaeological point of view in petroglyph analysis is intended to be of primary importance” (Fossati e Arcá, 1997) sendo necessário construir um novo olhar sobre Arte-Rupestre, tirando-se da marginalidade do estudo arqueológico, analisando-se como parte integrante deste contexto tão importante como qualquer outra linha de investigação arqueológica capaz de trazer-nos uma enorme gama de informação para agregar aos outros campos desta área do conhecimento.

Visto que este tipo estudo somado às outras áreas desta ciência é de fundamental importância para melhor compreensão da área estudada, não sendo a Arte-Rupestre nem mais nem menos importante que as outras áreas, sendo de igual importância para o conhecimento arqueológico.

Percebendo que grande parte dos sítios rupestres correm risco de desaparecer devido sua fragilidade frete as forças do intemperismo, conclui-se que a documentação é de fundamental importância para salvaguardar dados para atuais e futuras pesquisas. Logo o investigador precisa ser o mais claro possível ao elaborar sua documentação, pois o seu registro pode se tornar a única fonte futura para outros investigadores.

Neste sentido buscou-se elaborar uma documentação clara seguindo certos critérios para o levantamento das gravuras, estes tiveram base na metodologia descrita no manual *Rupestrian Archaeology, Techniques and Terminology A Methodological Approach: Petroglyphs* (Fossati, Jaffé e Abreu, 1990), que se resume no levantamento direto das gravuras por meio de plástico cristal com espessura de dez milímetros em tamanho pré-determinado e canetas permanentes de cores variadas para identificar cada ocorrência.

Os critérios para a execução do trabalho de campo seguiu os seguintes parâmetros:

1. Visita prévia ao sítio para planejamento dos trabalhos, definição da melhor metodologia a ser aplicada e avaliação dos materiais necessários.
2. Divisão dos painéis foi elaborada para dinamizar a execução do levantamento, pois o objetivo era compreender o sítio de forma global. Mesmo assim esta divisão foi elaborada tendo em vista as falhas no suporte e áreas de vazio.

3. Quadriculação de toda a área gravada, de forma “imaginária” levando-se em consideração as quadriculas da escavação e representando a linha do sedimento no levantamento, para não se perder o controle das camadas estratigráficas da escavação no próprio levantamento. Logo quando há cotas negativas no painel temos o corte e o nível de todos os sulcos encontrados em contexto estratigráfico. Podendo assim correlacionar a estratigrafia arqueológica com a estratigrafia rupestre.
4. Levantamento da área com todas as folhas em tamanho igual, sendo a somatória de oito folhas A4 (Fig. 2), tamanho estabelecido no manual citado a cima.
5. Sulcos e picos representados na cor preta.
6. Fissuras da rocha contornadas em vermelho.
7. Grafites atuais e informações adicionais que por ventura surgiram sinalizados em azul.
8. Marcas das junções das folhas de levantamento assinaladas por linhas tracejadas em azul e remarcando os ângulos de 90° do retângulo na folha sobreposta.
9. Informações dispostas nas margens do levantamento (Fig. 3): sigla do sítio, data do levantamento, norte magnético, número da folha, corte da escavação que está correlacionado e nome do autor do levantamento.
10. Fotográfico *in loco* de todas as folhas com e sem o plástico, para que se obtivesse ambos exemplares do registro fotográfico e do levantamento.
11. Desenho em croqui de todas as folhas decalcadas para demonstrar as áreas de encaixe e sua posição.
12. Séries de tomadas fotográficas de todo o painel para a construção de panorâmicas.
13. Tomadas fotográficas individuais por conjuntos de imagens, principalmente as áreas de maior concentração gráfica, para que assim tivesse suporte fotográfico para ser comparado ao levantamento, amenizando ao máximo as dúvidas nas fases seguintes, buscando maior aproveitamento e dinamismo no processo de análise.

Os trabalhos laboratoriais foram elaborados tendo em conta os dados coletados em campo por meio dos quais foram feitas as remontagens e análises, da seguinte forma:

1. Digitalização das folhas de levantamento sendo esta elaborada por meio fotográfico.
2. Limpeza das folhas de levantamento logo após a digitalização, utilizando o software Adobe Photoshop CS5.

3. Junção das folhas (Fig. 4) utilizando-se o software Adobe Photoshop CS5 seguindo as indicações tracejadas do levantamento e o croqui do levantamento.
4. Limpeza da imagem (Fig. 5) retirando todas as margens e informações de junção, permanecendo somente as gravuras, os grafites e as fraturas.
5. Os sulcos de cada painel foram medidos e tiveram descritas sua forma de execução. Todos os dados foram anotados em uma ficha de análise descritiva e ainda inseridos em uma planilha quantitativa.

Observa-se que toda a preocupação tida em campo foi de fundamental importância para a digitalização do sítio constatando que o trabalho sistemático em campo, resultou em uma reconstrução extremamente clara e relativamente rápida do sítio. Entretanto foi observado que o trabalho laboratorial feito pelo próprio pesquisador que fizera o levantamento resulta com muito mais eficácia e dinamismo. Não sendo inviável que outra pessoa o faça, entretanto percebe-se que esta terá mais dificuldade nas remontagens por não conhecer o suporte, sabendo que este gera uma serie de mutações no levantamento quando que se trata de uma superfície tridimensional em formato bidimensional. Sendo esta uma problemática, que não chega a inviabilizar muito menos anular os trabalhos de levantamento direto. Houve a tentativa de amenizar esta problemática com a junção do levantamento com a fotografia, que mesmo sendo um suporte bidimensional, fornece certa perspectiva. Isto somado a um bom conhecimento topográfico do suporte gera bons resultados sendo a transformação dimensional um detalhe a ser tido em conta e não um problema para as análises.

Conclusões

A confirmação da existência de gravuras também em níveis negativos foi de fundamental importância para a continuidade dos trabalhos, pois com a escavação da proximidade dos painéis e a descoberta da totalidade das gravuras resultou para além do levantamento integral do sítio, uma amostra do contexto arqueológico. Sendo este contexto de fundamental importância para a Arqueologia Rupestre e principalmente para as futuras datações das camadas diretamente ligadas as gravuras, tendo em vista a significativa quantidade de carvão coletada durante as escavações e os blocos gravados encontrados associados a estes níveis.

Ao fim da reconstituição dos painéis que proporcionou a visualização total do sítio em formato digital, constatou-se que houve dois grandes períodos de

ocupação distintos correlacionados a dois períodos identificáveis no pacote arqueológico o primeiro lítico entre os níveis 210 cm-170 cm e o segundo lito-cerâmico 100 cm-30 cm.

As camadas líticas encontram-se nas cotas mais profundas próximas a rocha matriz por volta dos dois metros de profundidade, demonstrando que estas camadas poderão ser correlacionadas às gravuras encontradas entre 50-105 cm de profundidade, sendo estas produzidas por técnica diferenciada priorizando a utilização das cúpulas para formar os motivos desejados.

Relacionou-se as gravuras entre os níveis 40 cm negativo as gravuras mais altas em níveis positivos 200 cm, com as camadas lito-cerâmicas sabendo que esta área estaria com acesso dificultado pela altura aos ocupantes da primeira cama, além dos motivos escolhidos para ocupação destas região do suporte estarem ligados a realidade dos grupos horticultores, onde observamos a presença de fitomorfos e machados, cujo motivo ocupa área de maior visibilidade de todo o sítio, sendo esta a mais alta por volta de 150 cm a 200 cm positivos.

Em fim espera-se que esta área tenha maior visibilidade arqueológica, afinal possui um grande potencial, que vem sendo dissolvido gradativamente devido a falta de políticas públicas para proteção deste patrimônio, além da ausência de pesquisadores interessados a trabalhar nestas áreas.

Referências

- FOSSATI, A. e Arca, A. (1997). *Tracing the past. Tracce, Online Rock Art Bulletin*. Valcamonica. Nº. 7. Acedido em 23/08/2011 em www.rupestre.net/tracce.
- FOSSATI, A., Jaffe, L; e Abreu, M. (1990). *Rupestrian Archaeology. Techniques and Terminology. A Methodological Approach: Petroglyphs*. Cooperativa Archeologica Le Orme dell' Uomo. Brescia.

- NETO, C. (2001). *A Arte Rupestre no Brasil; Questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação*. (Tese de doutorado em Ciência da Informação UFRJ). Rio de Janeiro.

A utilização dos SIGs como ferramenta de apoio a análise do ambiente e gestão do património arqueológico: um estudo de caso no semiárido brasileiro

Luana Campos*
José Martinho Lourenço**

*Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Geologia, Unidade de Arqueologia, Bolseira CAPES

E-mail:
lcampos.ms@gmail.com

**Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Geologia, Centro de Geociências da Universidade de Coimbra.

E-mail:
martinho@utad.pt

Resumo: Os Sistemas de Informação Geográfica (SIG) permitem o armazenamento de informações e a manipulação sistemática de dados geográficos, suportando a tomada de decisões e análises isentas das relações entre o ambiente e os sítios arqueológicos. Estas relações contribuem significativamente para a compreensão da dinâmica ambiental ao longo de um determinado tempo, com vista à análise das variações climáticas que com ela possam relacionar-se. Por outro lado, permitem uma melhor aplicabilidade dos planos de gestão ao património arqueológico, como se pode observar na análise realizada no sítio Toca do Baixão do Perna I, Piauí, Brasil.

Abstract: The Geographic Information Systems (GIS) allow the storage of information and the systematic manipulation of geographic data, supporting decision making and free relations between the environment and the archaeological sites analysis. These relationships contribute significantly to understanding the environmental dynamics over a given time, for the consideration of climate variations with which it can relate. On the other hand, allow a better applicability of the management plans of the archaeological heritage, as can be seen in the analysis performed on the website Toca do Baixão do Perna I, Piauí, Brazil.

Keywords: GIS Arqueologia Environment Heritage

Palavras chave: SIG Arqueologia Ambiente Património

Introdução

Ao longo dos anos de aplicação dos Sistemas de Informação Geográfica, muitas foram as utilizações atribuídas aos mesmos, ultrapassando a sua funcionalidade descritiva para uma aplicação analítica (Ferla, 2011) em diferentes áreas de conhecimento.

Pela sua versatilidade de aplicações, podemos encontrar várias definições para SIG (Dueker, 1979; Burrough, 1986; Cowen, 1988; Aronoff, 1989; Bonham-Carter, 1994), sendo, para efeitos do presente artigo, entendido como um sistema de hardware, software, informação espacial e procedimentos computacionais que permite e facilita a análise, gestão ou representação do espaço e dos fenómenos que nele ocorrem.

Nesta perspetiva, o SIG foi aplicado como método de auxílio interpretativo em três sítios arqueológicos distintos, para fins da tese de doutoramento de um dos dignitários (L. Campos), dos quais, como exemplo, abordaremos aqui apenas um.

Trata-se do sítio arqueológico Toca do Baixão do Perna I, localizado no Parque Nacional Serra da Capivara, Estado do Piauí, Brasil (Figura 1)

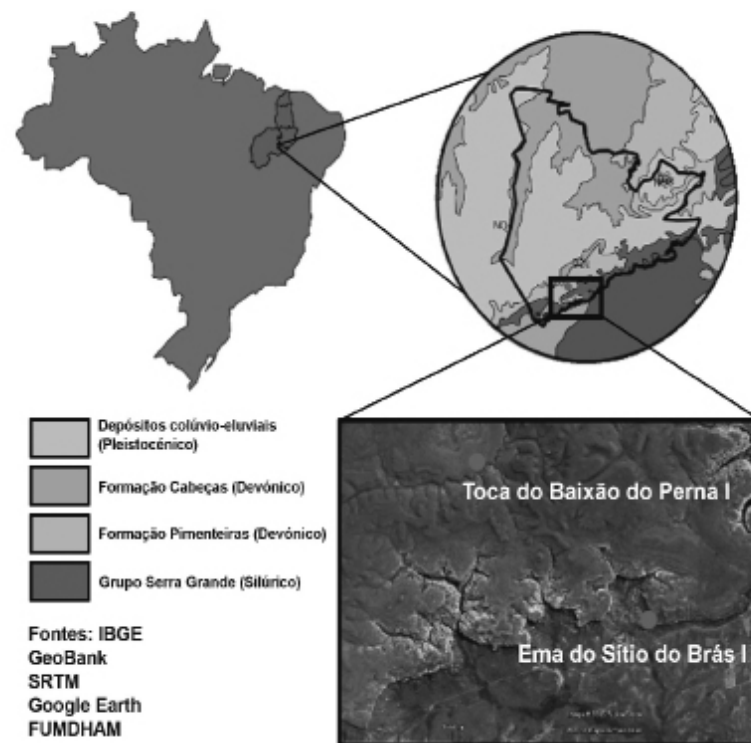
O objetivo da pesquisa desenvolvida enquadra-se na utilização do SIG, como ferramenta de apoio à análise do ambiente. Sendo o paleoclima o vértice principal da investigação, conjugado com outras metodologias de análise. Com base nas informações obtidas, é possível clarificar algumas questões acerca da gestão do património arqueológico, tais como a conservação e a estratégia de escavação.

1. Metodologia

Para a base de dados necessária ao desenvolvimento da análise pretendida foi utilizada a *frame* de elevação *Shuttle Radar Topography Mission* (SRTM), desenvolvida pelo projeto internacional *National Geospatial-Intelligence* (NGA) e a *National Aeronautics and Space Administration* (NASA), em conjunto com as agências espaciais alemã e italiana, a partir de voos realizado em Fevereiro de 2000 (Farr *et al.*, 2007). Para além desta, foram utilizados dados vetoriais obtidos de diferentes agências de informação, conforme se sintetiza no Quadro I.

CAMPOS, Luana & LOURENÇO, José Martinho (2014) "A utilização dos SIGs como ferramenta de apoio a análise do ambiente e gestão do património arqueológico: um estudo de caso no semiárido brasileiro."

Parque Nacional Serra da Capivara Piauí/Brasil



Revista ALTER IBI | ISSN 2183-2927 | Vol. 1 (1): 179-191.

Fig. 1 Mapa de localização e enquadramento geológico do sítio Toca do Baixão do Perna I, Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil. (CAMPOS *et al.*, 2013)

Quadro I — Características das bases de dados utilizadas na análise e respetivas fontes

Dados	Fontes	Especificações
SRTM	EMBRAPA (Brasil)	Formato: GEOTIFF (16 bits) Resolução espacial: 90 metros Unidade de altitude: metros Referenciação: Coordenadas Geográficas, Datum WGS-84 Fonte: http://www.relevobr.cnpem.embrapa.br/download.htm
Estado do Piauí	CPRM (Serviço Geológico do Brasil)	Mapa Estadual do Piauí à escala 1:1.000.000 SIG lançado em 2006 Fonte: http://www.cprm.gov.br/publique/mapa_piaui.pdf
Rede de drenagem	CPRM — Serviço Geológico do Brasil	Escala 1:1.000.000 Referenciação: Coordenadas Geográficas, Datum WGS-84 Tabela de atributos extraída de GEOBANK em 29/06/2010 Base de dados geológicos do CPRM Fonte: http://geobank.sa.cprm.gov.br/
Geologia	CPRM (Serviço Geológico do Brasil)	Escala 1:1.000.000 Referenciação: Coordenadas Geográficas, Datum WGS-84 Tabela de atributos extraída de GEOBANK em 29/06/2010 Base de dados geológicos do CPRM Fonte: http://geobank.sa.cprm.gov.br/

Para estabelecimento dos parâmetros de análise, recorreu-se a autores como Carlos A. F. Monteiro (1976), citado por Carlos Oscar Júnior (2012), para o qual os fatores de análise climática podem ser enquadrados em 3 níveis (Quadro II).

Quadro II — Enquadramento dos fatores de análise climática (adaptado de Monteiro, 1976, in Oscar Júnior, 2012)

Nível	Função	Fatores de atuação	Técnicas de Análise
Zonal	Diversificação	Latitude, altitude, continentalidade, movimento de rotação da Terra.	Caracterização geral comparativa
Regional	Organização	Exposição, forma e orientação do relevo	Rede Transeptos
Local	Especialização	Geomorfologia, geografia, pedologia e biogeografia	Análise Espacial

Os três níveis acima citados foram sobrepostos para obtenção de um único resultado (síntese), visto que para a obtenção de dados locais são necessárias

informações zonais e regionais que suportem as especificações desejadas. Para tanto, foi aplicada a modelação espacial do tipo preditivo (Oliveira *et al.*, 2007) que consiste na identificação dos locais mais prováveis para a ocorrência de condicionantes climáticos, com base em critérios pré-estabelecidos.

No sítio de análise foram identificados fatores relacionados com a sua complexidade topográfica (altitude, declive e exposição solar), proximidade a cursos de água (paleocursos ou cursos de água atuais) (Reyes Fernandes *et al.*, 2000) e áreas erodidas por paleorrios, como fatores preponderantes. Cada um destes fatores contribui com uma importância diferenciada, conforme os pesos que se indicam no Quadro III.

Quadro III — Pesos atribuídos aos diferentes fatores em análise

Factor	Peso do factor
Altitude	20%
Declive	20%
Exposição solar	15%
Proximidade a cursos de água	25%
Identificação de áreas erodidas por paleorrios	20%

Para cada fator foram estabelecidas classes com intensidades que variam entre 0 e 2, sendo 0 (zero) a condição nula, ou seja, sem valor para o modelo em análise, 1 (um) relativo a classes com possível relevância e 2 (dois) para classes importantes dentro do objetivo em análise (Quadro IV).

Quadro IV — Pesos atribuídos aos diferentes fatores e intensidade das classes respectivas

Factor	Peso do factor	Classes	Intensidade da classe	
Altitude (Z)	0.20	Z > 600 metros	2	
		300 < Z ≤ 600 metros	1	
		Z ≤ 300 metros	0	
Declive	0.20	≤45%	forte ondulado	0
		45 a 75%	montanhoso	2
		≥75%	Escarpado	1
Exposição Solar	0.15	Áreas horizontais		2
		0° — 45°		2
		45° — 135°		1
		135° — 225°		2
		225° — 315°		1
Proximidade a cursos de água (PA)	0.25	PA ≤ 10 metros		2
		10 < PA ≤ 50 metros		1
		PA > 50 metros		0
Identificação de áreas erodidas por paleorriós	0.20	Sim (Z ≤ 300 metros)		2
		Não (Z > 300 metros)		0

2. Resultados preliminares

Como primeiros resultados do trabalho proposto foi elaborada uma série de mapas temáticos, correspondentes a cada um dos fatores estabelecidos, que possibilitaram a identificação dos critérios com maior influência sobre a área direta e indireta do sítio arqueológico, do ponto de vista ambiental.

Para a análise final do trabalho, em desenvolvimento, serão considerados outros fatores, de entre os quais se referem a cobertura do solo e a proximidade a linhas de cumeeira, cujo desenvolvimento obrigará à obtenção de dados ainda indisponíveis. Contudo, por uma questão didática, apresentam-se abaixo os mapas com aspetos de maior relevância para o entendimento das dinâmicas ambientais e por consequência, do património (figuras 2 a 5).

CAMPPOS, Luana & LOURENÇO, José Martinho (2014) "A utilização dos SIGs como ferramenta de apoio a análise do ambiente e gestão do património arqueológico: um estudo de caso no semiárido brasileiro."

Revista ALTER IBI | ISSN 2183-2927 | Vol. 1 (1): 179-191.

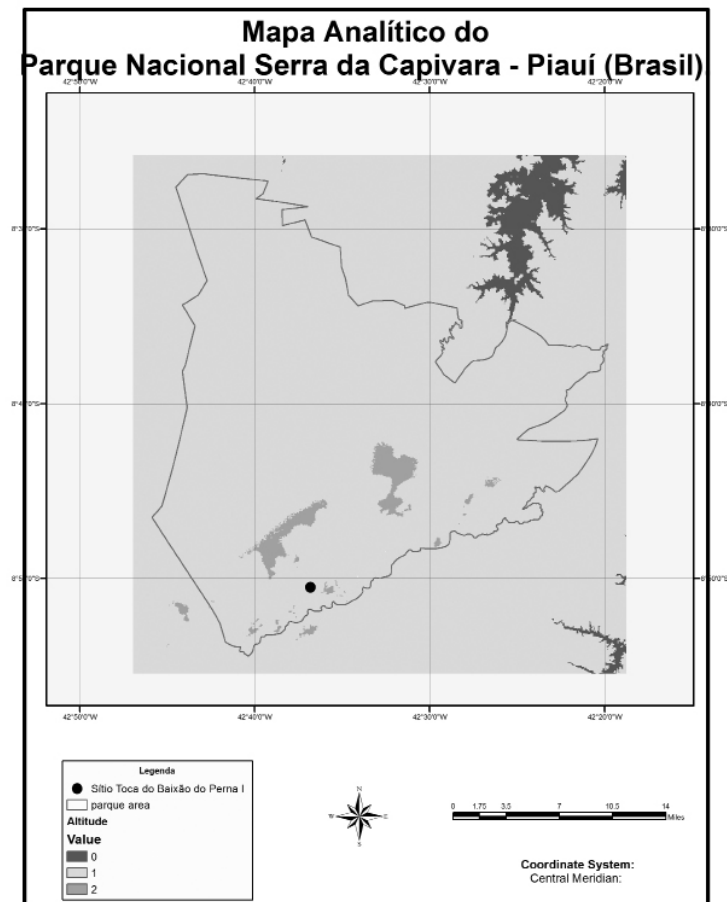


Fig. 2 Mapa de altitudes da área envolvente ao Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí (Brasil) (intensidades das classes conforme Quadro IV).

O mapa acima (figura 2) demonstra que o sítio Toca do Baixão do Perna I localiza-se entre 300 e 600 metros altitude acima do nível do mar (a.n.m), não apresentando influência positiva relativamente ao critério altitude, visto que está numa zona de classe 1.

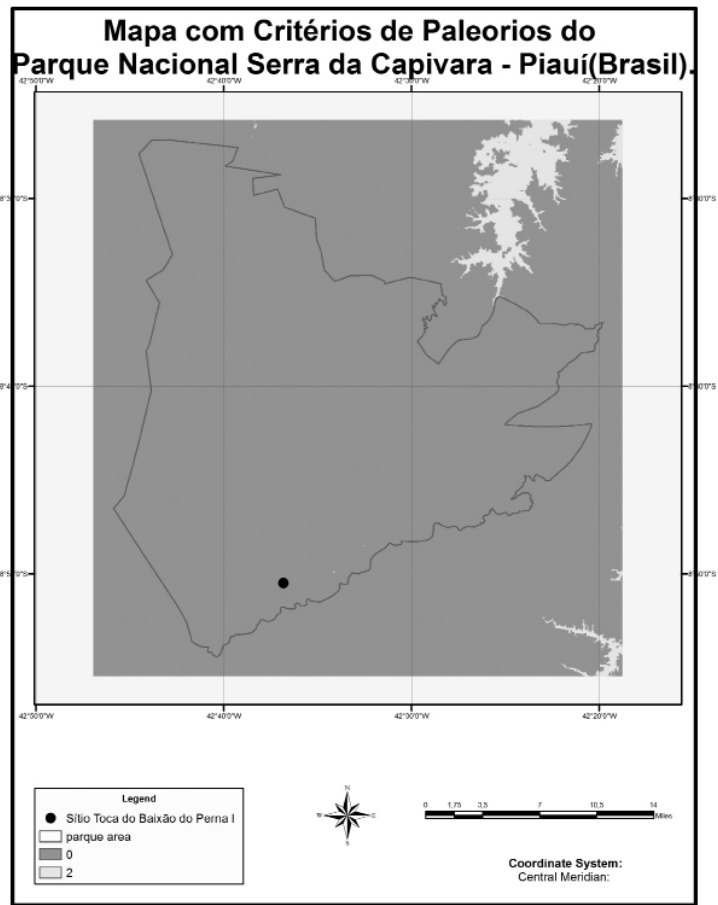


Fig. 3 Mapa de presença/ausência de paleorrios da área envolvente ao Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí (Brasil) (intensidades das classes conforme Quadro IV).

A indicação de áreas com erosão singular observada no mapa acima (figura 3), foi diretamente associada à existência de paleorrios. Da análise da figura observa-se que o sítio Toca do Baixão do Perna I se localiza em zona atualmente plana. Contudo é preciso considerar que os dados apresentados neste mapa são correspondentes ao que é observável a partir de mapas recentes. De facto, deveria ter-se em conta que na paleopaisagem a proximidade a leitos com água poderia ser diferente. Esta possibilidade corresponderia a paleocorências, as quais não vamos referenciar neste artigo.

CAMPPOS, Luana & LOURENÇO, José Martinho (2014) "A utilização dos SIGs como ferramenta de apoio a análise do ambiente e gestão do património arqueológico: um estudo de caso no semiárido brasileiro."

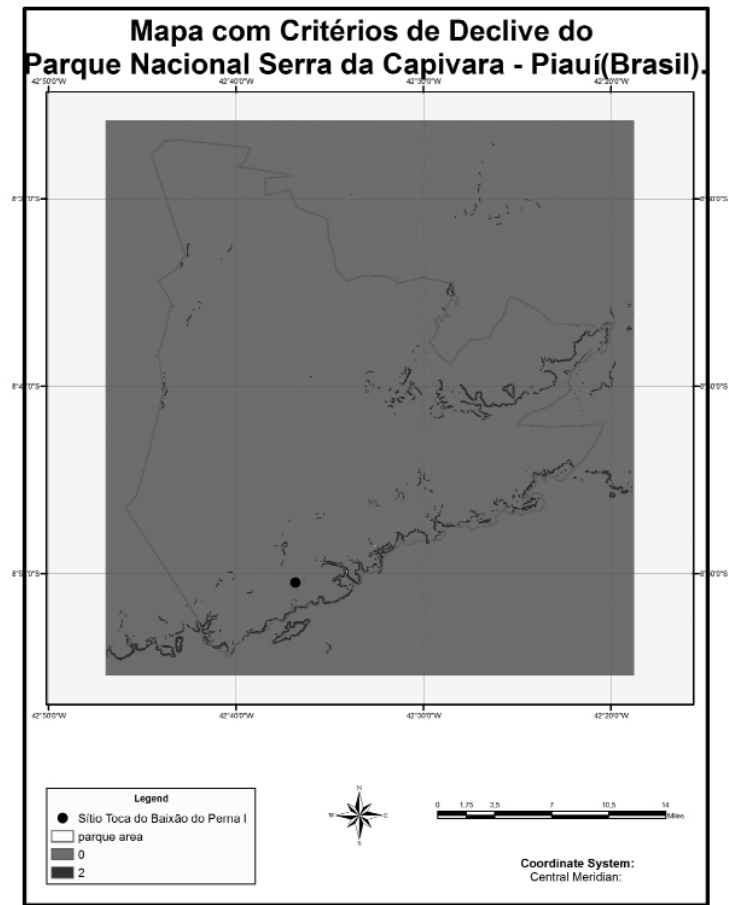


Fig. 4 Mapa de declives da área envolvente ao Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí (Brasil) (intensidades das classes conforme Quadro IV).

O mapa de declives, elaborado com base nos critérios estabelecidos no quadro IV, demonstra que o sítio se localiza em classe de declive forte ondulado, a que corresponde o valor zero. Contudo, a área imediata apresenta declives muito mais acentuados, como pode observar-se nas linhas marcadas a azul, o que demonstra a necessidade de uma análise mais cuidada do fator anteriormente referido, caso se consiga informação altimétrica de maior resolução.

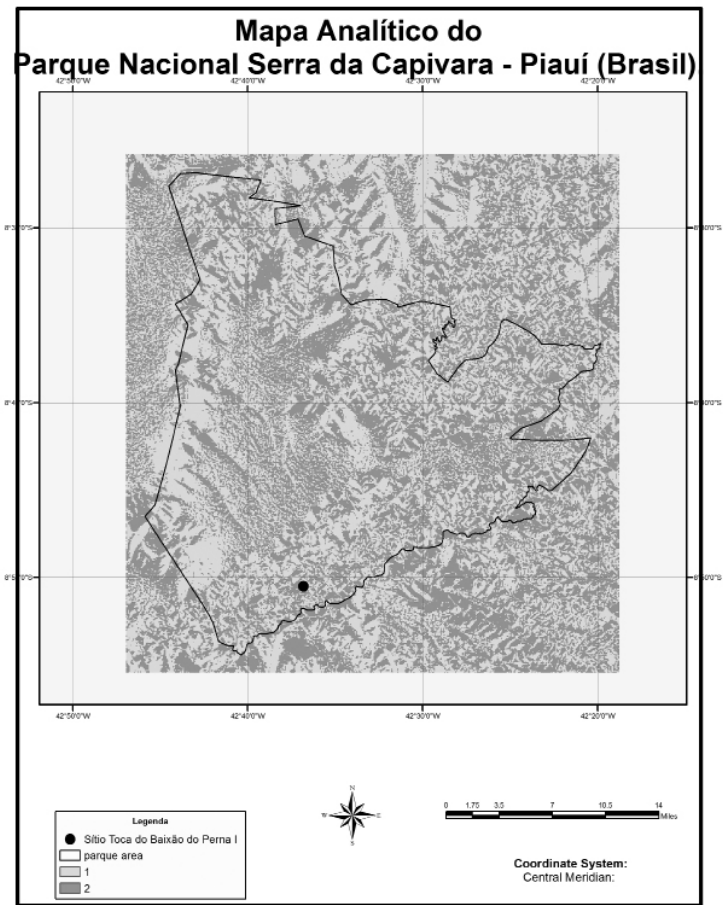


Fig. 5 Mapa de exposição solar da área envolvente ao Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí (Brasil) (intensidades das classes conforme Quadro IV).

O mapa de exposição solar apresentado na figura anterior demonstra que o sítio se encontra numa área de transição de classes (Sol Parcial [1] e Sol Constante [2]). Neste contexto, esse fator apresenta uma influência média do sol em relação ao Sítio Toca do Baixão do Perna I.

Recorrendo à álgebra de mapas, aplicando os critérios que se sintetizam no Quadro IV, realizou-se a análise dos fatores anteriormente descritos, da qual resultou o mapa da figura 6.

CAMPPOS, Luana & LOURENÇO, José Martinho (2014) "A utilização dos SIGs como ferramenta de apoio a análise do ambiente e gestão do patrimônio arqueológico: um estudo de caso no semiárido brasileiro."

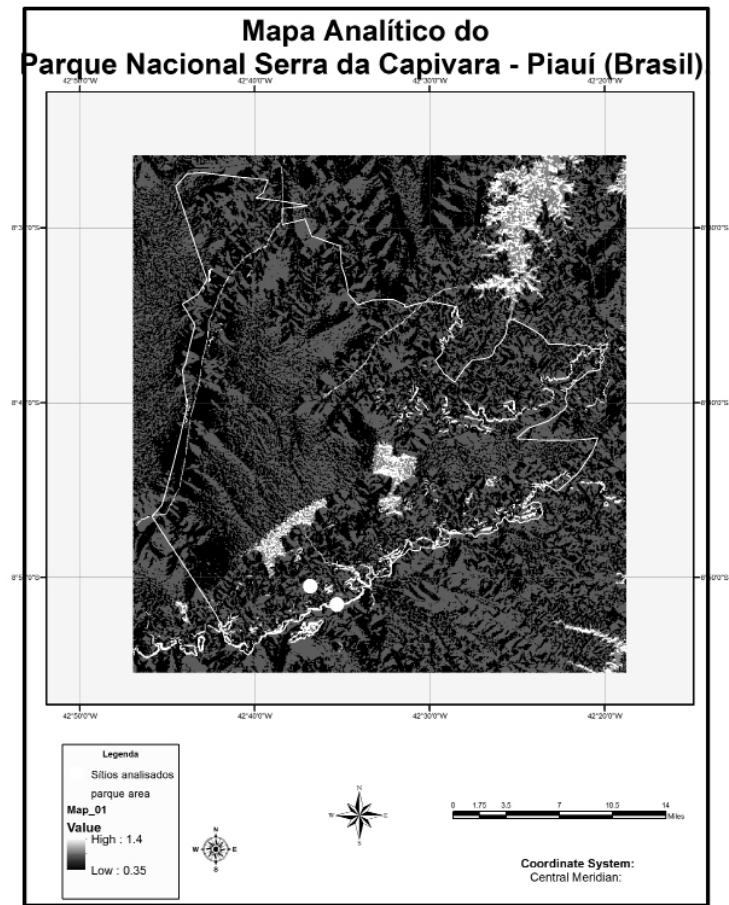


Fig. 6 Mapa de análise multifatorial da área envolvente ao Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí (Brasil) (fatores e pesos conforme Quadro IV).

A conjugação dos fatores, expressa sob a forma de uma escala de tons cinza, indica, através das tonalidades mais claras, as zonas com maior probabilidade de ocorrência de alterações na paisagem relacionadas com alterações climáticas.

Conclusões

Como se pode observar para o Sítio Toca do Baixão do Perna I, a análise dos fatores específicos demonstra que a probabilidade de ocorrência de alterações na paisagem relacionadas com alterações ambientais é quase nula neste sítio.

Contudo, a aplicação dos mesmos critérios a outro sítio da região (Toca da Ema do Brás I), evidencia uma maior influência, demonstrando uma dinâmica diferenciada entre os dois sítios que concorda com as alterações observadas na cultura material dos dois sítios.

As diferenças ambientais entre as duas realidades, apontam para que a conservação ou planos de conservação, a serem aplicadas aos sítios, devem ser diferenciada, visto que as influências ambientais são distintas.

Referências

ARONOFF, Stanley (1989). *Geographic Information Systems: A Management Perspective*. Ottawa: WDL Publications.

BONHAM-CARTER, Graeme (1994). *Geographic Information Systems for Geoscientist. Modeling with GIS*. Nova Iorque: Pergamon.

BURROUGH, Peter A. (1986). *Principles of Geographic Information Systems for Land Resources Assessment. (Monographs on Soil And Resources Survey)*. Oxford: Clarendon Press.

CAMPOS, Luana; Rui TEIXEIRA & Anabela REIS. (no prelo) A importância do estudo petrográfico de lâminas delgadas de sedimentos na clarificação de questões arqueológicas, Piauí/Brasil. *Anais do VI Young Researchers in Archaeology Conference*. de 07 a 11 de maio de 2013. Barcelona.

COWEN, David J. (1988). SIG versus CAD versus DBMS: what are the differences *Photogrammetric Engineering and remote Sensing*, 54: 1551-1555.

DUEKER, Kenneth J. (1978). *Land Resources information systems: a review of fifteen years experience*. Technical Report No. 110, Institute of Urban and Regional Research, Iowa City, IA. University of Iowa.

FARR, Tom G.; Paul A. ROSEN; Edward CARO; Robert CRIPPEN; Riley DUREN; Scott HENSLEY; Michael KOBRICK; Mimi PALLER; Ernesto RODRIGUEZ; Ladislav Roth; David SEAL; Scott SHAFFER; Joanne SHIMADA; Jeffrey UMLAND; Marian WERNER; Michael OSKIN; Douglas BURBANK & Douglas ALSDORF (2007). The Shuttle Radar Topography Mission. *Reviews of Geophysics*, 45: 01-33.

CAMPOS, Luana & LOURENÇO, José Martinho (2014) "A utilização dos SIGs como ferramenta de apoio a análise do ambiente e gestão do património arqueológico: um estudo de caso no semiárido brasileiro."

FERLA, Luis (2011). O SIG do passado tem futuro? o Projeto do curso de História da Unifesp. *Anais do III Jornada Latinoamericana e do Caribe do GVSIG*. 13 e 14 de Outubro. [consult. 25/03/2014]. Disponível em
<URL:http://downloads.gvsig.org/download/events/jornadas-lac/3as-jornadaslac/articles/Article-Futuro_SIG_curso_historia_Unifesp.pdf>

OLIVEIRA, Antonio M. M., Sérgio A. F. PINTO & Francisco L. NETO (2007). Caracterização de indicadores da erosão do solo em bacias hidrográficas com o suporte de geotecnologias e modelo predictivo. *Estudos Geográficos*, 5: 63-86.

OSCAR JÚNIOR, Antonio C. S. (2012). Noções teóricas complementares à questão climática atual: discutindo hierarquia, escala e variabilidade. *GeoGrafias - Revista do departamento de geografia e do programa de pós-graduação IGC-UFMG*, 8 (2): 108-121.

REYES FERNANDES, Julio P., Elisabete Caria MORAES, Sérgio Henrique FRANCHITTO & Vadlamudi Brahmananda RAO (2000). Estudo climático preliminar sobre a América do Sul em escala regional usando o RegCM2. *Anais do XI Congresso Brasileiro de Meteorologia*. Rio de Janeiro. [consult. 25/03/2014]. Disponível em
<URL <http://www.cbmet.com/cbm-files/12-0ec219f53becadfe649d799a333adb58.pdf>>

WORBOYS, Michael F. & Matt DUCKHAM (1995). *GIS: A Computing Perspective*. Londres: Taylor and Francis.

Os Remanescentes de Quilombo como Territórios Criativos: A Gestão Construtivista da Memória e da História Comunitária como fio condutor para a Gestão de um Patrimônio Vivo de Interesse Global

Jefferson Crescencio Neri

Unidade de Arqueologia, Departamento de Geologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD)

E-mail: jeffersonneri@hotmail.com

Resumo: Os Quilombos procuram na sua história e no seu patrimônio o fundamento da sua existência. São também a memória de tempos em que a liberdade era o mais importante.

Abstract: The Quilombos looking at its history and its heritage the foundation of its existence. They are also the memory of times when freedom was the most important.

Palavras chave: Gestão Cultural Comunidade Quilombo

Keywords: Cultural Management Community Quilombo

A proteção da “Comunidade Local” como sistema de intrínsecas relações culturais e ambientais (com normas próprias à territorialidade, à base da identidade) em estreita ligação à biodiversidade (Princípio 22 da ECO 92), é abrangida em toda sua variedade pela Declaração da Diversidade Cultural de 2002. Embora o direito à indenização pelo uso industrial do ditos “conhecimentos tradicionais” reforce esta proteção, poderá descaracterizá-la se tais conhecimentos forem separados da identidade e da territorialidade, percebidos só no seu valor intrínseco como bem de mercado.

No Brasil, de várias comunidades locais resultantes de processos históricos e multiculturais, apenas os poucos grupos indígenas restantes e os ditos Remanescentes de Quilombo receberam explícita proteção legal.

Estes últimos, são fruto da resistência africana à escravidão, configurando descendentes dos Quilombos históricos, ou mesmo de escravos e negros livres que formaram posses seculares e territorialidades à base da ancestralidade e do uso comum da terra, recebendo tutela étnica e cultural como definida nos arts. 215 e 216 da Constituição.

Como são processos étnicos dinâmicos, sua proteção como tal, efetivar-se-á na sustentabilidade de suas territorialidades e identidades, numa gestão que fortaleça a memória e as práticas e dialogue com desenvolvimento e direitos humanos.

Neste sentido, apresentamos o método de gestão cultural comunitária, desenvolvido em nossa dissertação de Mestrado, no Território Saco das Almas (Brejo, Maranhão, Brasil), que alia a recolha oral, cultural, arqueológica e de uma cartografia social, à capacitação e envolvimento dos moradores para o desenvolvimento de uma gestão construtivista da memória e história social, que resultou numa peça teatral comunitária e exposição museográfica e que favoreceu manifestações culturais próprias.

Este processo é a base para uma gestão do Patrimônio Quilombola como autênticas economias criativas, percebendo estas realidades étnicas como Patrimônio vivo, cujas importância ambiental e inditória o configura como de interesse para o Patrimônio Global.



Fig. 1 Metodologia de Gestão Cultural Comunitária Desenvolvida

NERI, Jefferson Crescencio (2014) "Os Remanescentes de Quilombo como Territórios Criativos: A Gestão Construtivista da Memória e da História Comunitária como fio condutor para a Gestão de um Patrimônio Vivo de Interesse Global."

Referências

- ALBERNAZ, Renata Ovenhausen; WOLKMER, Antonio Carlos (2008). As questões delimitativas do direito no pluralismo jurídico. In: *Revista do Curso de Pós-Graduação em Direito da UFSC*, ano XXVIII, nº 57. Estudos jurídicos e políticos. Florianópolis: Fundação Boiteux.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. (ed) (2007). *Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia*. Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos. Fascículo 8, quilombolas de caxias. São Luís: ACONERUQ.
- ANDRADE, Maristela de Paula (1999). *Terra de Índio: terra de uso comum e resistência do camponês*. São Luís: EDUFMA.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig (2010). A memória do tempo de cativo no Maranhão. In: *Tempo*. Rio de Janeiro. 15(29): 67-110.
- AYRES, Genny Magna de Jesus Mota (2002). *Pretos, Brancos e Agregados em Saco das Almas*. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais UFBA). Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS (2010). *Legislação sobre Patrimônio Cultural*. Brasília. 366 p.
- DERANI, Cristiane (2002). Patrimônio genético e conhecimento tradicional associado: considerações jurídicas sobre seu acesso. In: LIMA, André. (org.). *O direito para o Brasil socioambiental*.: 145-167. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris Editor.
- FERRETI, Sergio (1997). Sincretismo afro-brasileiro e resistência popular. In: *V. Congresso Afro-Brasileiro*. 12p. Salvador.
- FREIRE, Paulo (1997). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 165 p. São Paulo: Paz e Terra.
- FRUTOS, Juan Antonio Senent (2003). Sociedad del Conocimiento, Biotecnología y Biodiversidade. In: *HILEIA: Revista de Direito Ambiental da Amazônia*. (2):115-144. Manaus, Secretaria da Cultura do Amazonas -/ UEA.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu (2001). Heterogeneidade e conflito na interpretação do Quilombo dos Palmares. In: *Revista de História Regional*. 6(1): 11-38. Ponta Grossa: Editora UEPG.
- GOMES, Flávio dos Santos (1995). *Histórias de Quilombolas. Mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro - século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- LEI 12.343/2010. *Plano Nacional da Cultura*. (Em especial quando trata dos Territórios Criativos)
- NERI, Jefferson Crescencio. (2011). *Saco das Almas e a Construção da Gestão Cultural Comunitária: Identidade, Direitos Humanos, Memória e Pré-história nos Territórios Quilombolas do Baixo Parnaíba Maranhense*. (Dissertação de Mestrado). 218 p. Tomar: IPT.
- NETO, Joaquim SHIRAISHI (2005). "Crise" nos Padrões Jurídicos Tradicionais: o direito em face dos grupos sociais portadores de identidade coletiva. XIV Congresso Nacional do Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito, Fortaleza. [Consult. 2014-04-30] Disponível em <URL: http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/Joaquim_Shiraishi_Neto.pdf

- PRADO, Regina de Paula Santos (2007). *Todo ano tem: as festas na estrutura social camponesa*. Coleção Antropologia e Campesinato no Maranhão. Vol. 1. São Luís: EDUFMA.
- RUBIO, David Sánchez, ALFARO, Norman J. Solórzano (2003). Nuevos colonialismos del capital: Propriedad intelectual, Biodiversidad y Derecho de los Pueblos. In: *HILEIA: Revista de Direito Ambiental da Amazônia*. 1: 39-61. Manaus, Secretaria da Cultura do Amazonas / UEA.
- SÁ, Lais Mourão (2007). *O Pão da Terra: propriedade comunal e campesinato livre na Baixada Ocidental Maranhense*. São Luís: EDUFMA.
- SACHS, Ignacy (2003). O tripé do desenvolvimento includente. In: *HILEIA: Revista de Direito Ambiental da Amazônia*. 2: 105-108. Manaus: Secretaria da Cultura do Amazonas / UEA.
- SAHLINS, Marshal David (1997a). O “Pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: porque a Cultura não é um objeto em via de extinção - II. In: *MANA: Estudos de Antopologia Social*. 3(1) 41-73. [Consult. 2014-04-26] Disponível em <URL: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2455.pdf>>
- SAHLINS, Marshal David (1997b). O “Pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: porque a Cultura não é um objeto em via de extinção - I. In: *MANA: Estudos de Antopologia Social*. 3(2): 103-150. Rio de Janeiro: Pós-Grad. Antrop. Social UFRJ. [Consult. 2014-04-26] Disponível em <URL: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n2/2442.pdf>>
- SALES, Celecina de Maria Veras (1984). *Os Descendentes de Timóteo: lutas camponesas e interferência do Estado numa área de conflito no Baixo Parnaíba – Maranhão*. São Luís: Caritas Brasileiras.
- SILVA, Dimas Salustiano da (1997). Constituição e Diferença Étnica: O problema jurídico das comunidades negras remanescente de quilombos no Brasil. In: *Regulamentação de terras de negros no Brasil. Boletim Informativo NUER//Fundação Cultural Palmares*, 1(1) . 2ª Ed.. Florianópolis: UFSC.
- SOUZA FILHO, Benedito de (2008). *Os Pretos de Bom Sucesso: terra de preto, terra de santo, terra comum*. 316 p. São Luís: EDUFMA

Resumos

Autores que não apresentaram artigo

CÍNTHIA DOS SANTOS
MOREIRA BISPO
Escritos e Fragmentos
que sobrevivem do Maranhão

Palavras chave:

Arte Rupestre Maranhão
Memória Patrimônio

O Maranhão apresenta um campo de pesquisa muito escasso no que diz respeito à linha de estudos arqueológicos. Apesar de alguns estudos terem sido iniciados ainda em finais do século XIX, muito pouco ainda pode ser encontrado em artigos científicos, periódicos e jornais. Os sítios arqueológicos foram encontrados e citados pelos irmãos Lopes, que dedicaram parte de suas vidas aos estudos sobre os mais variados contextos para a compreensão sobre ocupação, povoamento, vegetação, economia, dentre outros temas ligados ao Maranhão, fazendo parte desse levantamento, estudos arqueológicos. Apesar disso, o acervo arqueológico e patrimonial do Maranhão é enorme; alguns sítios foram localizados e carecem de levantamento, catalogação, isto é, de estudos, que possam propiciar um melhor conhecimento desse território do Brasil. Observamos necessidade de realização de estudo de três sítios arqueológicos, que contém inscrições rupestres, localizados no Estado

do Maranhão. Estes sítios estão inseridos em três cidades do Maranhão, que apresentam grafismos e pinturas, trazendo uma série de questionamentos, que pretendemos compreender. A compreensão das gravuras e pinturas, identificação nos possibilitam ainda uma abordagem sobre os primeiros grupos que ocuparam esta região.

ANTONIO JOSINALDO SILVA
BITENCOURT & DOMINGOS
ALVES DE CARVALHO JÚNIOR
Novos Olhares, para Velhas
Questões: a visitação turística em
sítios arqueológicos de Cocal
de Telha-Piauí

Palavras chave:

Turismo Arqueológico
Patrimônio histórico Cocal de Telha
Campo Maior Piauí

O município de Cocal de Telha localiza-se na região norte do Piauí, integrando o “Território dos Carnaubais” que tem como centro Campo Maior. Embora tenha sua emancipação política elevada na década de 90 do século passado, a região já havia sido densamente ocupada por grupos pretéritos antes mesmo da chegada do colonizador a essas terras, demonstrado pelos sítios arqueológicos pré-históricos de grafismos rupestres espalhados por parte significativa desse território. A presente

RESUMOS Autores que não apresentaram artigo

pesquisa propõe analisar o patrimônio arqueológico pré-histórico e histórico e sua inserção nos roteiros de visitação turística do Piauí. A partir de um levantamento bibliográfico e visitas in loco em diferentes sítios, possibilitou montar um quadro de oferta de diferentes atrativos e principalmente as possibilidades de comercialização desses atrativos. Os sítios de arte rupestre encontram-se bastante conservados o que facilita sua inclusão em roteiros de visitas. Porém, a distância entre a sede municipal e os sítios dificulta a chegada do visitante até o atrativo, por se tratar de uma área próxima ao Parque Nacional de Sete Cidades faz necessário pensar outras possibilidades como a comercialização de produtos ligados ao patrimônio arqueológico.

DOMINGOS ALVES
DE CARVALHO JÚNIOR
Guia de Turismo No Piauí:
eu conheço essa História

Palavras chave:

Turismo Guia de Turismo
Formação profissional
História Piauí

A história do Guia de Turismo no Piauí confunde-se com a própria história do Turismo no estado, teve início no

final dos anos 80 do século passado, com a formação da primeira turma. Antes mesmo da regulamentação da profissão no alvorecer dos anos 90. O trabalho propõe uma reflexão sobre a profissão e o profissional no Piauí, onde as discussões propostas têm como objetivo refletir sobre a contribuição desses profissionais para o desenvolvimento do Turismo no Estado. O percurso metodológico partiu de uma pesquisa bibliográfica sobre a história do Turismo no Piauí e entrevista com Guias de Turismo. Os resultados demonstraram que a formação profissional do Guia de Turismo foi elemento importante para o incremento do Turismo no estado, uma vez o Turismo emissor foi sempre o grande nicho de mercado no Piauí.

TAINARA DE SANTANA
CASTRO; MARINA SILVA
CARVALHO; ALESSANDRA
DE ARAÚJO BASTOS SANTANA
& DOMINGOS ALVES
DE CARVALHO JUNIOR
Vamos Passear no Cemitério?
Uma Visita Guiada pelo
Patrimônio Funerário do
Sudeste do Piauí

Palavras chave:

Cemitério Patrimônio fúnebre
Acervo História Piauí

Na vastidão ora solitária da caatinga do sudeste do estado do Piauí encontram-se muitos cemitérios: com estacas, amontoados de pedras, lápides de arenito gravadas, cruzeiros recobertos com musgo e lápides que o tempo lida em apagar. O interesse pelo estudo/inventário do patrimônio funerário do sudeste do Piauí revela muito mais que um patrimônio fúnebre, mas a própria história da região. A pesquisa ao identificar, localizar e registrar os cemitérios destacando seu acervo material e imaterial, inventariando o patrimônio existente e contribuindo para o estudo da formação cultural da região. Os cemitérios existentes (São Raimundo Nonato, Caracol, Canto do Buriti) estão em precário estado de conservação, situação constatada durante as visitas de campo, mas ainda guardam um importante acervo

a ser estudado e visitado. Embora tome o inventário como aspecto singular para a análise, a pesquisa busca o aspecto coletivo dos cemitérios enquanto patrimônio.

NIÈDE GUIDON; CRISVANETE
DE CASTRO AQUINO; TÂNIA
MARIA DE CASTRO SANTANA
& ANNELEISE DA SILVA NEVES
Sítio Toca da Roça do Justino
Aquino VI

Palavras chave:

Sítio arqueológico Serra do Grotão
Escavação Material lítico

Apresentamos os primeiros resultados sobre o sítio arqueológico Toca da Roça do Justino Aquino VI, localizado na serra do Grotão entre os municípios de João Costa e Coronel José Dias, no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí. Inserido num contexto de 30 sítios cadastrados pela Fundação Museu do Homem Americano-FUMDHAM. O sítio apresenta pinturas rupestres na base do solo atual, adentrando no subsolo — um abrigo com paredão rochoso de 25m x 8m e solo que permite intervenções em subsuperfície em toda sua extensão. Realizou-se uma escavação em 2012 com objetivo de evidenciar vestígios arqueológicos datáveis que permitisse situar cronologicamente o contexto ocupacional do sítio. Foram

RESUMOS Autores que não apresentaram artigo

abertos dois setores nomeados de A e B em pontos estratégicos com cotas altimétricas diferenciadas para se conhecer a estratigrafia do sítio. A importância arqueológica do sítio ficou evidente a partir da estratigrafia que apresenta uma alternância de camadas ocupacionais com fenômenos antrópicos bem caracterizado, a saber: 2 estruturas de fogueiras, 347 fragmentos de placas encontradas em maior abundância no subsolo, tendo em vista que o paredão está bastante perturbado pelas intempéries que ocasionaram o deslocamento e 609 peças líticas associados a restos de carvão. As datações de radiocarbono e AMS de amostras de carvão revelaram uma sequência cronológica para as ocupações que variam de 5120 AP anos +/- 30 correspondente a -1,5m de profundidade a 10.940 BP AP anos +/- 40 correspondente a -4,85m quando ainda não se atingiu a rocha base.

RONIEL DE ARAÚJO IBIAPINA
& DOMINGOS ALVES
DE CARVALHO JÚNIOR
A Tela Rupestre:
As Representações Gráficas
na Área Arqueológica de Campo
Maior-Piauí

Palavras chave:

Patrimônio conservação percepção
cultura São Raimundo Nonato

A cidade de São Raimundo Nonato cada vez mais vem se destacando com suas potencialidades turísticas, principalmente pelo Parque Serra da Capivara que é patrimônio da Humanidade. O presente trabalho tem como finalidade discutir sobre a importância da conservação do Patrimônio Histórico e Arqueológico de São Raimundo Nonato-Piauí. O objeto de estudo para análise da pesquisa foi o centro histórico da cidade com seus casarões com característica colonial, praças. Durante a pesquisa foi diagnosticado que esse patrimônio a cada dia vem sendo perdido por falta de incentivo em revitalizar, muitos já foram derrubados e até mesmo pela valorização do turismo apenas no Parque Serra da Capivara e não fomentando um turismo histórico/cultural. Com a destruição desse Patrimônio histórico da cidade, vem se destruindo também a identidade da comunidade Sanraimundense uma vez que a identidade de

uma comunidade está também na sua história. Cada casa ou edifício é a representação física de muitas memórias vividas por um povo e sua conservação se faz necessária.

DEUSDÉDIT CARNEIRO LEITE FILHO

Arte Rupestre no Maranhão: desafios e perspectivas.
Eixo Temático: Gestão e infra-estrutura

Palavras chaves:

[Arte Rupestre Maranhão](#)
[Produção do Conhecimento](#) [Gestão](#)

O Estado do Maranhão ocupa uma grande área geográfica de transição de diversos domínios paisagísticos caracterizados por ambientes de floresta equatorial úmida que gradativamente torna-se mais seca a leste, cerrados no centro sul e uma extensa planície costeira com um litoral de 640 km com áreas de manguezais, reentrâncias e sistemas dunares. Este território foi ocupado por sucessivas populações cuja antiguidade recua até o momento a 9.000 anos ap: caçadores coletores, grupos sambaquianos, ceramistas sedentários em ambientes de terra firme, lacustres e aldeamentos de diferentes contextos sócio culturais. Por ser uma bacia de formação sedimentar essa região apresenta características

geomorfológicas específicas com poucos afloramentos cristalinos ao norte, sendo que nas outras áreas ocorrem paredões areníticos em chapadas e tabuleiros ou rochas nos leitos e margens dos inúmeros recursos hidrográficos, geralmente encaixados e direcionados ao norte. A utilização desses suportes rochosos como base para representações materializadas em conjunto de signos visuais por populações pretéritas ocorreu de forma sistemática com motivações distintas, sendo que atualmente, apesar do baixo investimento de pesquisa nessa região, são conhecidos mais de 60 sítios. Esses testemunhos estão seriamente ameaçados e suscetíveis a degradação por causas naturais e interferências antrópicas, sendo que até o momento são raras e isoladas as ações de pesquisa e gerenciamento visando o seu reconhecimento, preservação e divulgação. Este trabalho apresenta um breve histórico de pesquisas, atualiza informações sobre a distribuição territorial desses sítios, assinala as graves deficiências na gestão desses recursos, e aponta alguns esforços visando incrementar a produção científica sobre esses testemunhos no estado do Maranhão.

RESUMOS Autores que não apresentaram artigo

RÔMULO MACÊDO BARRETO
NEGREIROS
“(...) só com muita moderação e trabalho se domam aos costumes humanos (...)”:: o imaginário popular e os índios Pimenteira

Palavras chave:

[Arqueologia](#) [História](#)
[Capitania do Piauí](#) [Índios Pimenteira](#)
[Imaginário Popular](#)

O Sertão das Pimenteiras, último reduto “não civilizado” da capitania do Piauí, foi, entre os anos 1769 e 1815, palco de conflitos entre os índios Pimenteira e os colonizadores. Os colonos almejavam ocupar essas terras principalmente para dar seguimento à expansão da indústria agropastoril no interior da América Portuguesa. Os índios, por longos tempos habitantes efetivos desse sertão, foram para os colonos um empecilho para a ocupação da área. Os Pimenteira atacavam constantemente as fazendas de gado, matando e afugentando seus moradores. Partindo da relação espacial que os assentamentos indígenas mantinham com as fazendas de gado atacadas, objetivamos entender como se configuraram as territorialidades de ambos os grupos no sudeste da capitania do Piauí durante a guerra da conquista. Métodos de reconhecimento arqueológico de território no sudeste do Piauí e extremos norte baiano, como o

levantamento documental, prospecção de superfície, imagens de satélite e informações orais coletadas nas comunidades foram usados para a identificação dos assentamentos de ambos os grupos. Neste trabalho nos debruçaremos sobre o imaginário popular a respeito dos índios e de seus descendentes, verificando a evolução e continuidade dessa visão ao longo do tempo, com destaque para o tema da “lagoa encantada da pimenteira”.

GABRIEL FRECHIANI DE OLIVEIRA; ANA CLÉLIA B. CORREIA; MARIA CONCEIÇÃO S. M. LAGE & SORAIA DIAS DE BRITO E SILVA
As Pinturas Rupestres do Sítio Arqueológico Toca da Invenção, Parque Nacional Serra da Capivara — Pi: Um Estudo de Caso.

Palavras chave:

[Arqueologia](#) [Arte Rupestre](#)
[Antropologia](#) [Parque Nacional Serra da Capivara](#) [Tradição de pinturas Nordeste](#)

Este trabalho tem por finalidade abordar as pinturas rupestres do sítio arqueológico Toca da Invenção, localizado no Parque Nacional Serra da Capivara, na região sudeste do estado do Piauí. A presente pesquisa justifica-se pela importância da

configuração do registro gráfico rupestre desse sítio arqueológico, evidenciando os aspectos do universo simbólico dos grupos humanos pré-históricos que ali habitaram. O presente local é um espaço que possui vestígios pré-históricos e históricos de ocupações de grupos humanos, apresentando uma perspectiva interessante para compreendermos a leitura do registro arqueológico na região, tendo sido realizadas escavações arqueológicas no local, fornecendo uma datação direta de 6 mil anos atrás. O objetivo principal é analisar as pinturas rupestres desse sítio como forma de registro de vida, representando elementos do seu cotidiano; evidenciar a questão classificatória das pinturas rupestres, ressaltando a relação entre o complexo estilístico Serra Talhada e o estilo Angelim, ambos pertencentes a tradição de pinturas rupestres Nordeste. Por fim, ao término desse trabalho almejamos refletir acerca das pinturas rupestres como forma de comunicação, um receptáculo de memória social dos grupos humanos que ali viveram, sendo a arqueologia uma importante ferramenta para conhecermos esse passado.

GABRIEL FRECHIANI DE OLIVEIRA; ANA CLÉLIA B. CORREIA; MARIA CONCEIÇÃO S. M. LAGE & SORAIA DIAS DE BRITO E SILVA
As Pinturas Rupestres dos Sítios Arqueológicos Toca da Pedra Caída e Racharia da Roça do Edvaldo, Parque Nacional Serra da Capivara — Pi: Um Estudo de Caso.

Palavras chave:

[Arqueologia](#) [Arte Rupestre](#)
[Antropologia](#) [Parque Nacional Serra da Capivara](#) [Tradição de pinturas Nordeste](#)

Este trabalho tem por objetivo abordar as pinturas rupestres dos sítios arqueológicos Toca da Pedra Caída e Racharia da Roça do Edvaldo, localizados na Serra Talhada, no Parque Nacional Serra da Capivara, na região sudeste do Piauí. O presente trabalho justifica-se pela importância das pinturas rupestres como forma de conhecermos o passado dos grupos humanos pré-históricos. Esses dois sítios arqueológicos estão localizados próximos do sítio arqueológico Toca da Invenção, um importante sítio arqueológico no Parque Nacional Serra da Capivara. O objetivo principal é analisar as pinturas rupestres desses sítios como forma de registro de vida, representando elementos do seu cotidiano; evidenciar a questão classificatória das pinturas rupestres, ressaltando

a relação entre o complexo estilístico Serra Talhada e o estilo Angelim, ambos pertencentes a tradição de pinturas rupestres Nordeste. Por fim, ao término desse trabalho almejamos refletir acerca das pinturas rupestres como forma de comunicação, um receptáculo de memória social dos grupos humanos que ali viveram, sendo a arqueologia uma importante ferramenta para conhecermos esse passado.

MIQUELINY DA COSTA SANTOS; RENATA SANTANA PAZ LANDIM NEGREIROS & DOMINGOS ALVES DE CARVALHO JUNIOR
Na Casa das Trempe: a Cozinha Piauiense na Festa da Vaquejada

Palavras chave:

[Gastronomia](#) [Pecuária](#) [Vaquejada](#)
[Cozinha piauiense](#) [Piauí](#)

Preparar, cortar, lavar, peneirar, fritar, assar, cozinhar, pelar, ralar, adoçar, salgar, temperar são alguns verbos presente no dia-a-dia da cozinha brasileira e de modo especial a piauiense. As condições geográficas, climáticas, econômicas e culturais condicionaram a natureza das comidas que impõem o modo de vida material e cultural do povo brasileiro. Dessa forma a cozinha muito mais que um espaço físico, um cômodo da casa, se constitui de um lugar frequentado por inúmeros ingredientes, temperos,

aromas, cores, sabores, festas e alegrias em tempos de escassez e ou abundância, iguarias todas assentadas na diversidade material e cultural de um povo. A cozinha do Piauí está ligada a uma história maior, que confunde com a própria história da pecuária do sertão, nascida no rastro do gado que povoou estas terras do “sertão de dentro”. Dessa maneira a culinária piauiense tem por base a carne de gado seca e a farinha. A pesquisa partiu de uma revisão bibliográfica e análise iconográfica da festa da vaquejada. Os resultados ainda que preliminares, demonstraram a riqueza da mesa piauiense nas reuniões de trabalho na festa da vaquejada.

JOSÉ EDUARDO MELLO SILVA
Educação Patrimonial: Os Usos da cultura e patrimônio a partir das Cartilhas do IPHAN

Palavras chave:

[Educação Patrimonial](#) [IPHAN](#) [Cultura Patrimônio](#)

A presente proposta consiste numa análise das cartilhas de educação patrimonial proposta pelo IPHAN. Entender quais os usos e definições, isto é, quais os discursos e práticas acerca da cultura e do patrimônio são disseminados pelo referido Órgão Federal. Concordando com o surgimento da definição de Patrimônio a partir do

entendimento de Teixeira (2008), no qual Patrimônio é o conjunto de bens pertencentes ao pater, no sentido de herança, legado, ou seja, aquilo que o pai deixa para os filhos. Logo essa herança pode ser caracterizada como Patrimônio Cultural, um aprofundamento da categoria anterior, esse último vem enquadrar uma série de subdivisões do patrimônio: material e imaterial (artístico, paleontológico, arqueológico, histórico etc.), bem como sua comunicação com outras áreas que auxiliam na sua manutenção, como a museologia, por exemplo. Nesse sentido, a educação patrimonial vem se manifestar como uma proposta de conhecimento, manutenção, que torna acessível e estimula o público em geral na salvaguarda da memória de um grupo social.

ADRIANA MAYRA ALMEIDA SOARES & TÂNIA MARIA DE CASTRO SANTANA
Escavação Arqueológica no sítio Toca do Gongo III, Parque Nacional Serra da Capivara, PI.

Palavras chave:

Gongo Escavação Sepultamentos
Arte rupestre

O objetivo deste é apresentar os dados iniciais obtidos com a escavação arqueológica no Sítio Toca do Gongo III, localizado no Parque Nacional

Serra da Capivara, na região do Gongo no município de João Costa — PI, sob coordenadas geográficas 23L 772685/9043155, situa-se na baixa vertente e é constituído por um grande bloco solto do tipo matacão, configurando um abrigo sob-rocha arenítica. A área abrigada do sítio é de aproximadamente 50m de extensão com 7m de profundidade e apresenta duas aberturas, uma ao norte onde há um rebaixamento do teto do abrigo e grande quantidade de blocos caídos, formando um caos de blocos e a outra a oeste, onde localizam-se os painéis de pinturas rupestres. Na parede do abrigo existe uma grande concentração de pinturas na cor vermelha, caracterizadas como tradição Nordeste. O limite superior do painel atinge aproximadamente 4 metros de altura e o limite inferior, estava recoberto por sedimentos que após a escavação permitiu verificar que existem grafismos há aproximadamente 50cm de profundidade em relação ao solo atual. A primeira campanha de escavação no sítio ocorreu de maio a outubro do ano de 2013 e permitiu que 12 enterramentos fossem evidenciados, além de vestígios líticos, cerâmicos, microfauna e estruturas de combustão. Dos 12 enterramentos encontrados, 5 foram totalmente escavados em campo e 7 foram encasulados e transportados para o laboratório

RESUMOS Autores que não apresentaram artigo

de vestígios orgânicos da Fundação Museu do Homem Americano — FUMDHAM, onde estão sendo escavados e analisados minuciosamente.

CLAUDIO MARCIO BARBOSA DE SIQUEIRA & SELMA PASSOS CARDOSO
A Prática da Educação Patrimonial na Arqueologia Brasileira: Um Estudo de Caso no Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno

Palavras chave:

Educação Patrimonial Serra da Capivara Arqueologia Preservação Patrimonial

De acordo com a portaria nº 230 de 17 de dezembro de 2002, publicada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) um projeto de pesquisa e/ou intervenção arqueológica acerca de uma área devem ser previamente liberados pelo órgão e deve conter, dentre muitas coisas, o Programa de Educação Patrimonial. No entanto, não existe um protocolo postulado de como se deve ser desenvolvido esse programa. As cartas patrimoniais, artigos, simpósios e discussões acerca da prática da Educação Patrimonial (EP) podem fornecer uma meta idealizada, porém, nenhum dispositivo assegura, de fato, que seja desenvolvido um programa

eficaz. Cabe, então, uma verificação/observação detalhada das possíveis dicotomias entre a teoria e a prática da educação patrimonial pelos arqueólogos. Para isso o presente projeto busca estabelecer um panorama nacional da Prática da Educação Patrimonial na Arqueologia, e realizar um estudo de caso na região arqueológica do Parque Nacional (PARNA) Serra da Capivara, lançando o olhar sobre os projetos desenvolvidos, executados ou não, pela Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), pelos docentes e discentes do curso de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), e pelo escritório técnico regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nosso objetivo não é qualificar suas ações, e sim de compreender como se tem concebido a prática da EP pelos profissionais, e elencar as principais dificuldades enfrentadas. E por fim, elaborar projetos, propostas e sugestões para solucionar, ou ao menos contribuir para melhoria do exercício da Educação Patrimonial, especialmente na Arqueologia.

Lista de Participantes

Adriana Mayra Almeida Soares (FUMDHAM)	dricamayra01@yahoo.com.br
Adriano de Araújo Lima (UFMA)	adriano_araujolima@hotmail.com
Adriano Sousa Rocha (UFMA)	rochasousa2010@hotmail.com
Aldar Campos Braga (UNOPAR)	aldarcamposbraga@gmail.com
Alessandra de Araujo Bastos Santana (IFPI)	alessandra-srn@hotmail.com
Allan Alves Ribeiro (UNIVASF)	allanalves763@gmail.com
Ana Camila Moura dos Santos (IPHAN)	anacamilamoura@hotmail.com
Ana Caroline Teixeira Maciel (UNIVASF)	anacarolineteixeiramaci1@gmail.com
Ana Stela de Negreiros Oliveira (IPHAN)	anastelanegreiros@hotmail.com
Andréia Tatiane Morais Leal (UFMA)	tatyleal1025@hotmail.com
Annelise da Silva Neves (FUMDHAM)	annelisesn@hotmail.com
Antonio Josinaldo Silva Bitencourt (UFPI)	josinaldobitencourt@hotmail.com
Ariana Silva Braga (UTAD)	arianasilvabraga@gmail.com
Augusto Moutinho Miranda (UNIVASF)	guto_moutinho@yahoo.com.br
Auremilia da Costa Silva (ACOVESC)	auremiliacosta@hotmail.com
Auritana Gomes de Jesus (UNIVASF)	auritana@yahoo.com

LISTA DE PARTICIPANTES

Bruno Vitor de Farias Vieira (UNIVASF)	bvturimologo@gmail.com
Cíntia dos Santos Moreira Bispo (UFMA-UTAD)	csmoreira23@gmail.com
Cláudia Matos Pereira (EBA-UFRJ; FBAUL)	claudiamatosp@hotmail.com
Claudiana Cruz dos Anjos (FUMDHAM)	claudiana.anjos@iphan.gov.br
Cleidiane Carola Carvalho Abreu (IFPI)	carolcarvalho87@hotmail.com
Cristiane de Andrade Buco (ARCHEART, FUMDHAM & IPHAN)	archeart.cons@gmail.com
Crisvanete de Castro Aquino (FUMDHAM)	crisvanete@hotmail.com
Dalina Maria R. O. Diogenes (UNIVASF)	dalinadiogenes@hotmail.com
Deusdédit Carneiro Leite Filho, Secretaria de Estado da Cultura, MA	decalef@ig.com.br
Domingos Alves de Carvalho Júnior (IFPI)	domingosjr@ifpi.edu.br
Eliete de Sousa Silva (ACOVESC)	elieteguia@yahoo.com.br
Elizabeth de Fátima Buco (FUMDHAM)	ebuco@fumdam.org.br
Felipe James Silva de Sousa (UNIVASF)	filipe_james4@hotmail.com
Fernanda Cafe dos Santos (IFPI)	fecafesrn@gmail.com

Fernando Tizianel (PARNA Serra da Capivara — ICMBio)	fernando.tizianel@icmbio.gov.br
Francisco Rafael Lima Farias (UFPI/IPHAN)	frafaellima@hotmail.com
Getúlio Alipio X. De J. Santos (IPHAN)	getulioggg@hotmail.com
Gilvan Aparecido Araujo Santana (IFPI)	gilvan-ifmat@hotmail.com
Iderlan de Souza, (ACOVESC)	acovesc_capivara@yahoo.com.br
Ildéan Silva Morais (UFMA)	ildeansilva3@hotmail.com
Jefferson Crescencio Neri (UTAD)	jeffersoncneri@hotmail.com
José Martinho Lourenço (UTAD)	martinho@utad.pt
Joseane Pereira Paes Landim (IPHAN)	jopereira_historia@hotmail.com
Jussara Ribeiro Lacerda (UNIVASF)	jusribeiro18@hotmail.com
Kelma de Jesus Silva (UFMA)	kelma-silva@hotmail.co.br
Luana Campos (UTAD)	lcampos.ms@gmail.com
Ludwig Jaffe (Projeto 4 Dimensões / 4 Dimension Project — UK)	cambridge4dimension@icloud.com
Luís Jorge Gonçalves (FBAUL)	luisjrg@gmail.com
Manoel Paes de Santana Neto (IFPI)	manoelpantaneto@hotmail.com
Maria Aparecida Pereira (ACOVESC)	cidaguia62@gmail.com

Maria Betania de Castro Passos (UNIVASF)	mariabcastropassos@yahoo.com
Maria da Conceição de Oliveira Miranda (UFPI)	compatchart@yahoo.com.br
Maria das Graças Tavares Silva (UFMA)	gracinha_silva@msn.com
Maria Esterlian Ferreira Silva Alves (UFMA)	esterliamsilva@hotmail.com
Marina Silva Carvalho (IFPI)	marinasrn.gata@hotmail.com
Maura da Silva Vilanova Castro	mauravilanova16@gmail.com
Mauro Alexandre Farias Fontes (UNIVASF)	mauro.farias@univasf.edu.br
Maxim Jaffe (Projeto 4 Dimensões)	cambridge4dimension@icloud.com
Mila Simões de Abreu (UTAD)	msabreu@utad.pt
Milqueliny da Costa Santos (IFPI)	miquelinycosta06@hotmail.com
Niède Guidon, FUMDHAM,	fumdhm@fumdhm.org.br
Nagylla Dias Oliveira (UFMA)	nagyllaoliveira@hotmail.com
Rafael Ribeiro Martins (ACOVESC)	rafael.capivara@yahoo.com.br
Rafaela Fonseca de Oliveira	rafaelafonoliveira@hotmail.com
Raimunda Valdira Ribeiro Santos Mendes (IFPI)	restaurante-saborearte@hotmail.com
Raimundo Nonato Costa de Oliveira (UFMA)	raimundocosta23@gmail.com

Raquel da Silva Santos (UNIVASF)	raquelss2009@yahoo.com
Regiana Coelho de Sousa (UNIVASF)	regiana11@hotmail.com
Renata Santana Paz Landim Negreiros (IFPI)	renata_spnegreiros@hotmail.com
Roberto Costa de Oliveira (IPHAN)	roberto.oliveira@iphan.gov.br
Roniel de Araujo Ibiapina (UESPI)	
Rosa Maria Gonçalves (UNIRIO/ MAST)	rs.1970@live.com
Rosa Trakalo (Trilhas da Cativara)	trilhas@trilhascapivara.tur.br
Roseli de Alencar Soares Pires (UESPI)	roselipir@yahoo.com.br
Sarah Tayran Guerra de Araujo (UNIVASF)	sarahtairan@hotmail.com
Tamires Daniele de Jesus	tam_henrique@hotmail.com
Selma Passos Cardoso (UNIVASF)	selma.passos@univasf.edu.br
Tamyris Rocha Santana Jaffe, Projeto 4 Dimensões,	tamyris_rs@hotmail.com
Tainara Santana Castro (IFPI)	tainaracastro2012@hotmail.com
Tania Maria de Castro Santana (FUMDHAM)	taniasrn@hotmail.com

LISTA DE PARTICIPANTES

Tiziana, Cittadini, Centro Camuno di Studi Preistorici (Itália)	tiziana.cittadini@ccsp.it
Valdir de Sousa (COOMESCQ)	kinabola@hotmail.com
Vanessa Cosma da Silva Mello Iguatemy (UNIVASF)	vanessa.iguatemy@gmail.com
Vanessa da Silva Belarmino (UESPI)	vanessabela18@hotmail.com
Washington Ramos dos Santos Junior	washingtonramos@usp.br



alter

ibi



9 772183 292008 >